

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

Camila Maria Santos Meira Moreira

**“SERÁ QUE NÃO É HORA DE VOCÊ SE RETIRAR?”: As representações do amor no
*podcast Afetos***

Belo Horizonte

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

Camila Maria Santos Meira Moreira

**“SERÁ QUE NÃO É HORA DE VOCÊ SE RETIRAR?”: As representações do amor no
*podcast Afetos***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Prof^a Dr^a Vera Regina Veiga França

Belo Horizonte

2023

301.16 M838s 2023	<p>Moreira, Camila Maria Santos Meira.</p> <p>"Será que não é hora de você se retirar?" [manuscrito] : as representações do amor no podcast Afetos / Camila Maria Santos Meira Moreira. - 2023.</p> <p>154 f.</p> <p>Orientadora: Vera Regina Veiga França.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1.Comunicação – Teses. 2. Amor – Teses. 3.Relações sexuais - Teses. 4.Interseccionalidade (Sociologia) - Teses. I. França, Vera Veiga, 1951-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

“SERÁ QUE NÃO É HORA DE VOCÊ SE RETIRAR?”: As representações do amor no podcast Afetos.

Camila Maria Santos Meira Moreira

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelas professoras:

Prof^a Vera Regina Veiga França - Orientadora
DCM/FAFICH/UFMG

Prof^a Paula Guimarães Simões
DCM/FAFICH/UFMG

Prof^a Viviane Gonçalves Freitas
DCP/FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 20 de junho de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Paula Guimaraes Simoes, Professora do Magistério Superior**, em 20/06/2023, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Viviane Gonçalves Freitas, Professora Magistério Superior-Substituta**, em 20/06/2023, às 17:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vera Regina Veiga Franca, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 03/07/2023, às 09:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2356127** e o código CRC **4A7A5935**.

“Você tem de aprender a sair da mesa quando o amor já não está sendo servido”

(Nina Simone, tradução nossa)

AGRADECIMENTOS

A trajetória do mestrado foi enriquecedora e instigante, mas, acima de tudo, foi desafiadora em diversos sentidos. A conclusão desta dissertação, portanto, só foi possível graças ao apoio, incentivo e colo de muitas pessoas, a quem sou imensamente grata.

Aos meus pais, José Maria e Vanete, pelo apoio incondicional à minha trajetória acadêmica, pela compreensão diante das minhas ausências, pelas orações constantes. Eu consigo sentir o amor irradiar de vocês. A toda a minha família, por ser a minha base. É muito bom saber que, independentemente do que houver, eu sempre tenho para onde voltar.

Aos meus amigos, pelas conversas, desabafos e momentos de descontração que tornaram essa jornada mais leve. Em especial, à Marcela e ao João Lucas, pela companhia diária, pelas risadas, por colocarem meus pés no chão, pela inspiração.

À minha orientadora, Vera França, pela presença constante, pela generosidade, pelas observações cuidadosas e por me tranquilizar nos momentos de insegurança. Obrigada por ser a minha maior professora na jornada da pesquisa, desde a graduação até agora.

Aos meus colegas do GRIS - Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade, pelos diálogos e trocas sempre enriquecedores que contribuíram imensamente para o desenvolvimento deste trabalho. Ao longo dos últimos anos, nossas reuniões mensais despertaram inquietações e me lembraram da minha paixão pela minha pesquisa.

Aos colegas do CORAGEM - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero, pelas discussões tão caras à minha formação enquanto pesquisadora e também enquanto mulher negra. Agradeço, especialmente, por me proporcionarem um espaço seguro e acolhedor em meio às agruras do ambiente acadêmico — nós, mais do que ninguém, sabemos como é.

Ao Orientação Afirmativa, pela motivação e pelos ensinamentos ao longo do processo seletivo do mestrado.

A todas as mulheres negras pesquisadoras que cruzaram meu percurso acadêmico, me dando inspiração e força.

Às professoras Paula Simões e Viviane Freitas, pelas generosas contribuições na banca de qualificação.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão da bolsa ao longo desses dois anos, que me permitiu dedicação exclusiva às atividades do mestrado, fazendo toda a diferença nessa trajetória de pesquisa.

À Universidade Federal de Minas Gerais, por ter mudado a minha vida. Nunca serão suficientes as declarações de amor para essa que tem sido a minha segunda casa desde a graduação. Na UFMG eu descobri que o mundo é imenso. Mais do que uma formação acadêmica, essa instituição me deu amigos, novas perspectivas, experiências transformadoras. Acima de tudo, me deu a mim mesma, pois foi nela que eu me descobri. E por isso eu serei eternamente grata.

Por fim, agradeço a Deus e à espiritualidade por terem me dado forças e discernimento para chegar até aqui.

RESUMO

Sob um olhar comunicacional, este trabalho investiga as representações do amor e das relações afetivo-sexuais construídas no *podcast Afetos*. Pretende-se observar como questões de raça, gênero, classe e outros marcadores interseccionais se entrecruzam na constituição dessas imagens, bem como rupturas e/ou conformidades com discursos hegemônicos sobre as relações amorosas. A fundamentação teórica apresenta uma discussão sobre mulheres negras e a visada interseccional, bem como um levantamento bibliográfico de pesquisas sobre a temática das mulheres negras e a afetividade. Também discute-se o formato *podcast* e uma revisão bibliográfica de pesquisas brasileiras que tematizam a apropriação política do ambiente digital por mulheres negras. Em seguida, há uma caracterização geral do *podcast Afetos* e do recorte de análise da pesquisa, o quadro mensal *Afetos te Ajuda*, onde as podcasters discutem dilemas amorosos enviados por ouvintes. A partir dessa caracterização, é introduzida uma discussão sobre amor e sexualidade. A metodologia empregada consiste na análise de enquadramento dos relatos das ouvintes e das apresentadoras acerca do problema amoroso em discussão e, em um segundo momento, na apreensão dos atravessamentos interseccionais nas interações construídas. As conclusões apontam que dois conjuntos principais de representações são acionadas no programa: o das ouvintes, onde predomina o ideal do amor romântico, e o das apresentadoras, que questionam essa visão idealizada e insuflam as ouvintes a serem autônomas e assumirem o protagonismo de suas escolhas amorosas.

Palavras-chave: representações, relações afetivo-sexuais, interseccionalidade, *podcast*, enquadramento

ABSTRACT

From a communicational point of view, this work investigates the representations of love and affective-sexual relationships constructed in the *Afetos* podcast. It is intended to observe how questions of race, gender, class and other intersectional markers are intertwined in the constitution of these images, as well as ruptures and/or conformity with hegemonic discourses on love relationships. The theoretical foundation presents a discussion on black women and the intersectional approach, as well as a bibliographic survey of research on the subject of black women and affectivity. It also discusses the podcast format and a bibliographical review of Brazilian research that thematizes the political appropriation of the digital environment by black women. Then there is a general characterization of the *Afetos* podcast and the research analysis clipping, the monthly *Afetos te Ajuda*, where podcasters discuss love dilemmas sent by listeners. From this characterization, a discussion about love and sexuality is introduced. The methodology used consists of a framing analysis of the listeners' and presenters' reports about the love problem under discussion and, in a second moment, in the apprehension of the intersectional crossings in the constructed interactions. The conclusions point out that two main sets of representations are activated in the program: that of the listeners, where the ideal of romantic love predominates, and that of the presenters, who question this idealized vision and encourage the listeners to be autonomous and assume the protagonism of their love choices.

Keywords: representations, affective-sexual relationships, intersectionality, podcast, framing

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Revisão de literatura sobre mulheres negras no meio digital com base em eixos temáticos	39
---	-----------

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Corpus da pesquisa distribuído por eixos temáticos	65
--	-----------

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Roda da Vida	90
--------------------------------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 MULHERES NEGRAS, INTERSECCIONALIDADE E AFETIVIDADE.....	18
1.1. Mulher negra: seu lugar particular pela lente interseccional.....	18
1.2. Mulheres negras e a temática da afetividade	26
2 O FORMATO <i>PODCAST</i> E A APROPRIAÇÃO POLÍTICA DO MEIO DIGITAL POR MULHERES NEGRAS.....	32
2.1 O formato <i>podcast</i>	33
2.2 Mulheres negras na internet: uma revisão de literatura.....	37
2.2.1 <i>Beleza negra e empoderamento de mulheres negras</i>	39
2.2.2 <i>Autorrepresentações e construção de imagens da coletividade</i>	41
2.2.3 <i>Influenciadoras digitais negras e empreendedorismo no meio digital</i>	43
2.2.4 <i>Mobilização política no meio digital</i>	44
2.2.5. <i>Comparação entre narrativas de mulheres negras e outras produções</i>	46
3 O <i>PODCAST AFETOS TE AJUDA</i>	48
3.1 O que é o <i>Podcast Afetos</i> : uma caracterização da empiria.....	48
3.2 Sobre as apresentadoras.....	50
3.2.1 <i>Quem é Gabi Oliveira</i>	50
3.2.2 <i>Quem é Karina Vieira</i>	51
3.2.3 <i>Quem é Déia Freitas, integrante fixa do Afetos te Ajuda</i>	51
3.3 O quadro <i>Afetos te Ajuda</i>	53
3.4 Sobre amor e sexualidade: uma breve discussão	54
4 METODOLOGIA.....	62
4.1 Seleção do corpus	63
4.2 Procedimentos de análise	65
4.2.1 <i>Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor</i>	66
4.2.2 <i>Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais</i>	67

5 ANÁLISE: OS ENQUADRAMENTOS DO AFETOS TE AJUDA	69
5.1 Eixo temático 1: Término de relacionamento	69
5.1.1 A história de Jéssica.....	69
5.1.1.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor	70
5.1.1.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais	78
5.1.2 A história de Sofia.....	81
5.1.2.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor	82
5.1.2.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais	88
5.2 Eixo temático 2: Rejeição	93
5.2.1 A história de Karen	93
5.2.1.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor	94
5.2.1.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais	99
5.2.2 A história de Laura	103
5.2.2.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor	104
5.2.2.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais	108
5.3 Eixo temático 3: Incompatibilidade de objetivos/interesses	111
5.3.1 A história de Joana	111
5.3.1.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor	112
5.3.1.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais	119
5.3.2 A história de Patrícia.....	121
5.3.2.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor	122
5.3.2.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais	129
6 CONCLUSÕES.....	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140
ANEXO A - Mapeamento dos episódios do quadro Afetos te Ajuda (4 de fevereiro de 2021 a 3 de março de 2022).....	147
ANEXO B - Mapeamento temático dos episódios de Afetos te Ajuda	152

INTRODUÇÃO

Os discursos sobre o amor e as relações afetivo-sexuais estão presentes nas mais diferentes produções culturais: nas novelas, na literatura, na música, nos enunciados produzidos na internet — enfim, estão disseminados e são constantemente remodelados por meio das interações sociais. Simões (2004) assinala o amor como um valor que constitui e é constituído pelas práticas sociais contemporâneas: “Ele orienta as ações e as interações humanas, norteando a vida dos sujeitos e perpassando o próprio movimento de construção social da realidade” (SIMÕES, 2004, p. 71). Dessa forma, enquanto um valor, o amor é uma das diversas referências cultural e socialmente compartilhadas que orientam nossas relações interpessoais, se materializando nas práticas sociais (COÊLHO; CORRÊA, 2014).

Uma das inquietações que motivaram a presente pesquisa é a constatação de que os sentidos atribuídos às relações amorosas, tão pautadas pelos mais distintos meios, não são intrínsecos ou prévios, mas sim construções que nos dão pistas sobre as estruturas de poder da sociedade, uma vez moldadas por todo um repertório cultural historicamente produzido. É partindo dessa perspectiva que se inscreve uma visada específica das relações românticas do ponto de vista de mulheres negras, que têm explorado a temática em sua produção intelectual assinalando o âmbito da afetividade como esfera política atravessada pelas dimensões de raça, gênero, classe, sexualidade, dentre outras categorias de poder (PACHECO, 2008; SOUZA, 2008; PEREIRA, 2019).

A seara das relações amorosas é uma temática frequentemente abordada pelo *podcast Afetos*, comandado pela influenciadora digital Gabi Oliveira e pela comunicadora Karina Vieira. Segundo a descrição do programa, este é um espaço de humanização de suas subjetividades, em que as apresentadoras promovem um espaço de identificação e partilha sobre temáticas que as sensibilizam. Cada episódio aborda um tema diferente, dialogando com questões como autoconhecimento, conflitos cotidianos e inseguranças — tudo isso sob a perspectiva de mulheres negras. Parte importante da dinâmica do programa é a interação com a audiência, que é sempre convidada a estender as discussões e compartilhar suas perspectivas a partir de suas experiências pessoais.

Nos interessa lançar um olhar comunicacional para os sentidos construídos no *podcast Afetos* acerca da temática afetiva. Propomos responder às seguintes perguntas de pesquisa: quais representações das relações afetivo-sexuais emergem nas narrativas de mulheres negras no *podcast Afetos*, e como questões interseccionais se entrecruzam na constituição dessas imagens? De que maneira essas representações se conformam ou rompem com as formações discursivas sobre relacionamentos construídas pela perspectiva hegemônica?

O que se observa é que essa temática, assim como outras pautas concernentes a grupos minorizados, ganhou maior visibilidade com o advento das mídias digitais, que contribuíram para a potencialização da discussão. Historicamente, mulheres negras vêm se utilizando de veículos comunicacionais para visibilizar suas pautas, colocando-se como sujeitas políticas e pautando diferentes temáticas a partir de seu próprio ponto de vista, como pode-se observar em periódicos da imprensa alternativa produzidos por coletivos de mulheres negras há muitas décadas (SILVA, 2021; RIOS; FREITAS, 2018). Com o avanço e popularização das mídias digitais, contudo, suas estratégias de comunicação foram sofisticadas e suas vozes foram ampliadas, popularizando suas demandas específicas e alcançando outras mulheres negras e setores mais amplos da sociedade.

A escolha pelo *podcast Afetos* como objeto da nossa investigação se deu justamente por ser uma produção de mulheres negras com relevância no cenário digital atual, sendo um espaço profícuo para a observação desta nova fase das discussões interseccionais. A análise da empiria tem como recorte um quadro do programa, chamado *Afetos te Ajuda*, em que as apresentadoras dão aconselhamentos para ouvintes que enviam seus dilemas amorosos. A escolha por esse recorte se deu pelo fato de o quadro incidir precisamente em nosso tema de interesse, garantindo uma maior precisão metodológica da análise.

O *Afetos* está inscrito nesse contexto digital e também em uma conjuntura de aumento progressivo do consumo de *podcasts* no Brasil. Somente na plataforma de áudio *Spotify*, houve um aumento de 200% no consumo do formato em 2020, segundo dados divulgados pela empresa¹. O crescimento no número de ouvintes se intensificou com a pandemia de covid-19: de acordo com pesquisa² realizada pela Globo em parceria com o IBOPE (Instituto Brasileiro

¹ SOBOTA, Guilherme. **Consumo de podcasts na principal plataforma de áudio cresceu 200% em 2020**. Publicado em: Terra, 01 de dezembro de 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/musica/consumo-de-podcasts-na-principal-plataforma-deaudio-cresceu-200-em-2020,06bc934a2eb2ab4228d45e992ca766471jm4xmby.html>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

² VILELA, Luiza. **Brasil é o 5º no ranking mundial de crescimento na produção de podcasts**. Publicado em: Consumidor Moderno, 23 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.consumidormoderno.com.br/2021/07/23/podcasts-modelo-pandemia-brasil/>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

de Opinião Pública e Estatística), 57% dos brasileiros começaram a ouvir *podcasts* durante a pandemia. Ainda segundo o estudo, de 2019 para 2020 — ou seja, no período de um ano —, 7 milhões de brasileiros acima de 16 anos passaram a ser ouvintes do formato. As motivações para o consumo são diversas: 41% dos ouvintes estão em busca de entretenimento relacionado a assuntos de interesse pessoal; 27% escutam por ter curiosidade sobre o formato, e os 26% restantes são influenciados por recomendações de amigos ou familiares.

Os dados dizem de uma sociedade com acesso a conteúdos cada vez mais diversos, possibilitados pela lógica de produção descentralizada característica da Web 2.0, dinâmica *online* marcada pelo estímulo à interação participativa em detrimento de uma lógica unilateral de produção (CARVALHO, 2019). Completados 100 anos da primeira transmissão de rádio no Brasil³, observa-se como a produção, transmissão e consumo de conteúdos em formato de áudio adquire novas nuances e atualizações, sendo o *podcast* um evidente destaque nesse sentido.

É nesse cenário de ampliação de vozes que nos propomos a investigar a tematização das relações amorosas no *podcast Afetos*. A noção de representação aqui utilizada está assentada em uma perspectiva relacional de construções simbólicas. Stuart Hall (2016) defende que a “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (HALL, 2016, p. 31), pois consiste na produção de sentido por meio da linguagem. Ainda nessa perspectiva, Vera França (2004) aponta que as representações são necessárias para o processo de apreensão de sentidos em nossa inserção social, uma vez que “só vivemos em uma sociedade quando compartilhamos quadros de sentido, compreensões e ideias que organizam e dão coerência à vida social” (FRANÇA, 2004, p. 16). Desse modo, as representações estão fortemente imbricadas com os valores e práticas sociais, que afetam e são afetados por esses repertórios simbólicos. França (2004) ainda aponta que as representações circuladas socialmente são mediadas por diferentes instâncias que compõem as experiências dos indivíduos, fornecendo quadros de sentido que orientam nossas práticas sociais. Isto significa que as representações são elaboradas e apreendidas a partir de diferentes referências internas e externas aos sujeitos.

Nos ancoramos na perspectiva comunicacional praxiológica e pragmatista, inscrita na tradição de estudos desenvolvidos no GRIS - Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade. Compreendemos, portanto, que as interações comunicativas são produzidas no terreno das práticas sociais, na experiência concreta dos indivíduos, que formulam sentidos de forma mútua

³ Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/cultura-artes-historia-e-esportes/2022/09/radio-no-brasil-comemora-100-anos-junto-com-o-bicentenario-da-independencia>. Acesso em: 01 mar. 2022.

e relacional. Assim, propomos investigar as representações das relações afetivo-sexuais no *podcast Afetos* constituídas a partir da ação conjugada dos atores sociais, em um processo de afetação recíproca, de trocas e negociações, e inscritas em um contexto.

Para isso, elaboramos um percurso dividido em seis capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos uma discussão teórica acerca das mulheres negras na sociedade, acionando a interseccionalidade enquanto ferramenta teórica e prática para a análise das especificidades dessas sujeitas. Também introduzimos a temática da afetividade de mulheres negras, dialogando com pesquisas de autoras que abordam as especificidades das relações amorosas resultantes do imbricamento entre raça, gênero, classe e outros marcadores.

No segundo capítulo, apresentamos a definição do formato *podcast*, evidenciando suas características e sua inserção no meio digital. Em seguida, tecemos um panorama de pesquisas acadêmicas brasileiras (teses e dissertações) que abordam o tema das mulheres negras e suas variadas apropriações da internet, de modo a evidenciar as contribuições de trabalhos já realizados para a exploração da temática e demarcar o diferencial da presente pesquisa.

No terceiro capítulo, realizamos uma caracterização geral do *podcast Afetos* e também do quadro *Afetos te Ajuda*, nosso recorte de análise. Em seguida, fazemos uma discussão teórica sobre o tema do amor e da sexualidade.

No quarto capítulo, detalhamos nossas escolhas metodológicas, apresentando os critérios de seleção do corpus e os procedimentos empregados no percurso analítico da empiria.

O quinto capítulo consiste na análise das histórias enviadas pelas ouvintes e dos diálogos produzidos pelas apresentadoras no quadro *Afetos te Ajuda*, onde aplicamos a grade analítica proposta a fim de respondermos as perguntas que orientam nossa pesquisa.

No sexto e último capítulo, mostramos os achados resultantes de nossa investigação e apresentamos nossas conclusões.

1 MULHERES NEGRAS, INTERSECCIONALIDADE E AFETIVIDADE

Neste primeiro capítulo, amparadas pelas reflexões produzidas por intelectuais negras, apresentamos uma discussão teórica acerca do lugar ocupado pelas mulheres negras na sociedade, de modo a elucidar o lugar discursivo de onde falam as apresentadoras do programa *Afetos*. Em consonância com essa perspectiva, introduzimos o conceito de interseccionalidade, ferramenta teórico-metodológica que orienta a presente pesquisa para se pensar as relações afetivo-sexuais enquanto dinâmicas atravessadas pelas estruturas de poder que permeiam a sociedade.

Em um segundo momento, apresentamos um breve levantamento bibliográfico de pesquisas brasileiras que enfocam as vivências afetivo-sexuais de mulheres negras, evidenciando as contribuições produzidas sobre essa temática até o momento, bem como a relevância política dessa discussão.

1.1. Mulher negra: seu lugar particular pela lente interseccional

No cruzamento das avenidas identitárias, em que categorias de opressão como raça, gênero e classe formam vias que se entrecruzam, as mulheres negras são as mais vulneráveis a se acidentarem de múltiplas formas. Subalternizadas não apenas pelo poder patriarcal, que sustenta a supremacia masculina, mas também pelo racismo, que privilegia a branquitude nas diferentes instâncias de poder, mulheres negras não cumprem com os requisitos de humanidade estabelecidos pelo pensamento ocidental colonizador. Conforme aponta Aza Njeri (2021), a civilização ocidental homogeneiza as experiências humanas, pautando-se no homem branco europeu, heterossexual, cisgênero, cristão e rico como centro. Nesse cenário, as diversas outras subjetividades e formas de existência são vitimadas por múltiplas formas de violência, apagamento e invisibilização.

É importante salientar que o caráter universalista ocidental é homogeneizador das experiências humanas, partindo da centralidade de seu próprio Ser e Estar no mundo para compreender o Outro, e este outro, que além de não branco, pertence a diversos conjuntos de crenças e valores civilizatórios que são, inclusive, roubados, assimilados, embranquecidos, negados ou destruídos pela própria dinâmica de universalidade. Esse fenômeno faz com que as relações humanas incluídas no Ocidente - que aqui entendo

como anglo-europeu, cuja origem se localiza na civilização greco-romana - sejam destituídas de agência e encaixadas em categorias limitantes (NJERI, 2021, p. 44).

Quando falamos da mulher negra, nos referimos a um sujeito socialmente marcado pela incidência combinada de opressões racistas, sexistas e de classe. Essa posição peculiar relega-a ao status de “Outro do Outro”, conforme apontado por Ribeiro (2017) em alusão às reflexões de Grada Kilomba e Simone de Beauvoir: a mulher negra não é contemplada pelo discurso de gênero, que tem como modelo a mulher branca, nem pelo discurso antirracista, que se baseia no homem negro. Aí se instaura o vazio discursivo que invisibiliza essas mulheres, que, por não serem brancas e nem homens, sofrem uma carência dupla (RIBEIRO, 2017, p. 39).

A situação de precariedade vivenciada pelas mulheres negras na sociedade brasileira, nos mais diversos âmbitos da vida social, é resultado desse entrecruzamento de opressões, conforme aponta Lélia Gonzalez (2020). Ao analisar dados da inserção das mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro, bem como sua participação no interior da população economicamente ativa nas décadas de 1970 e 1980, a autora comprova que essa parcela da sociedade é relegada às condições ocupacionais mais precárias em comparação com mulheres brancas, homens brancos e homens negros. A intelectual brasileira afirma que, “na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho” (GONZALEZ, 2020, p. 56), o lugar ocupado pela mulher negra na força de trabalho, bem como em outras instâncias da configuração social, envolve uma tríplice discriminação — em termos de raça, classe e sexo. Dessa forma, as dinâmicas de poder que atravessam uma sociedade capitalista, racista e cisheteropatriarcal convergem de modo a conferir às mulheres negras modos múltiplos e articulados de marginalização.

A dimensão racial nos impõe uma inferiorização ainda maior, já que sofremos, como as outras mulheres, os efeitos da desigualdade sexual. Na verdade, ocupamos o polo oposto ao da dominação, representado pela figura do homem branco e burguês. Por isso mesmo constituímos o setor mais oprimido e explorado da sociedade brasileira (GONZALEZ, 2020, p. 109).

Conforme aponta Sueli Carneiro (2003), a situação de subalternização da mulher negra encontra suas raízes na mentalidade colonial e em seu conjunto de práticas ainda atuantes nas relações raciais brasileiras, atualizando-se com o passar do tempo. De acordo com Carneiro, a construção da identidade nacional brasileira, bem como a de toda a América Latina, está essencialmente assentada no mito da democracia racial, originado a partir da miscigenação resultante da “violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas” (CARNEIRO, 2003, p. 49). Ainda segundo a autora, essa violência sexual colonial

é o que dá forma às hierarquias de raça e gênero construídas em nossas sociedades, relegando a mulher negra à invisibilização e romantizando a violência sexual direcionada a ela. A miscigenação, promovida às custas do estupro de mulheres escravizadas por senhores brancos, adquire um caráter ameno e amistoso a partir de um discurso oficial de harmonia entre os diferentes grupos raciais. Carneiro (2003) destaca que esse imaginário originado no contexto colonial permanece vivo e intacto nas relações sociais brasileiras, adquirindo nuances mais sofisticadas de modo a se manter.

Em consonância com essa perspectiva, Lélia Gonzalez (2020) salienta que o mito da democracia racial, que teve Gilberto Freyre como seu principal disseminador, confere às relações raciais brasileiras um caráter harmonioso, quando, na verdade, esconde que a união interracial se deu às custas da “violentação de mulheres negras por parte da minoria branca dominante (senhores de engenho, traficantes de escravos etc.)” (GONZALEZ, 2020, p. 50).

Em *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, Lélia Gonzalez (1984) reflete sobre a grande adesão ao mito da democracia racial no Brasil, observando as motivações por trás da identificação do dominado com o dominador. Para analisar o racismo acobertado pelo discurso de democracia racial na cultura brasileira, Gonzalez utiliza as noções de consciência e memória: enquanto a consciência diz respeito ao encobrimento e negação da verdade, a memória consiste no “lugar da emergência da verdade” (GONZALEZ, 1984, p. 225), verdade que é negada e escamoteada pelo discurso dominante. “Consciência exclui o que memória inclui” (GONZALEZ, 1984, p. 225). Segundo a autora, a consciência configura o discurso dominante da cultura, expressando o que lhe convém, enquanto a memória é escamoteada e negada. Mas Gonzalez aponta que “a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência” (GONZALEZ, 1984, p. 226).

É a partir da articulação e interação entre essas duas instâncias discursivas, consciência e memória, verdade e negação, discurso oficial e violências encobertas, que Gonzalez desenvolve três noções sobre a mulher negra advindas da cultura racista e sexista brasileira: a mulata, a doméstica e a mãe preta. Essas noções são imbuídas de construtos simbólicos que atrelam mulheres negras a estereótipos e categorias limitantes, condicionando as experiências dessas sujeitas a violências de raça e gênero.

A figura da mulata consiste na mulher negra sexualizada, objeto de desejo e de “admiração” por seus atributos físicos. Conforme Gonzalez, “atualmente, o significativo mulata não nos remete apenas ao significado tradicionalmente aceito (filha de mestiça de preto/a com branca/o), mas a um outro, mais moderno: ‘produto de exportação’.” (GONZALEZ, 2020, p. 59). A qualificação da mulher negra enquanto mulata, segundo a autora, se dá através da

exposição dos corpos de jovens negras em um processo de objetificação sexual para a satisfação de turistas e grupos dominantes nacionais. Esse processo alienante reforça a noção de democracia racial brasileira, já que as mulheres negras seriam tão “admiradas”.

A figura da mulata atinge o ápice de sua exaltação na época carnavalesca, quando é desejada por todos e perde seu anonimato para ser adorada naquele momento. “E ela dá o que tem, pois sabe que amanhã estará nas páginas das revistas nacionais e internacionais, vista e admirada pelo mundo inteiro” (GONZALEZ, 1984, p. 228). Mas a autora aponta que o mito da democracia racial exerce sua violência simbólica contra a mulher negra justamente quando se constata que a figura da mulata, no cotidiano, se transfigura na empregada doméstica. Ou seja, mulata e empregada doméstica são duas faces de um mesmo sujeito, que se manifestam a depender da situação em que a mulher negra se encontra (GONZALEZ, 1984, p. 228). E esta dupla atribuição da mulher negra — exploração econômica e sexual —, de acordo com a autora, encontra suas raízes na dinâmica colonial escravocrata, na figura da mucama, jovem escrava responsável pelos afazeres domésticos da casa grande e também submetida às incursões sexuais dos senhores.

Nesse sentido, Gonzalez (2020) aponta que o imaginário cultural brasileiro é povoado por estereótipos das mulheres negras que as associam à servidão e à objetificação sexual. Esses estigmas atravessam suas relações econômicas e de trabalho, em um processo de superexploração econômico-sexual. Contudo, a autora ressalta que as mulheres negras, ao mesmo tempo em que são submetidas a diferentes formas de exploração e alienação, também se utilizam de estratégias “para sobreviver e resistir numa formação social capitalista e racista como a nossa” (GONZALEZ, 2020, p. 62).

É nesse contexto que a figura da mãe preta se estabelece no imaginário social. Esta é a noção da mulher negra que cuida, que cria os filhos das famílias brancas privilegiadas, que é “quase da família”. Segundo Gonzalez, vista pelos brancos como a figura acalentadora e amorosa, que cuida das crianças dos seus senhores, é justamente ela quem dá a rasteira na cultura dominante (GONZALEZ, 1984, p. 235). Uma vez que “a função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas mais [...]” (GONZALEZ, 1984, p. 235), a mãe preta repassa à criança o que chamamos de linguagem, por meio da qual se acessa a cultura. E é por meio da cultura que são repassados os valores e sentidos do povo negro. Através de uma resistência passiva, mas ativa quanto à sua eficácia simbólica, (GONZALEZ, 2020, p. 63), a mãe preta desempenha um papel fundamental na transmissão e perpetuação da cultura negra.

Nesse cenário de entranhamento de eixos de opressão, gestado na violência colonizadora, a experiência das mulheres negras é forjada. Conforme pensadoras negras vêm apontando historicamente, é essencial a compreensão de que categorias de poder como raça, gênero e classe não atuam de maneira separada. O conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw, nomeia justamente esse fenômeno. De acordo com a pesquisadora negra estadunidense, sujeitas e sujeitos sociais são atravessados pela ação imbricada e simultânea dos diferentes sistemas de poder que estruturam a sociedade, resultando em violências específicas para diferentes grupos sociais. No texto *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*, Crenshaw (2002) define a noção de interseccionalidade.

A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Crenshaw (2002) utiliza a metáfora das avenidas para ilustrar a incidência entrecruzada de diferentes eixos de poder nas experiências dos sujeitos sociais, promovendo o desempoderamento. Cada categoria de poder — racismo, patriarcalismo, capitalismo, xenofobia, entre outras — consiste em uma avenida. Diferentes grupos sociais se encontram posicionados na intersecção entre diferentes avenidas identitárias, como, por exemplo, mulheres negras, inscritas no cruzamento entre as opressões de raça e gênero. Dessa forma, estão sujeitas a fluxos simultâneos vindos de diferentes vias.

Carla Akotirene (2019) aponta que o conceito de interseccionalidade é uma sensibilidade analítica desenvolvida por feministas negras de modo a lançar luz sobre as demandas específicas de mulheres negras, marginalizadas tanto pelo feminismo hegemônico, que pauta a mulher branca como centro da experiência feminina, quanto pelo movimento antirracista, que tem como referência a experiência dos homens negros (AKOTIRENE, 2019, p. 18).

Essa inobservância das mulheres negras se dá não somente nos discursos, mas também na prática, uma vez que leis, políticas públicas e múltiplas ações de mitigação da desigualdade, ao homogeneizar as experiências femininas e de raça, relegam mulheres racializadas a um

segundo nível de subordinação, conforme afirma Kimberlé Crenshaw (2002), uma vez que estas são acidentadas pelas avenidas identitárias inclusive no interior de movimentos que se pretendem emancipadores. Portanto, Crenshaw (2002) salienta que a luta pelo fim das opressões é ineficaz sem a compreensão de que os diferentes eixos de poder se atravessam, e este entendimento deve se estender para as ações práticas contra as opressões estruturais.

Apesar de o conceito de interseccionalidade ter surgido na década de 1980 e se disseminado a partir de então, o fenômeno focado por ele — o caráter entrecruzado dos eixos de opressão e suas consequências distintas para diferentes grupos subalternizados — tm sido historicamente apontado por mulheres negras, que destacam sua posição de invisibilidade nos discursos hegemônicos sobre a experiência feminina e a experiência de raça. O caráter interseccional da reivindicação das mulheres negras por direitos é observado já em 1851 por Sojourner Truth, ex-escrava estadunidense reconhecida pelo seu memorável discurso *Eu não sou uma mulher?*. Na intervenção improvisada realizada na Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, Truth questiona a experiência feminina universal, dando a ver a articulação entre raça, gênero e classe na configuração de violências particulares para mulheres como ela.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (GELEDÉS, 2014)⁴

O conjunto de premissas configuradoras do pensamento feminista negro lança luz sobre as particularidades das mulheres negras na vivência do gênero e da raça, as quais foram majoritariamente inobservadas na configuração dos movimentos pela equidade racial e de gênero. No artigo *Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil*, Cristiano Rodrigues (2013) traça um panorama do ressurgimento do movimento negro e do movimento feminista no Brasil na década de 1970, de forma a observar a inscrição das demandas das mulheres negras em ambas as organizações. O pesquisador aponta

⁴ **E não sou uma mulher? - Sojourner Truth.** Publicado em: Portal Geledés em 08 de janeiro de 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

que, conforme exposto por pensadoras negras brasileiras, ambos os movimentos homogeneizaram tanto a vivência de gênero quanto a de raça, não evidenciando as especificidades das mulheres negras. O mesmo se deu no âmbito dos estudos de gênero na produção teórica da época. Frente a esse cenário, mulheres negras se empenharam em dar visibilidade à situação de apagamento das suas pautas nas ações políticas feministas e antirracistas.

A esse respeito, Sueli Carneiro (2003) afirma que mulheres negras têm atuado no sentido de enegrecer o feminismo e feminizar o movimento negro, de forma a conferirem visibilidade às suas demandas específicas. A autora ainda afirma que o feminismo negro “tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades.” (CARNEIRO, 2003, p. 50). Nesse sentido, o movimento feminista negro, ao articular as variáveis de gênero e raça, enriquece tanto o feminismo, abarcando as demandas de uma gama mais ampla de mulheres, quanto o movimento antirracista, inscrevendo a problemática de gênero nas discussões contra a opressão racial. Com isso, ao enegrecer o feminismo, mulheres negras integram diferentes eixos de poder em suas análises e práticas contra as desigualdades.

É relevante destacar que a luta contra a dominação de raça, gênero e classe tem sido promovida historicamente pelas mulheres negras através de diferentes frentes de resistência. Patrícia Hill Collins (2016) cunhou o conceito *outsider within* (estrangeira de dentro) para designar o lugar social ambíguo ocupado por mulheres negras: ao mesmo tempo pertencentes a uma cultura, integrantes de um contexto social, essas mulheres também vivenciam uma experiência de estrangeiras, uma vez que são identificadas como um Outro não inteiramente pertencente à sociedade branca e patriarcal. Nesse sentido, o status de *outsider within* proporciona às mulheres negras “um ponto de vista especial quanto ao self, à família e à sociedade” (COLLINS, 2016, p. 100).

Collins aponta que essa dupla localização — dentro e ao mesmo tempo fora, pertencente e ao mesmo tempo não pertencente — relega às mulheres negras uma posição de subalternidade, mas não apenas isso: também é um local de potência. Na medida em que ocupam uma posição particular, elas também apresentam um olhar específico para os fenômenos sociais. Ao fazerem “uso criativo de sua marginalidade” (COLLINS, 2016, p. 99), mulheres negras se apoderam de sua perspectiva singular para desenvolverem análises inovadoras sobre os fenômenos sociais, lançar luz sobre ângulos antes invisibilizados por olhares hegemônicos e elaborar estratégias de sobrevivência, resistência e cooperação.

Ainda conforme Collins, o ponto de vista singular proporcionado pelo status de *outsider within* é o que impulsiona o pensamento feminista negro, o qual “consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras” (COLLINS, 2016, p. 101). A autora salienta três temas-chave que caracterizam a produção intelectual das feministas negras: a importância da autodefinição e da autoavaliação das mulheres negras, a natureza interligada das opressões e a importância da cultura de mulheres negras.

A agência frente às opressões também é destacada por bell hooks (2019), que salienta as potencialidades do olhar opositor de sujeitas e sujeitos negros como instrumento de resistência ao olhar hegemônico que desumaniza grupos historicamente subalternizados. Partindo da perspectiva de Foucault sobre as possibilidades de resistência nas relações de poder, hooks compreende o olhar como uma das “brechas” dos sistemas de dominação, através da qual os sujeitos negros podem encampar resistências ao poder dominante. Segundo a autora, o olhar opositor consiste no processo em que espectadores negros questionam e confrontam as imagens da negritude construídas pelo olhar da supremacia branca — imagens limitantes e estereotipadas que desumanizam pessoas negras. A agência através do olhar se dá quando sujeitos negros se tornam espectadores questionadores das imagens sobre si criadas pelo olhar externo dominador. A partir desse movimento crítico, também reivindicam olhar para si próprios e construir suas próprias representações — resistindo, dessa forma, à subordinação ao olhar do outro, imbuído de violências. Assim se configura um olhar opositor: um olhar que desafia o que está à sua frente e que nega a desumanização imposta pelas imagens hegemônicas.

hooks (2019) destaca que as imagens dominantes adquirem outra camada de violência para mulheres negras, na medida em que o olhar racista se imbrica com o olhar objetificante patriarcal. Nessa dinâmica, mulheres negras são atingidas pelo apagamento de suas imagens e também por representações violentas, que alçam a feminilidade branca como o ideal. O olhar opositor permite às mulheres negras não se deixar enganar pelas imagens estereotipadas de si mesmas.

Uma vez que eixos de opressão como o racismo, o sexismo e o capitalismo reverberam subalternizações para as mulheres negras em todos os âmbitos da vida social, isso não seria diferente na vida afetivo-sexual, na esfera das vivências amorosas. A violência colonial eurocêntrica impingida sobre a população negra e os povos originários imbuíu o imaginário popular de construções simbólicas racistas e sexistas sobre as mulheres negras, reverberando suas marcas até os dias atuais, como salienta Lélia Gonzalez (2020). Esses sentidos degradantes ecoam nas escolhas afetivas dos sujeitos, trazendo consequências para as mulheres negras enquanto parceiras conjugais.

1.2. Mulheres negras e a temática da afetividade

Conforme aponta Bruna Cristina Jaquette Pereira, “as experiências no âmbito da sexualidade e da afetividade são, ao mesmo tempo, subjetivas e sociais” (PEREIRA, 2017, p. 254), ou seja, são atravessadas pelas dinâmicas de poder interseccionais que permeiam as relações sociais. Sistemas de opressão se imbricam de maneira a regular quais são os corpos dignos de afeto, quais são dignos apenas de desejo sexual e quais são dignos de relacionamentos conjugais institucionais e legitimados socialmente. É o que evidenciam diferentes reflexões teóricas acerca das relações entre raça, gênero e engajamentos afetivo-sexuais.

Em *Quando falamos de amor: vivências afetivas na produção de intelectuais negras*, Pereira (2017) destaca que interpretações amplamente aceitas sobre a sociedade brasileira “atribuem à afetividade e à sexualidade papéis centrais nas descrições e interpretações que propõem” (PEREIRA, 2017, p. 254). Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008) tece um panorama teórico sobre raça, gênero e relações afetivo-sexuais na produção bibliográfica das ciências sociais brasileiras, identificando como múltiplas teorias raciais disseminadas na sociedade brasileira atribuíram diferentes significados ao engajamento sexual-afetivo entre diferentes raças ao longo da história. Desde os postulados do racismo científico do século XIX, passando pela teoria do branqueamento, pela noção de democracia racial de Gilberto Freyre e pelos estudos de Florestan Fernandes, entre outras tendências, os sentidos atribuídos às pessoas negras em geral e à mulher negra em particular são imbuídos de aspectos racistas e sexistas.

Pereira (2017) enfatiza que intelectuais negras fazem um contraponto a essas perspectivas masculinas e branco-centradas, propondo novas análises das vivências sexuais e afetivas das mulheres negras e de seu papel na configuração das relações raciais brasileiras (PEREIRA, 2017, p. 254). Virgínia Bicudo e Beatriz Nascimento postularam que as escolhas afetivas de pessoas negras são orientadas pela “interiorização de valores e representações negativas” (PEREIRA, 2019, p. 256) sobre elas mesmas, internalizados a partir de suas interações sociais. Nesse cenário, a assimilação de “maneiras de pensar e de sentir do ‘branco’” (PEREIRA, 2019, p. 255), a partir de sua socialização, fundamentaria a maneira como esses sujeitos enxergam a si próprios e aos brancos, tidos como superiores, e ao qual direcionariam seu engajamento afetivo-sexual.

Tal como visto anteriormente, Gonzalez (1984) e Carneiro (2003) destacam o papel desempenhado pela violência sexual contra as mulheres negras na construção de uma identidade nacional brasileira. Gonzalez (1984) aponta que o processo de escravização moldou as imagens

da mulher negra na cultura brasileira, associando-a aos papéis de servilismo e objeto de consumo sexual, como evidenciado nas figuras da mulata e da doméstica no imaginário social, noções que articulam a exploração econômica e sexual das mulheres negras e resultam na objetificação destas.

Todos esses desdobramentos contribuem para que o olhar direcionado à mulher negra seja de sexualização e desumanização, e não de afeto, já que essas sujeitas não seriam os modelos ideais para um relacionamento sério, tal como as mulheres brancas. Estas últimas são associadas à pureza e à afetividade, enquanto aquelas são revestidas de sentidos que as atrelam à hiperssexualidade. Pereira (2017) retoma as reflexões de Beatriz Nascimento, que destaca os diferentes papéis atribuídos pela colonização às mulheres negras e brancas: “enquanto a moral cristã portuguesa teria incumbido as mulheres brancas das classes altas de desempenhar o papel de esposa ou de solteirona” (PEREIRA, 2017, p. 257), as mulheres negras foram incumbidas de satisfazer os desejos sexuais dos homens. Essa exploração sexual do corpo feminino negro teria se perpetuado e adquirido legitimidade socialmente através de mecanismos ideológicos, como a noção de que a mulher negra teria o apetite sexual mais exacerbado.

Em *A mulher negra e o amor*, Beatriz Nascimento (2018) discorre sobre os efeitos da interação entre raça, gênero e classe nas relações amorosas de mulheres negras. A autora aponta que as mulheres negras, antes e após a abolição da escravatura no Brasil, desempenham o papel da força de trabalho precarizada, inscritas na sociedade “como mão de obra, na maioria das vezes não qualificada” (NASCIMENTO, 2018, p. 355). Nesse cenário, a autora argumenta que, no cruzamento entre a pobreza e o racismo, os padrões de dominação patriarcais são subvertidos, conferindo à mulher negra um papel central na sustentação econômica de sua família.

Via de regra, nas camadas mais baixas da população cabe à mulher negra o verdadeiro eixo econômico onde gira a família negra. Essa família, grosso modo, não obedece aos padrões patriarcais, muito menos os padrões modernos de constituição nuclear. São da família todos aqueles (filhos, maridos, parentes) que vivem em dificuldades de extrema pobreza. (NASCIMENTO, 2018, p. 355).

Desenvolvendo as reflexões de Nascimento, Pereira (2017) aponta que, dado este cenário, o sistema capitalista em relação com a hierarquia racial restringe o desempenho do papel tipicamente masculino para os homens negros, os quais não seriam integralmente favorecidos pela ‘dominação masculina’. “A união de homens e mulheres com base na parceria (ao invés da dominação) seria, assim, favorecida” (PEREIRA, 2017, p. 258).

Ainda segundo Nascimento (2018), quando a mulher negra consegue “escapar” da situação de mão de obra barata e desqualificada, ascendendo socialmente, “variadas gamas de

discriminação racial dificultam os encontros da mulher preta, seja com homens pretos, sejam os de outras etnias” (NASCIMENTO, 2018, p. 355). A mobilidade social para níveis mais altos, portanto, origina empecilhos de outra natureza para o engajamento afetivo dessas sujeitas.

Quanto mais a mulher negra se especializa profissionalmente numa sociedade desse tipo, mais ela é levada a individualizar-se. Sua rede de relações também se especializa. Sua construção psíquica, forjada no embate entre sua individualidade e a pressão da discriminação racial, muitas vezes surge como impedimento à atração do outro, na medida em que este, habituado aos padrões formais de relação dual, teme a potência dessa mulher. Também ela, por sua vez, acaba por rejeitar esses outros, homens, masculinos, machos. Já não aceitará uma proposta de dominação unilateral (NASCIMENTO, 2018, p. 356).

Nesse cenário, a mulher negra permanece solitária ou busca outros arranjos de relacionamentos. Beatriz Nascimento destaca que essa mulher, por não atender aos padrões estéticos femininos calcados na supremacia branca, tem seu trânsito afetivo extremamente limitado (NASCIMENTO, 2018, p. 356).

A articulação entre gênero e raça na configuração das vivências afetivas já foi tema de algumas pesquisas brasileiras, que abordam, a partir de diferentes ângulos, distintos aspectos dessas dinâmicas afetivo-sexuais — a solidão da mulher negra e aspectos do preterimento, relacionamentos inter e intra-raciais, a vivência da sexualidade dessas sujeitas, entre outros. A seguir, apresentamos um levantamento de pesquisas brasileiras que abordam essa temática com centralidade. Estas pesquisas foram coletadas ao longo da trajetória de elaboração da presente dissertação, por meio de pesquisas na ferramenta de buscas *Google Acadêmico*, por indicações e também por serem citadas em discussões sobre o assunto por produtoras de conteúdo negras na internet, que foram observadas no processo de definição da temática da pesquisa.

Claudete Alves da Silva Souza (2008), na dissertação *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*⁵, investiga o fenômeno da solidão da mulher negra na dimensão afetivo-sexual na capital paulista, tendo como foco seu preterimento por parceiros negros. A pesquisadora identifica, nos relatos das mulheres negras, que estas se consideram em desvantagem no cenário da conjugalidade em comparação com mulheres brancas — estas últimas sendo preferidas pelos homens negros. A escolha de parceiras brancas pelos homens negros, de acordo com os achados, encontraria raízes na desvalorização da raça negra, com conseqüente busca pelo embranquecimento. Nesse sentido, as entrevistadas identificam a importância da educação a fim de exaltar os valores da cultura negra.

⁵ Dissertação defendida pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ainda na proposta de investigação da solidão da mulher negra, na tese “*Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar*”: *escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*⁶, Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008) analisa as trajetórias sociais e afetivas de dois grupos de mulheres negras — ativistas e não-ativistas — de modo a apreender as teias de significados construídas por estas acerca de suas escolhas afetivas. A partir de entrevistas com essas sujeitas, a pesquisadora é guiada por duas questões centrais: a) “Como gênero, raça e outros marcadores sociais operaram nas trajetórias sociais e nas escolhas afetivas das mulheres negras selecionadas?” (PACHECO, 2008, p. 291) e b) “Quais são os sentidos produzidos sobre as experiências da solidão em relação a um companheiro afetivo?” (PACHECO, 2008, p. 291).

Em seus achados, Pacheco (2008) identificou que as categorias sociais de gênero, raça e classe foram eixos estruturadores de suas trajetórias e escolhas afetivas. Esses marcadores sociais se manifestam de maneira articulada na origem social e familiar das mulheres entrevistadas, que reverberaram em suas trajetórias individuais de trabalho, nível educacional e aquisição de capital cultural e político. Além disso, em ambos os grupos de mulheres, “O corpo foi uma das categorias mais acionadas nas relações sociais construídas pelas informantes acerca dos sentidos atribuídos às suas escolhas afetivas e à ausência de parceiros fixos. Foi no corpo que as mulheres perceberam, sentiram e ressignificaram a ‘solidão’.” (PACHECO, 2008, p. 292). Essa corporalidade é acionada através de referências a aspectos fenotípicos como cor da pele, cabelos, traços e situações de discriminação racial vivenciadas. Nesse sentido, nota-se como a manifestação fenotípica da negritude interfere nas experiências afetivas: “na afetividade, a raça é, recorrentemente, acionada como um signo de preferência afetiva por um ‘outro’ corpo, não-negro, cujas marcas raciais se dividiram entre mulher negra x mulher branca: ‘eles preferem as loiras’.” (PACHECO, 2008, p. 293).

Fabiana Leonel de Castro (2010) enfoca mais especificamente a dimensão da sexualidade e suas intersecções de raça, classe e juventude. Na dissertação *Negras jovens feministas: sexualidade, imagens e vivências*⁷, a pesquisadora toma como foco o discurso sobre sexualidade produzido por mulheres negras da Bahia, em sua maioria universitárias ou com certo grau de escolaridade, identificando os contrapontos ao imaginário social racista e sexista sobre o exercício de sua sexualidade. As conclusões revelam o ativismo como elemento divisor

⁶ Tese defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas.

⁷ Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia

de águas para a percepção e ressignificação de suas vivências sexuais passadas e presentes, o que fez com que construíssem imagens novas e positivas sobre si mesmas.

Atualizando achados de pesquisas anteriores e trazendo novas contribuições, na tese *Dengos e zangas das mulheres-moringa: vivências afetivo-sexuais de mulheres negras*⁸, Bruna Cristina Jaquetto Pereira (2019) analisou as narrativas de interlocutoras negras sobre suas trajetórias afetivo-sexuais, a partir de uma abordagem multidimensional — considerando a inter-relação entre subjetividade, imaginário social e dinâmicas interpessoais. Acrescentando a categoria idade como outra camada de análise interseccional, Amanda Raquel da Silva (2019), na dissertação *A cor das relações: corpo, idade e afetividade na experiência de mulheres negras em um bairro de Natal/RN*⁹, analisou a dimensão afetiva em discursos de interlocutoras negras periféricas na faixa etária dos cinquenta aos setenta e cinco anos de idade, investigando o atravessamento de questões como corpo, saúde, beleza, amor e velhice.

Outras pesquisas também atentam para a imbricação da sexualidade nas dinâmicas afetivas, fugindo de um padrão heterossexista de experiências amorosas. Na tese *No rastro de dores: trajetórias de vida e registros de superação em narrativas de mulheres negras com experiência de relações afetivo-sexuais com outras mulheres*¹⁰, Glêides Formiga (2015) analisa as trajetórias afetivo-sexuais de mulheres negras que se relacionam com outras mulheres, investigando a centralidade das dores e como estas impactam a construção de suas subjetividades, atravessadas por múltiplas dinâmicas de poder. A tese também identifica mecanismos de enfrentamento e rompimento com a articulação das opressões de gênero, raça e sexualidade. Já na tese *Colonialidade da sexualidade: uma análise comparada e colaborativa sobre violência em relações lésbicas em Bogotá, Brasília e Cidade do México*¹¹, Ana Cláudia Macedo (2020) investiga a violência em relacionamentos lésbicos em três países, por meio da proposta conceitual da colonialidade da sexualidade e suas interseccionalidades com raça, gênero e classe. A pesquisa também apresenta propostas de resistência e caminhos para descolonizar relações afetivo-sexuais.

As pesquisas citadas contribuem para a identificação de construções simbólicas que permeiam as narrativas de mulheres negras sobre suas experiências amorosas, dando a ver como diferentes avenidas identitárias se entrecruzam em suas produções de sentido. Dessa forma,

⁸ Tese defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília.

⁹ Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

¹⁰ Tese defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília.

¹¹ Tese defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas da Universidade de Brasília.

percebe-se que os relatos individuais estão atrelados não apenas a subjetividades, mas se enraízam em um contexto mais amplo das relações raciais e de gênero, ganhando forma nas interações com os pares afetivos e em demais instâncias de socialização, onde aspectos das violências racista e sexista são internalizados. Além disso, os trabalhos mencionados nos permitem observar como mulheres negras se apropriam de um discurso dominante e orientam suas ações no mundo, a partir de ressignificações, resistências e reelaborações. A dimensão afetivo-sexual de suas trajetórias, assim, se constrói de maneira relacional com o mundo, com as estruturas de poder e suas apropriações subjetivas.

2 O FORMATO *PODCAST* E A APROPRIAÇÃO POLÍTICA DO MEIO DIGITAL POR MULHERES NEGRAS

As infraestruturas técnicas de comunicação acompanham as mudanças sociais e culturais, investidas de significados alinhados aos desejos e necessidades de determinado contexto sócio histórico. É o que aponta Pierre Lévy (1999), um dos pioneiros nos estudos sobre o ciberespaço. Segundo o autor, o desenvolvimento e disseminação da informática se deu, com o passar dos anos, no sentido de promover interações mais relacionais e a construção cooperativa de conhecimento. Essa evolução da infraestrutura técnica do ciberespaço certamente não se encontra alheia aos atravessamentos de poder e interesses políticos e econômicos, mas, segundo Lévy, o surgimento e impulsionamento da informática pessoal partiu de “um movimento social visando a reapropriação em favor dos indivíduos de uma potência técnica que até então havia sido monopolizada por grandes instituições burocráticas” (LÉVY, 1999, p. 125).

Luís Mauro Sá Martino (2014), com base em Terry Flew, destaca que é importante nos afastarmos de perspectivas extremistas acerca dos usos das mídias digitais e da internet, seja o entusiasmo excessivo ou a desconfiança generalizada (MARTINO, 2014, p. 10). Afinal, de acordo com o autor, “há evidências disponíveis para sustentar qualquer posição” (MARTINO, 2014, p. 10). Sem a pretensão de esgotar a temática e reduzir a sua complexidade, a presente pesquisa se detém particularmente no cenário digital como potencial ferramenta para a interação e autorrepresentação de grupos historicamente subalternizados, partindo da lógica descentralizada das mídias digitais em comparação com os veículos de comunicação tradicionais.

De acordo com Martino (2014), as mídias digitais possibilitam ao mesmo tempo uma transposição e uma transformação de diferentes noções de política, na medida em que se disseminam na vida dos indivíduos e proporcionam novas possibilidades de mobilização para a conquista de objetivos. Aqui, compreende-se política não apenas como a atuação de partidos e governos ou a administração das coisas públicas: em um sentido ampliado, a política também diz respeito “às questões de poder e direito na vida cotidiana” (MARTINO, 2014, p. 85). Neste último sentido, as lutas de minorias por direitos e reconhecimento são entendidas como políticas. Portanto, segundo o autor, o ambiente digital consiste em um espaço propício para que grupos marginalizados produzam suas próprias narrativas e ecoem suas demandas.

É nesse cenário marcado pela interação participativa e pela lógica descentralizada de produção de conteúdo que se inscreve o *podcasting*, prática que caracterizamos a seguir.

2.1 O formato *podcast*

De acordo com Richard Berry (2016), o primeiro uso público da palavra *podcast* veio de um artigo do jornal *The Guardian*, em 2004, de autoria do jornalista Ben Hammersley. A referida matéria reporta novas possibilidades de produção de conteúdo em áudio propiciadas pela internet, que permitiriam “quebrar preceitos técnicos e de conteúdo das estações de rádio” (ROCHA, 2018, p. 19).

Conforme afirma Eduardo Yoshimoto, o termo *podcasting* “combina a junção da palavra ‘Pod’ vindo de *i-Pod* e *broadcasting* com a ideia de transmissão de rádio” (YOSHIMOTO, 2014, p. 43). A expressão designa, assim, a prática de produção, compartilhamento e consumo de conteúdo em formato de áudio no meio digital. Dificilmente fala-se da ascensão e popularização do *podcasting* sem o estabelecimento de um paralelo mínimo com a radiodifusão. Isso acontece porque o novo formato carrega aspectos do rádio, seu predecessor no que tange à produção de conteúdo de áudio. Contudo, agora, esse conteúdo não está restrito às emissoras hertzianas, mas pode ser feito e acessado a partir das facilidades propiciadas pela internet.

Richard Berry (2016) salienta que, apesar de o *podcast* e o rádio apresentarem semelhanças, suas lógicas de funcionamento são particulares e inseridas em dinâmicas bastante distintas de produção, consumo e compartilhamento. Segundo o autor, o *podcast* possibilita maior liberdade para os produtores de conteúdo, uma vez que não passa pelo crivo de controles regulatórios ou por interferências empresariais. Se antes a mídia tradicional filtrava e selecionava os conteúdos a serem veiculados de acordo com uma agenda corporativa, oferecendo aos públicos um conteúdo alinhado com suas pautas políticas e comerciais, agora a audiência também tem acesso ao conteúdo de produtores independentes, com interesses e propostas diversos.

Apesar de o *podcast* não ser o pioneiro na produção de conteúdos independentes — fanzines, jornais alternativos e rádios piratas são exemplos de mídias alternativas à comunicação de massa —, Primo (2005) ressalta que a lógica de estímulo à interatividade e a descentralização da produção são aspectos que marcam fortemente a dinâmica do ambiente

virtual, diferenciando-o significativamente das práticas interativas dos meios massivos de comunicação e aumentando substancialmente a escala de alcance dos *podcasts*.

A maior liberdade também se aplica aos ouvintes, que agora têm mais autonomia no processo de escuta, já que podem escolher quando e como consumir o produto de áudio. Primo aponta que, enquanto no rádio a emissão dos programas ocorre de forma síncrona à sintonização pela audiência, no formato *podcast* “essa sincronia é quebrada, pois o tempo de produção e publicação não coincide com o da escuta” (PRIMO, 2005, p. 5). Essa dessincronia entre produção, publicação e recepção proporciona novas formas de consumo do formato, bem como novas maneiras de interação com o conteúdo produzido. O autor aponta que uma das diferenças radicais da interação entre ouvintes e os *podcasts* é a possibilidade de ouvir o programa de áudio de forma mais flexível: visto que o conteúdo é armazenado, e não “ao vivo”, é possível fazer interrupções, avançar, retroceder e pausar o fluxo do programa, procedimentos impossíveis no consumo das emissoras de rádio. “Logo, não é preciso escutar um programa de uma só vez. É possível interrompê-lo e prosseguir em outro momento mais conveniente” (PRIMO, 2005, p. 13). Essa característica permite que os ouvintes tenham uma escuta personalizada, de modo que consigam construir seu próprio itinerário de consumo do produto de interesse.

Yoshimoto (2014) complementa essa perspectiva ao afirmar que o formato *podcast* guarda semelhanças e inovações em relação ao rádio. Recursos técnicos como “a roteirização, a captação de áudio por equipamentos digitais, os efeitos sonoros e trilhas” (YOSHIMOTO, 2014, p. 44) foram herdados da produção radiofônica. Quanto às novidades trazidas pelo *podcast*, Rocha (2019) destaca as particularidades de acesso ao formato.

O *podcast*, em sua maneira tradicional, funciona da seguinte forma: o usuário acessa um site, instala aplicativos agregadores ou uma plataforma digital que hospeda este produto, busca o *podcast* que deseja escutar e acessa os produtos em seu aparelho pessoal. O ponto de diferença entre o *podcast* e outros meios de radiodifusão reside na maneira de recepção e consumo. Diferentemente das mídias tradicionais, a recepção desse formato permite que o usuário decida quando e onde ouvirá o produto, ou seja, o usuário recebe e consome *podcasts* de forma assíncrona. A distribuição dos episódios é feita de maneira horizontal, geralmente em interação com sites pessoais e blogs, reforçando uma identidade pessoal para a produção e desenvolvendo uma relação afetiva com o canal (ROCHA, 2019, p. 22-23).

Devido a características como “baixo custo de produção, operacionalidade e distribuição” (YOSHIMOTO, 2014, p. 45), o formato *podcast* disseminou-se de maneira expressiva por meio da internet, apresentando conteúdos significativamente diversificados em decorrência dessa espécie de democratização técnica. Em suma, o formato caracteriza-se por uma maior facilidade tanto na produção quanto na recepção do conteúdo em áudio. Enquanto

“o processo produtivo da radiodifusão tem uma estrutura de divisão do trabalho que é compartilhada por diferentes empresas de comunicação de massa” (PRIMO, 2005, p. 7) — desde os dirigentes da corporação midiática, passando pelos produtores de informação até os operadores técnicos —, a dinâmica de produção do podcast tem um caráter mais acessível, já que “pode ser produzido por uma única pessoa tendo como recurso apenas um microfone ou gravador digital, um computador conectado na Internet e algum servidor na rede para armazenamento de seus programas e do recurso RSS” (PRIMO, 2005, p. 7).

Entretanto, Alex Primo (2005) argumenta que a novidade do *podcast* não se encerra apenas na maior facilidade de produção e emissão de conteúdos em áudio, já que esse aspecto por si só não garante um conteúdo ou dinâmicas de interação distintos das mídias tradicionais — “em outras palavras, um *podcaster* amador, apesar de sua produção independente, pode reproduzir o discurso da grande mídia ou mesmo defender pontos de vista radicalmente conservadores ou mesmo preconceituosos.” (PRIMO, 2005, p. 6). Além disso, o foco na emissão não leva em conta o potencial dialógico do formato e a dimensão relacional do processo interacional, caindo em uma noção mecanicista da comunicação. Para além das particularidades da transmissão, o autor defende que o *podcasting* estabelece formas mais complexas de interação entre emissores, ouvintes e os conteúdos produzidos, em um processo relacional de construção de sentidos. Nessa perspectiva, o *podcasting* propicia uma nova dinâmica comunicacional em relação aos meios de comunicação de massa.

É preciso estudar a relação complexa das condições de produção, do entorno midiático, com quem se fala e de suas condições de recepção. E, além disso, investigar como esses atores interagem entre si e com a tecnologia que permite a virtualização do tempo e do espaço, que outrora imporia barreiras para tal intercâmbio (PRIMO, 2005, p. 6-7).

O autor também ressalta que a interação entre *podcasters* e audiência se dá de forma mais horizontal em comparação com as mídias de massa, cujos recursos de diálogo com seus públicos são mais limitados controlados pelas instâncias de produção.

Nesse sentido, a oposição entre emissores e receptores não faz mais sentido. Não se trata de uma relação polarizada, mas sim de um processo dialógico entre os interagentes, onde, através da negociação de sentidos, cada participante tem impacto no comportamento do outro. Além de precisar levar o outro em consideração para aperfeiçoar sua argumentação no debate, cada interagente acaba por rever (aperfeiçoando, transformando, alterando, fortalecendo) suas próprias posições. Essas interações têm um impacto recursivo não apenas sobre os participantes do processo, mas também sobre o próprio relacionamento em construção. Esse relacionamento vai sendo “inventado” durante a interação. Em outras palavras, não se trata de transmissão

de pacotes fechados, mas sim da criação do processo enquanto ele ocorre (PRIMO, 2005, p. 18).

Além disso, as mídias de massa voltam-se para grandes audiências, sem grandes diferenciações no conteúdo para diferentes segmentos do público. Já no *podcasting*, a maior multiplicidade de produtores faz com que haja uma significativa diversidade dos produtos em áudio, de modo que diferentes subgrupos e nichos de audiência são contemplados em seus interesses.

Nesse mesmo sentido, Primo (2005) tece diferenciações entre as chamadas micromídia e mídia de nicho: enquanto a primeira diz respeito a mídias independentes voltadas para um grupo específico de pessoas (visando subculturas que são negligenciadas pelos meios de comunicação de massa), a segunda se trata de mídias também voltadas para um nicho, mas ainda atreladas a interesses corporativos, desenvolvendo-se com base em sofisticadas pesquisas de mercado de modo a produzir conteúdos restritos para seu público-alvo específico. Segundo essas definições, onde se enquadraria o *podcasting*? Primo alerta que o formato não se restringe a um dos dois tipos de mídia, e que deve ser analisado de forma mais aprofundada. Afinal, há podcasts produzidos de forma independente para atender a pequenos grupos de pessoas, mas há também aqueles produzidos por grandes corporações visando expandir sua atuação.

Com base em Priestman, Primo destaca as diferenças na configuração das audiências do *podcast* em relação ao público consumidor dos meios de comunicação tradicionais. O autor afirma que “enquanto o *broadcasting* transmite o mesmo conteúdo a partir de uma central irradiadora para toda a massa, na rede o internauta deve ir buscar as informações que deseja.” (PRIMO, 2005, p. 12). Ou seja, a dinâmica digital em que o *podcasting* se inscreve diferencia-se da dinâmica dos meios analógicos, na medida em que, agora, os indivíduos se engajam em uma busca ativa pelo conteúdo que desejam consumir. Em consonância com essa perspectiva, Gisela Castro (2005) destaca que o *podcasting* diferencia-se dos meios massivos de comunicação ao inverter o sentido do fluxo um → muitos característico desses últimos. No caso dos produtos em áudio produzidos e disponibilizados digitalmente, “seria mais apropriado dizer que o fluxo funciona segundo o esquema muitos → um. Sendo assim, trata-se de uma tecnologia por meio da qual o conteúdo é “retirado” (pull) pelo assinante ao invés de ser “empurrado” (push) até ele por um canal aberto de distribuição” (CASTRO, 2005, p. 8).

Aqui é importante destacarmos perspectivas que rompem com o idealismo do *podcast* enquanto mídia totalmente independente e com maior potencial democrático e de emancipação. Bonini (2020) argumenta que o *podcasting*, nos últimos anos, entrou em uma segunda fase,

marcada por seu caráter *mainstream* e cada vez mais profissionalizado. Com isso, o formato tem se tornado um modelo de negócios cada vez mais comercial, mantido por meio de financiamentos coletivos, patrocinadores e publicidade. Além disso, a lógica de funcionamento do meio digital não foge às dinâmicas de poder que permeiam os meios de comunicação. Conforme Castro alerta, “sabemos ser ingênuo supor que haja uma real e efetiva equivalência e permutabilidade entre emissores e receptores na maior parte do sempre crescente número de nós da Web” (CASTRO, 2005, p. 9). Uma série de fatores técnicos e de infraestrutura contribuem para que nem todos os indivíduos tenham acesso às possibilidades de produção de conteúdo on-line, como, por exemplo, a falta de acesso à internet e a não familiaridade com as linguagens informacionais (CASTRO, 2005, p. 9-10).

Apesar das ressalvas apresentadas, o *podcast* consiste em um formato que abre espaço para mídias independentes e, portanto, possibilita diálogos antes invisibilizados pelos meios de comunicação tradicionais. É o caso das produções de mulheres negras nas redes digitais, que tem configurado uma importante ferramenta de impulsionamento de questões interseccionais, como veremos a seguir.

2.2 Mulheres negras na internet: uma revisão de literatura

Partindo da compreensão de que a lógica colonizadora relega grupos subalternizados ao status de “Outro”, produzindo discursos sobre estes a partir de um olhar externo e pretensamente universal, é um ato político e emancipador quando estes grupos produzem seus próprios discursos sobre si. Grada Kilomba (2019) afirma que, ao falarem em seus próprios termos, pessoas racialmente oprimidas rompem com o projeto colonialista, uma vez que passam de objetos, definidos pelo “Outro”, para sujeitos, que nomeiam e definem suas próprias experiências (KILOMBA, 2019, p. 27-28). Nesse sentido, propomos pensar a agência política de mulheres negras ao se apropriarem dos meios digitais para produzirem suas próprias narrativas de si, lançando luz sobre as especificidades de suas experiências, atravessadas por diferentes cruzamentos identitários, e conferindo visibilidade a suas vivências.

É importante ressaltar que o uso das ferramentas digitais para esse propósito não é uma iniciativa isolada e pioneira de uso dos meios de comunicação por mulheres negras. Conforme destacam Cristiano Rodrigues e Viviane Freitas (2021) acerca do ativismo feminista negro no Brasil, “desde a organização do Movimento de Mulheres Negras, nos anos 1980, até o presente,

feministas negras têm utilizado uma miríade de repertórios discursivos e estratégias de confronto, os quais se alinham ao contexto histórico e social em que atuam [...] (RODRIGUES; FREITAS, 2021, p. 44). Os diferentes usos do digital por essas mulheres consistem em uma estratégia característica do momento atual, mas que remonta a uma história de uso das mídias (SILVA, 2021; RIOS; FREITAS, 2018).

A descentralização da produção de conteúdo promovida pela ascensão da internet possibilitou que grupos antes sub-representados pelas mídias tradicionais construíssem seus próprios espaços de diálogo e alcançassem públicos maiores. É o caso das ativistas digitais e produtoras de conteúdo negras, que, no âmbito digital, impulsionam discussões marcadas pelas questões de gênero, raça, classe e outras categorias de opressão, rompendo com perspectivas universalizantes acerca da experiência de gênero e raça.

Essa apropriação das potencialidades da internet já foi tema de diferentes pesquisas, que investigaram, a partir de seus focos específicos, de que maneira mulheres negras se inscrevem no meio digital e promovem suas pautas e/ou interações com os públicos. Apresentamos, a seguir, um levantamento de dissertações e teses que abordam a inserção das mulheres negras no ambiente digital, com o objetivo de demonstrar o que tem sido pesquisado academicamente a esse respeito por outras pesquisadoras, demarcando as contribuições específicas de nossa pesquisa. Além disso, pretende-se identificar pontos de convergência entre os diferentes trabalhos. A busca das pesquisas foi feita por meio do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Na plataforma, utilizamos as seguintes palavras-chave: “influenciadoras digitais negras” e “mulheres negras internet”. Foram considerados os trabalhos que apresentam explicitamente em seus resumos o foco em mulheres negras e suas apropriações do ambiente digital. Uma vez que as buscas no catálogo apresentaram um grande volume de resultados — a plataforma disponibilizou 68269 resultados para “mulheres negras internet” —, a coleta das pesquisas foi restringida para os 220 primeiros resultados. Além disso, foram incluídas pesquisas desenvolvidas no âmbito do GRIS que se enquadram na temática, bem como uma pesquisa sobre o *podcast Afetos* encontrada na ferramenta de buscas *Google*. A busca resultou em um total de 3 teses e 16 dissertações, resultando em um levantamento de 19 trabalhos. Destes, 2 não foram encontrados na íntegra e, portanto, não foram considerados, já que não pudemos acessar seus achados para a temática aqui tratada. Desse modo, nossa revisão bibliográfica é composta de 17 pesquisas. A seguir, faremos um panorama descritivo desses trabalhos, apontando suas contribuições para pensar mulheres negras e sua inserção na internet.

A partir da leitura dos achados das pesquisas levantadas, agrupamos estas em 5 eixos temáticos (os temas podem se interconectar nas pesquisas, mas os agrupamentos foram feitos

com base no teor principal dos achados, segundo nossa interpretação). A seguir, apresentamos os trabalhos inscritos nos eixos temáticos, bem como suas contribuições.

Tabela 1 - Revisão de literatura sobre mulheres negras no meio digital com base em eixos temáticos

Eixos temáticos	Nº de dissertações	Nº de teses	Total de pesquisas
a) Beleza negra e empoderamento de mulheres negras	2	0	2
b) Autorrepresentações e construção de imagens da coletividade	4	1	5
c) Influenciadoras digitais negras e empreendedorismo no meio digital	3	0	3
d) Mobilização política no meio digital	3	2	5
e) Comparação entre narrativas de mulheres negras e outras produções	2	0	2

Fonte: Elaboração da autora (2023).

2.2.1 Beleza negra e empoderamento de mulheres negras

Aqui se concentram as pesquisas que enfocam a produção de discursos sobre beleza e estética por influenciadoras digitais negras, observando como essas elaborações contribuem para a construção de sentidos contra-hegemônicos sobre a subjetividade dessas sujeitas. A pesquisa de Cristiane Campos (2020)¹² visa apreender como se dão as ações antirracistas

¹² Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense.

relacionadas à beleza negra no cenário digital, com ênfase na plataforma *YouTube*. Para isso, analisa vídeos das *youtubers* negras Camila Nunes e Gabi Oliveira, bem como os comentários de suas seguidoras, investigando como essas interações revelam contribuições para a quebra de valores hegemônicos de beleza e para expressões de reconhecimento, empoderamento e conscientização sobre o racismo. Seus achados revelam que, mesmo com abordagens diferentes — mais ou menos politizadas, ou com maior ou menor grau de alusão ao racismo —, as *youtubers* apresentam "importantes expressões contemporâneas de reconhecimento, empoderamento e conscientização antirracista." (CAMPOS, 2020, p. 108). A pesquisa destaca que os corpos negros, por serem essencialmente políticos em uma estrutura racista, fazem com que os conteúdos das influenciadoras evoquem manifestações políticas importantes para o combate de padrões brancocêntricos, sejam estas assumidas ou inconscientes.

Também enfocando a dimensão da beleza, Camila Maia (2018)¹³ analisa o papel das redes sociais como ferramenta para o empoderamento de mulheres negras por meio da estética e da imagem. Voltando-se para páginas do *Facebook*, a pesquisadora observa a valorização da beleza natural no ambiente virtual como uma estratégia de enfrentamento ao racismo, considerando o contexto sócio-histórico em que se inscrevem as práticas digitais. A pesquisa aponta a relevância de pautar o empoderamento estético, assim como o empoderamento a nível institucional, na medida em que o racismo está diretamente atrelado aos corpos e à fenotipia de pessoas negras, sendo o corpo um instrumento importante de construção de identidade. Com isso, o estudo atribui às discussões no *Facebook* uma prática necessária de produção, por parte de mulheres negras, de suas próprias narrativas sobre seus corpos e subjetividades. Os achados ainda ressaltam que o grande desafio do empoderamento criado nesse espaço digital é o risco de esvaziamento dessas novas narrativas pelo capitalismo.

As pesquisas mencionadas contribuem para a reflexão acadêmica sobre a influência das redes digitais na construção da autopercepção e valorização das corporalidades de mulheres negras, criando contrapontos ao olhar colonizador que historicamente definiu o que é belo a partir de parâmetros brancocêntricos. Nossa pesquisa pretende somar ao conhecimento acadêmico sobre essas novas narrativas enfocando a afetividade como tema principal, trazendo centralidade para uma dimensão da experiência das mulheres negras que tem sido ampliada pelas novas tecnologias de comunicação.

¹³ Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Paraná.

2.2.2 Autorrepresentações e construção de imagens da coletividade

Outras pesquisas enfocam as dinâmicas digitais em que mulheres negras elaboram discursos sobre si e também sobre mulheres negras enquanto grupo, rompendo com perspectivas externas e fomentando a autodefinição de si e da coletividade. Lunalva Lima (2018)¹⁴ investiga os sentidos produzidos pela audiência de influenciadoras digitais negras brasileiras no *YouTube*, observando em que medida essas narrativas afetam a percepção do público sobre ser uma pessoa negra e impactam na construção de suas subjetividades e no combate ao racismo. Por meio da análise dos comentários dos vídeos, a investigação mostrou que, a partir das narrativas criadas pelas *youtubers*, "a audiência relata mudança de perspectiva, comportamento, autopercepção e deslocamento de crenças, conceitos e valores acerca de si e de sua forma de falar e perceber o mundo ao seu redor" (LIMA, 2018, p. 108).

Também com foco no *YouTube*, a pesquisa de Evelyn Pereira (2020)¹⁵ investiga as representações de si e de outras mulheres negras produzidas pela *youtuber* Nátaly Neri em seu canal *Afros e Afins*, analisando criticamente as pedagogias culturais produzidas por ela no empoderamento de mulheres negras e na construção de discursos sobre raça. A pesquisa identificou que a *youtuber* opera pedagogias de empoderamento de grupos historicamente silenciados, ultrapassando o reforço de uma autoestima individualizada e positivando identidades culturais coletivas. Assim, "Nátaly Neri produz pedagogias culturais que disseminam conhecimentos alternativos e contra-hegemônicos, empoderando jovens mulheres negras para resistirem e transgredirem a subordinação racial, assumindo identidades negras positivas" (PEREIRA, 2020, p. 212). A análise também revelou a contribuição da *youtuber* para a inclusão da interseccionalidade no debate sobre a experiência de mulheres negras.

Já a pesquisa de Aldenora Cavalcante (2021)¹⁶ se aproxima de nosso objeto de pesquisa ao analisar o protagonismo de mulheres negras na podosfera brasileira como produtoras de suas próprias narrativas. Observando os *podcasts Afetos e Kilombas*, o trabalho investiga como o *podcast*, enquanto mídia independente, pode contribuir para o combate a um olhar externo estereotipado da grande mídia direcionado a esse grupo social. Constatou-se que os programas analisados configuram um espaço de conexão e partilha de experiências entre mulheres negras. A comparação entre os *podcasts* revelou o peso da regionalidade no *podcast Kilombas*, do

¹⁴ Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC.

¹⁵ Tese defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil.

¹⁶ Dissertação defendida no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, área de especialização em Estudos de Mídia e Jornalismo, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Nordeste, enquanto esse fator não se destaca no sudestino *Afetos*. A esse respeito, salientamos a reprodução da noção de neutralidade do eixo Sul-Sudeste, que se toma como referência e relega as demais regiões brasileiras ao rótulo do “específico” e “regional”. Esse aspecto nos parece relevante para pensar o *podcast Afetos* em nossa pesquisa como produto situado em determinada localização geográfica, que confere a ele implicações políticas específicas. Dadas as diferenças entre ambos os podcasts analisados, identificou-se que as produções contribuem para a construção da pluralidade e também da individualidade de mulheres negras.

Com foco nas escritas de si, a pesquisa de Elen Carvalho (2019)¹⁷, por sua vez, analisa textos disponíveis no site *Blogueiras Negras* de modo a identificar a construção de identidades das mulheres negras no ciberespaço, partindo da compreensão das características interseccionais que marcam suas trajetórias e atravessam suas narrativas. Os textos analisados apresentam vivências permeadas por dinâmicas de subalternização, indicam formas de enfrentamento e união entre mulheres negras e evidenciam modos de ressignificação das violências sofridas. A pesquisa mostra que o *blog* é um espaço onde mulheres negras se colocam como sujeitas, produzindo suas próprias representações e expondo suas individualidades.

A dissertação de Maria Lúcia Gomes (2020)¹⁸ busca identificar como se dá a autorrepresentação de mulheres negras no *YouTube* e, para isso, analisa as principais temáticas acionadas em suas narrativas na série de vídeos da campanha *YouTube Black Brasil* em 2017. A investigação identificou que o racismo estrutural é um dos grandes temas que permeia a narrativa das *youtubers* analisadas. Essa temática figura de diferentes maneiras em seus discursos, de forma mais ou menos explícita, já que são personagens múltiplas e com diferentes vivências. Apesar das diferentes abordagens, ao compartilharem suas experiências, as *youtubers* contribuem para a identificação de outras mulheres negras, bem como para a normalização da mulher negra no espaço digital a partir de suas próprias narrativas. Segundo a pesquisa, a presença dessas figuras falando sobre si e incentivando sua audiência a se valorizar auxilia no processo de desmonte de um imaginário negativo sobre mulheres negras no Brasil.

Os trabalhos citados evidenciam a importância das produtoras de conteúdo negras na produção de sentidos contra-hegemônicos sobre a identidade de pessoas negras – em especial, da mulher negra –, bem como seu impacto sobre seus públicos. A presente pesquisa contribui

¹⁷ Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia.

¹⁸ Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins.

para a investigação do papel desempenhado por essas agentes digitais, apresentando um diferencial ao enriquecer o debate com a especificidade da temática afetivo-sexual.

2.2.3 Influenciadoras digitais negras e empreendedorismo no meio digital

Aqui se inscrevem pesquisas voltadas para o meio digital como negócio para mulheres negras, enfocando o empreendedorismo digital sob a influência do fator racial. A pesquisa de Lídia Azevedo (2021)¹⁹ investiga estratégias empregadas por influenciadoras digitais negras brasileiras para tornar viável o trabalho no *Instagram* como um negócio. A investigação revelou que, apesar do sucesso profissional, as influenciadoras analisadas são atingidas pelas pressões do mercado publicitário, de modo que precisam criar estratégias para negociar seus posicionamentos com esse mercado e também com as plataformas digitais. Também foi evidenciado o sentido de cooperação das influenciadoras entre si.

Já a dissertação de Ana Carolina Santos (2021)²⁰ investiga o fenômeno do afroempreendedorismo, buscando explorar as interferências do racismo na prática empreendedora de mulheres negras que atuam com produção de conteúdo para as redes sociais. A pesquisa identifica que as estruturas de opressão racistas, sexistas e capitalistas são reproduzidas no ambiente virtual de modo a criar uma "periferia digital", marcada pela baixa visibilidade de produtores de conteúdo negros, pela disparidade de rendimento destes em comparação com influenciadores brancos e pelas dificuldades de inserção no mercado da influência. Mas observou-se que há, igualmente, uma mobilização de negras e negros no enfrentamento de práticas racistas no ambiente digital. Nesse sentido, a pesquisa identifica o afroempreendedorismo como uma ferramenta de enfrentamento ao racismo através da geração de trabalho, renda e transformação social.

No âmbito do GRIS, a dissertação de Mayra Carvalho (2019)²¹ investiga, com foco na campanha publicitária da linha de produtos capilares *Seda Boom*, a relação entre o discurso da marca Seda e o discurso de autoaceitação de *youtubers* crespas e cacheadas presentes nas ações de divulgação da marca. Sob uma perspectiva comunicacional, a pesquisa identifica os valores

¹⁹ Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

²⁰ Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

²¹ Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais.

e representações atrelados ao feminino e à negritude presentes nessa interação. A análise mostrou que a campanha evidencia a predileção por cabelos cacheados e definidos, independentemente de esta ser uma característica natural dos cabelos das *youtubers* embaixadoras. Essa imposição se manifesta nos diversos tutoriais (que podem levar horas) para a conquista do cacho perfeito. A pesquisa também indica o atravessamento das opressões de gênero e raça nos sentidos da campanha, uma vez que mostram que mulheres devem gastar muito tempo e dinheiro cuidando dos cabelos (opressão sexista), conferindo conotação negativa ao frizz, à desarrumação e à falta de cachos (racismo). Por fim, a investigação conclui que, enquanto as *youtubers* embaixadoras assumem um discurso político antirracista e feminista, a marca Seda homogeneiza suas imagens e apaga suas vozes ao apropriar-se de suas imagens.

A pesquisa de Carvalho (2019) se aproxima de nossa proposta ao apreender representações e analisar gênero e raça de maneira relacional. Além disso, os demais trabalhos mencionados rompem com a noção de neutralidade das redes, enfatizando as particularidades da experiência da mulher negra nas plataformas digitais e as negociações com discursos hegemônicos. Entretanto, as pesquisas apresentam uma visada mercadológica ou se voltam para o discurso publicitário, diferentemente de nossa proposta, que se concentra na produção de sentidos e nos processos comunicativos construídos por mulheres negras sobre a afetividade no formato *podcast*. Contudo, conforme nossa análise evidenciará, levamos em consideração que parte das apresentadoras do *Afetos Te Ajuda* está inserida na dinâmica comercial do mercado de influência, aspecto que pode interferir na produção e compartilhamento de sentidos com o público do quadro.

2.2.4 Mobilização política no meio digital

Parte das pesquisas traz contribuições para pensar o ativismo de mulheres negras no meio digital, investigando os desafios, as potencialidades e as novas práticas de organização política pelas novas tecnologias de comunicação. Flávia Clemente (2019)²² lança um olhar interseccional para o *Blogueiras Negras* ao investigar como as opressões de raça e gênero se manifestam virtualmente nos discursos direcionados às mulheres negras, analisando também como se dão os enfrentamentos a esses discursos. O percurso analítico mostrou que as manifestações de racismo e sexismo na internet promovem disputas de sentido assim como no

²² Tese defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco.

mundo presencial. Nesse cenário, a atuação das ativistas digitais negras combate narrativas hegemônicas, utilizando as tecnologias de informação como ferramenta de denúncia, reivindicações e produção de suas próprias narrativas. A análise também destacou o potencial político pedagógico do blog, que fornece informações e promove diálogos sobre as opressões de raça e gênero. O ativismo digital de mulheres negras também propicia a troca de experiências e a identificação de formas pedagógicas de reação às opressões.

O trabalho de Thais Silva (2019)²³, também analisando o *Blogueiras Negras*, investiga a apropriação das tecnologias de informação e comunicação por mulheres negras brasileiras de maneira estratégica para a resistência contra o racismo, o sexismo, a exploração de classe e outras opressões. Silva observa que as colaboradoras do Blogueiras Negras apropriam-se das tecnologias de comunicação para disputar sentidos e narrativas sobre o grupo social a que pertencem, desafiando estereótipos e estigmas hegemônicos e construindo suas próprias representações. Os achados mostram que o blog confere visibilidade a temas que fortalecem a identidade de mulheres negras, promove o ciberativismo e configura um espaço de divulgação da produção teórica e artística de intelectuais negras.

Já a tese de Dulcilei Lima (2020)²⁴ investiga se o movimento político de mulheres negras configura uma nova fase no meio digital, buscando observar rupturas e continuidades em relação a outras etapas da mobilização política desse grupo social. Entre os resultados encontrados, a pesquisa identificou dois segmentos distintos em atuação na internet: um feminismo negro liberal ou de consumo e um feminismo negro colaborativo. Ambos partilham da maior parte das pautas, mas se distinguem pelas formas de atuação. Uma crítica observada é que a difusão de pautas políticas por influenciadoras negras, ao mesmo tempo em que ampliam a discussão, provocam também a banalização e o esvaziamento de temas caros ao ativismo, tais como empoderamento, lugar de fala, representatividade e protagonismo. Os achados também mostram que as redes são lugar de produção e difusão de conhecimento, de sociabilidade, aprendizado, denúncias e mobilização para ações dentro ou fora da internet.

A dissertação de Sonia Dias (2009)²⁵, a pesquisa mais antiga encontrada, investiga o papel desempenhado pela internet na mobilização de organizações não-governamentais, tendo

²³ Dissertação defendida pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

²⁴ Tese defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC.

²⁵ Dissertação defendida pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

como foco a Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB). A pesquisa apontou que o uso da internet possibilita às organizações a diminuição de distâncias entre as integrantes, a manutenção de vínculos, a diminuição de custos com deslocamento e o acesso a outras redes de relacionamentos, bem como a mobilização para ações do grupo. Os achados revelaram que as novas tecnologias de comunicação permitem a ampliação dos movimentos sociais já existentes e a criação e o fortalecimento de vínculos entre pessoas e grupos sociais.

Dailza Lopes (2017)²⁶, por sua vez, investiga como o ciberativismo tem sido empregado para a mobilização política de mulheres negras no *Facebook*, com foco em coletivos soteropolitanos que têm como mote o discurso de aceitação do cabelo natural. A pesquisa identifica que, a partir da pauta da aceitação dos cabelos crespos e cacheados, mulheres negras incentivam o empoderamento de outras mulheres e reivindicam o acesso a espaços de poder através do compartilhamento de informações e experiências. Os diálogos construídos on-line ainda são fortalecidos nos encontros presenciais organizados pelas redes.

As pesquisas citadas enfocam a apropriação das redes por mulheres negras através de movimentos organizados e do ciberativismo, situando-as como sujeitas políticas. Nossa pesquisa se diferencia dessas propostas na medida em que não se direciona ao ativismo político digital, mas sim à produção simbólica de mulheres negras na internet sobre afetividade.

2.2.5. Comparação entre narrativas de mulheres negras e outras produções

Das pesquisas encontradas, duas são análises comparativas entre discursos de mulheres negras no meio digital e outras produções, de modo a identificar seus distanciamentos, aproximações e particularidades. Agnes Cruz (2018)²⁷ analisa o jornal *Folha de S. Paulo* e o *Portal Geledés*, apreendendo as semelhanças e diferenças entre os dois meios na veiculação de dois acontecimentos: a chamada Primavera das Mulheres, em 2015, movimento de reivindicações pela igualdade de gênero e pelo combate à violência de gênero, e a divulgação do Mapa da Violência no mesmo ano, documento que revelou dados alarmantes sobre o aumento da violência de gênero direcionada às mulheres negras. Observou-se que a *Folha de S. Paulo* é menos contundente na abordagem da dimensão racial no noticiamento da violência de gênero, diferentemente do *Portal Geledés*, onde a abordagem interseccional permeia os

²⁶ Dissertação defendida pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia.

²⁷ Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

conteúdos sobre violência doméstica. Os achados revelam que o aumento da cobertura noticiosa de violência de gênero contra mulheres negras é diretamente relacionado à atuação do ciberativismo negro na reivindicação de análises interseccionais dos crimes baseados em gênero. A pesquisa também elabora uma proposta de cobertura jornalística que contempla uma abordagem interseccional para o noticiamento da violência contra mulheres negras.

A dissertação de Laís Rodrigues (2016)²⁸ busca identificar as dinâmicas comunicativas presentes em blogs coletivos feministas brasileiros. Para isso, analisa as páginas *Blogueiras Feministas* e *Blogueiras Negras*, observando os temas abordados no período de março de 2015 a março de 2016 e os pontos de convergência entre ambas as redes. Os resultados mostram que o processo comunicativo de mulheres em blogs feministas é fundado na ação coletiva e na cooperatividade entre mulheres, através do diálogo e do estabelecimento de conexões. Também se observou especificidades nas vivências e pautas específicas de mulheres negras e mulheres brancas, o que reverbera nas temáticas frequentes em cada blog. Em ambos os blogs, foram identificados atravessamentos entre teoria, militância e vivências individuais das mulheres colaboradoras.

Nossa pesquisa se diferencia de ambos os trabalhos na medida em que não empreende análises comparativas entre diferentes produções, mas se volta para discursos produzidos no formato *podcast*. Pretendemos apreender marcas interseccionais dos sentidos sobre o amor e as relações afetivo-sexuais produzidos por mulheres negras.

Para além das distinções entre esses trabalhos e a particularidade de nossa pesquisa, o estado da arte realizado nos permitiu observar alguns eixos que aproximam as pesquisas que tematizam as mulheres negras no ambiente digital. A interseccionalidade é um ponto de convergência entre a maioria das produções, já que as questões de raça e gênero foram levadas em conta na mobilização de mulheres negras nos meios virtuais. Também se destaca nas pesquisas a compreensão da internet enquanto ferramenta profícua para o diálogo, ascensão e/ou reconhecimento identitário das mulheres negras enquanto grupo historicamente subalternizado.

²⁸ Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

3 O PODCAST *AFETOS*

Neste capítulo, realizamos uma caracterização do nosso objeto de pesquisa, o *podcast Afetos*, de modo a evidenciar as motivações por trás de sua criação, seus objetivos e seu formato. Apresentamos também um perfil das apresentadoras Karina Vieira, Gabi Oliveira e Déia Freitas, integrante fixa do quadro *Afetos te Ajuda*, salientando o lugar de onde essas sujeitas falam. Em seguida, delineamos uma caracterização do quadro *Afetos te Ajuda*, que utilizamos como recorte de análise para a nossa pesquisa, conforme justificaremos no capítulo de metodologia.

3.1 O que é o *Podcast Afetos*: uma caracterização da empiria

O primeiro episódio do *podcast Afetos* foi lançado em junho de 2019. Criado pelas comunicadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira, o projeto visa construir um espaço de trocas e compartilhamentos de experiências e subjetividades entre mulheres, em especial, mulheres negras. Conforme observado ao longo das análises e também segundo falas das apresentadoras, ao partilharem vivências e opiniões acerca de assuntos variados, as comunicadoras objetivam fortalecer e incentivar mulheres a falarem sobre si e a partir de si, de modo a darem voz a suas próprias narrativas, suas carências e suas fragilidades, mas também suas potências.

Em outubro de 2020, Gabi Oliveira e Karina Vieira realizaram o vídeo “Precisamos falar mais sobre afetos” no evento TEDxSaoPaulo, onde falaram sobre as motivações por trás da criação do *Podcast Afetos*²⁹. Na fala de Gabi Oliveira, o que as estimulou a iniciar o projeto foi “o fato de nós acreditarmos que, quando falamos sobre as nossas subjetividades de forma pública, sobre as nossas fragilidades, fortalezas e processos de autoconhecimento, autorizamos mais e mais mulheres a se verem como sujeitas de suas próprias histórias.” (TEDX TALKS, 2020).

Karina Vieira acrescenta: “Por conta do nosso trabalho de compartilhamento através do projeto *Afetos*, entendemos que sim, o pessoal pode ser político; que as nossas construções individuais podem causar, sim, grandes impactos no coletivo.” (TEDX TALKS, 2020).

²⁹ **Precisamos falar mais sobre afetos | Gabi Oliveira Karina Vieira | TEDxSaoPaulo.** Publicado em: YouTube em 28 de outubro de 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ryUuVrCOeWs & ab_channel=TEDxTalks](https://www.youtube.com/watch?v=ryUuVrCOeWs&ab_channel=TEDxTalks)>. Acesso em: 21 mar. 2022.

Portanto, o podcast apresenta a proposta de conectar experiências subjetivas a um contexto social mais amplo, salientando como as individualidades influenciam e são influenciadas pela coletividade.

Na aba “Sobre” do *podcast Afetos* na plataforma *Spotify*, o programa é definido da seguinte maneira:

No Podcast *Afetos* nós falamos sobre tudo que nos afeta, aproximando pessoas por meio do que nos sensibiliza.

O *Afetos* é uma criação das comunicadoras Gabi Oliveira e Karina Vieira.

Os 5 primeiros episódios são sobre Sentimentos, pois já começamos falando sobre aquilo que nos move, mesmo que de forma subjetiva.

Disponível todas as sextas, antes do 12h. (PODCAST AFETOS, 2022)³⁰

Os cinco primeiros episódios do programa referidos na descrição acima abordam, respectivamente, os seguintes temas: 1) Insegurança; 2) Felicidade; 3) Raiva; 4) Medo e, por fim, 5) Amor.

O programa é caracterizado por episódios de, em média, 35 minutos, onde as apresentadoras conversam sobre uma determinada temática. O tema pode ser derivado da escolha das próprias apresentadoras, a partir de suas reflexões individuais ou conjuntas, de pedidos de ouvintes ou de desdobramentos de assuntos já conversados em outros episódios. Os episódios geralmente seguem a seguinte estrutura: após a vinheta de abertura, Gabi Oliveira e Karina Vieira se apresentam e introduzem o tema que orientará a conversa do dia. Em seguida, as comunicadoras apresentam suas perspectivas sobre o assunto, dialogando entre si. Ao fim da discussão, as apresentadoras agradecem a escuta da audiência e pedem que as ouvintes sigam os perfis do *podcast* nas redes sociais, convidando-as também a prosseguir a conversa em seu grupo no *Telegram*.

As redes são um meio importante de interlocução entre as apresentadoras e seus públicos. No *Instagram*, o perfil do *Afetos* tem 33,2 mil seguidores; já sua conta no *Twitter* conta com mais de 15 mil seguidores. Já o canal do programa no *Telegram* tem mais de 3,8 mil membros; nesse canal, os participantes continuam as conversas propostas em cada episódio do *Afetos*, dando suas opiniões, fazendo relatos pessoais e expondo críticas a falas presentes no programa³¹.

O estímulo à participação do público nas conversas iniciadas no programa é um aspecto importante da dinâmica do *Afetos*. O diálogo do *podcast* com a audiência, bem como a interação

³⁰ **PODCAST AFETOS por Gabi Oliveira e Karina Vieira.** Publicado em: *Spotify*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/3cEqpvXRLIyOZXAJTOERBR?si=1a212138ffa84749&nd=1>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

³¹ Os dados das redes sociais foram coletados em 20 mar. 2023.

da audiência entre si, são sempre incentivados pelas apresentadoras, que incitam a participação ativa das ouvintes em seus canais de comunicação, em especial no *Telegram*. Karina Vieira é administradora do aplicativo de mensagens e já afirmou em episódios do *Afetos* que lê todas as mensagens recebidas nas redes sociais do *podcast*. Por vezes, alguns aspectos abordados pelos participantes do *Telegram* são destacados em episódios do *podcast*.

No dia 3 de dezembro de 2022, Gabi Oliveira e Karina Vieira realizaram o lançamento do livro *Cartografia dos afetos: Uma conversa sobre vivências, descobertas e os caminhos do autoamor*³², onde as apresentadoras aprofundam tópicos já abordados no *podcast*. Esses assuntos são tratados ao longo de 20 capítulos, que são divididos em cinco seções. Na primeira seção, intitulada *É interno o maior labirinto*, são discutidos temas relacionados a desafios internos em cinco capítulos: 1) *Síndrome da impostora*; 2) *O poder da vulnerabilidade*; 3) *Insegurança*; 4) *Amor* e 5) *Prazer*. A segunda seção, *Relacionamentos*, contém os capítulos 6) *Mulheres se resumem aos seus relacionamentos?*; 7) *Solidão*; 8) *Responsabilidade afetiva* e 9) *Amizade*. A terceira seção, *Relações raciais*, apresenta os capítulos 10) *Auto-ódio*; 11) *Relações interracialis*; 12) *Colorismo*; 13) *Leituras descolonizadas* e 14) *Masculinidade: precisamos conversar com os homens?*. Na quarta seção, *Saúde Mental*, são discutidos 15) *Terapia e saúde mental*; 16) *Ansiedade*; 17) *O que realmente vale a pena?* e 18) *Rompendo ciclos familiares*. Por fim, o quinto bloco, *Projetando futuros*, conta com os capítulos 19) *Escrevivências* e 20) *Proteja seus sonhos*.

3.2 Sobre as apresentadoras

3.2.1 Quem é Gabi Oliveira

Gabi Oliveira é comunicadora social, ativista e influenciadora digital. Natural de Niterói, tem 30 anos e é mãe de duas crianças, Mário e Clara, que foram adotadas em 2021. Formada em Relações Públicas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, passou a se tornar amplamente conhecida a partir de seu canal no *YouTube*, “DePretas” — hoje em dia chamado “Gabi Oliveira”. No canal, criado em 2015, começou a postar vídeos relacionados à estética

³² **Cartografia dos afetos: Uma conversa sobre vivências, descobertas e os caminhos do autoamor.** Rio de Janeiro: Fontanar, 2022.

negra e a discussões raciais. Desde então, Gabi passou a crescer no *YouTube*, se tornando uma das produtoras de conteúdo negras de referência no Brasil.

Seu canal no *YouTube* possui 665 mil inscritos. Em 2021, lançou um outro canal na plataforma de vídeos chamado Cozinhando com a Gabi, voltado para o compartilhamento de receitas veganas, que apresenta 38,4 mil inscritos. Além de seu trabalho no *YouTube*, a influenciadora compartilha sua rotina e produz conteúdos para o *Instagram*, onde conta com 603 mil seguidores³³. Gabi já fez publicidade para marcas como Seda, Marisa, Sallve e Mercado Pago.

3.2.2 Quem é Karina Vieira

Karina Vieira tem 38 anos, é comunicadora e ativista. Estudou Comunicação Social e Gestão de Políticas Sociais na Universidade Castelo Branco, no Rio de Janeiro. A *podcaster* já afirmou, em um dos episódios do *Afetos*, que não é uma influenciadora digital como Gabi Oliveira, e que nem pretende ser (apesar da cobrança de algumas seguidoras por mais presença nas redes sociais, estabelecendo comparações com sua colega de *podcast*). Por não se expor tanto nas redes, não há tantas informações disponíveis sobre ela — a maioria das informações se encontra nos episódios do *Afetos*, ao longo das diferentes temáticas discutidas. A comunicadora, inclusive, já comentou em episódios do *podcast* sobre o desafio de se expor através do programa.

Após anos trabalhando em uma livraria, em 2022, Karina passa a trabalhar como roteirista do *podcast Não Inviabilize*, comandado por Déia Freitas, integrante fixa do quadro *Afetos te Ajuda*, que será apresentada a seguir.

3.2.3 Quem é Déia Freitas, integrante fixa do Afetos te Ajuda

“Oi, gente! Meu nome é Déia Freitas, tenho 47 anos, sou psicóloga, *podcaster*, roteirista, escritora, uma contadora de histórias! Sou ativista da causa animal, preocupada com o meio-ambiente, vegana e voluntária em várias causas sociais” (NÃO INVIABILIZE, c2022)³⁴. Essa

³³ Dados coletados em 20 mar. 2023.

³⁴ **Quem faz?**. Publicado em: Não invibialize. Disponível em: <<https://naoinviabilize.com.br/>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

é a descrição de Déia Freitas no site de seu *podcast*, o *Não Inviabilize*. A comunicadora ganhou muita evidência a partir de 2020 devido à popularidade de seu programa, que conta histórias enviadas por ouvintes. De acordo com o site oficial do projeto, “o canal *Não Inviabilize* é um espaço de contos e crônicas, um laboratório de histórias reais” (NÃO INVIABILIZE, c2023). Apesar do grande sucesso do *podcast*, Déia é bastante discreta nas redes sociais, portanto, raramente posta fotos ou expõe detalhes de sua vida pessoal. O *podcast* é o meio predominante pelo qual seus seguidores conseguem acessá-la. A apresentadora também é bastante ativa no *Twitter*, onde interage com seus ouvintes sobre o programa.

O *Não inviabilize*, disponível de forma gratuita nas principais plataformas agregadoras de áudio, apresenta oito quadros: 1) *Picolé de Limão*, que apresenta casos surpreendentes e/ou bizarros, como, por exemplo, histórias de golpes e de traições peculiares; 2) *Amor nas Redes*, onde são contadas histórias de amor dos ouvintes - não apenas relações românticas, mas também histórias emocionantes envolvendo laços afetivos em diferentes arranjos de relacionamento; 3) *Luz Acesa*, sobre casos de “terror”, envolvendo situações sobrenaturais vividas por ouvintes; 4) *Mico Meu*, que conta relatos de situações constrangedoras da audiência; 5) *Pimenta no dos Outros*, que apresenta casos inusitados em contextos eróticos; 6) *Patada*, sobre histórias envolvendo animais de estimação dos ouvintes; 7) *Alarme*, que traz histórias do público que servem como alerta sobre assuntos importantes, e 8) *Ficção da Realidade*, que conta histórias de ficção, geralmente enredos de livros e filmes que são divulgados como publicidade.

Os ouvintes também contam com a opção de se tornarem assinantes do *podcast* com a quantia de R\$12,00 mensais, o que garante o acesso a três quadros exclusivos, além daqueles já disponíveis gratuitamente. Além dos quadros fixos, o *podcast* também realiza especiais, que consistem em séries de histórias com uma mesma temática (por exemplo, especial com histórias de Natal, lançado ao final do ano).

Em 30 de setembro de 2022, Déia anuncia nas plataformas de áudio e em suas redes sociais que *Não Inviabilize* atingiu a marca de 100 milhões de reproduções no *Spotify* e 1 milhão de ouvintes fiéis na mesma plataforma, além de ter conseguido mais 130 milhões de *plays* contando com outras plataformas de áudio. O *podcast* já fez publicidade para marcas como Pantynova, Drogasil e Telecine.

Déia Freitas entra como integrante fixa do *Afetos te Ajuda* com seu próprio *podcast* já consolidado e popular. Sua participação fixa no quadro de Gabi Oliveira e Karina Vieira foi anunciada no terceiro episódio do quadro e, conforme dito pelas apresentadoras, sua presença permanente foi formalizada devido a muitos pedidos da audiência e das próprias integrantes do *podcast*.

3.3 O quadro *Afetos te Ajuda*

O episódio de estreia do quadro *Afetos te Ajuda* foi lançado no dia 4 de fevereiro de 2021. Nele, as apresentadoras se propõem a dar suas opiniões acerca de histórias mandadas por ouvintes. A estreia contou com a participação especial da *podcaster* Déia Freitas, que, após pedidos das ouvintes, passou a ser integrante fixa do quadro a partir do terceiro episódio. Disponibilizado uma vez por mês, este é o único quadro do programa até o momento.

Sobre o intuito do *Afetos te Ajuda*, Gabi Oliveira explica no primeiro episódio:

A gente vai comentar as mensagens, as histórias que vocês mandam pra gente através do nosso e-mail, afetospodcast@gmail.com. Pode mandar lá porque a gente vai dar aqueles pitacos; vocês falam que gostam das nossas reflexões... A gente já deixa claro também que talvez não chegue a conclusão nenhuma, porque a minha opinião é uma, a da Karina é outra, a da Déia é outra [...]. A gente sempre fala isso: o *Afetos* é você sentar na mesa do bar com suas amigas, e aquelas conversas, cada um vai dando opinião, cê conta um causo... E a gente vai fazer esse *Afetos te Ajuda* nesse formato. (PODCAST AFETOS, 2021)

A grande maioria das histórias selecionadas para a discussão no *podcast* são enviadas por ouvintes mulheres. Os relatos não seguem um tema único: podem envolver questões familiares, de trabalho, individuais, afetivo-sexuais, etc. Contudo, a maioria dos episódios lançados apresenta situações que envolvem a vida afetivo-sexual das mulheres — seja sobre dificuldades enfrentadas em um relacionamento ou na superação de um término, questões de autopercepção relacionadas a investidas afetivas, entre outras situações pertencentes à dinâmica das relações amorosas. De acordo com Karina Vieira, o quadro quase não recebe histórias de homens heterossexuais, recebendo em sua maioria histórias de mulheres e de homens gays³⁵. Até 20 de março de 2023, um total de 22 episódios do quadro foram lançados.³⁶

Os episódios do quadro *Afetos te Ajuda* geralmente seguem um mesmo formato: duas histórias de ouvintes são selecionadas para cada um — no episódio #110, lançado em agosto de 2021, Gabi Oliveira afirma que a seleção das histórias é feita por Karina Vieira³⁷. A mensagem é lida por uma das apresentadoras e, em seguida, as três dão suas opiniões sobre o caso descrito.

³⁵ O comentário foi feito no episódio “AFETOS TE AJUDA - PART. NÃO INVIABILIZE #162”, de 29 de setembro de 2022. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/1KLGp2UkEPRmGafQkpO1dh?si=i9L2CWAcSx6LIIdsn90p-g>>. Acesso em 10 out. 2022.

³⁶ Dado referente ao período de 4 fevereiro de 2021 a 20 de março de 2023.

³⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5MvNNkdZ8JURcRGb01QN52>. Acesso em: 31 mar. 2023.

As conversas geralmente se dão em um clima de descontração, informalidade e intimidade entre Gabi, Karina e Déia. Pode haver discordâncias, brincadeiras, mudanças de opinião. Ao final de cada programa, as apresentadoras convidam as ouvintes a seguirem o perfil do *podcast Afetos* nas redes sociais, inclusive o grupo do *podcast* no *Telegram*, e a prosseguir as conversas do programa dando suas opiniões nesses canais.

Consideramos importante enfatizar que esse formato de aconselhamento de mulheres remonta a estágios anteriores da luta feminista na imprensa brasileira: destacamos aqui o trabalho desempenhado pela jornalista e feminista Carmen da Silva na revista feminina *Claudia*, onde liderou a coluna “A arte de ser mulher” no período de 1963 a 1985. Nesse espaço, a colunista dava conselhos sobre dilemas variados de suas leitoras, enviados por meio de cartas. Indo contra o posicionamento conservador da própria revista, Carmen denunciava os padrões de feminilidade impostos pela sociedade e, dessa forma, constituiu a vanguarda do feminismo brasileiro na imprensa feminina do século XX, conforme apontam Casali e Souza (2021).

Dado o panorama descritivo de nossa empiria, consideramos oportuno introduzir uma breve discussão teórica acerca da temática do amor e da sexualidade, sobre a qual nos ateremos em nossa análise, de modo a delinear as relações a que nos referimos.

3.4 Sobre amor e sexualidade: uma breve discussão

De acordo com o dicionário on-line *Oxford Languages*, a palavra “amor” apresenta duas definições: 1) forte afeição por outra pessoa, nascida de laços de consanguinidade ou de relações sociais; e 2) atração baseada no desejo sexual. Com base nesses dois significados, podemos delinear os sentidos comumente atribuídos ao conceito de amor nas práticas sociais, e que são relevantes para os objetivos da presente pesquisa. Partindo da primeira definição apresentada, o amor consiste nos laços de afeto estabelecidos por um indivíduo em relação a outras pessoas, tanto originados de parentesco (pai, mãe, irmãos e familiares em geral) quanto de outras áreas da convivência social, como as amizades. Já a segunda definição estreita a definição do amor para a esfera da afeição atrelada à atração sexual, âmbito que se associa ao estabelecimento de laços de casamento, namoro e outras variações de caráter afetivo-sexual.

Ao longo deste trabalho, alternamos termos como amor, relações amorosas, relações afetivo-sexuais, relações afetivas, relações românticas. Todas essas variações se referem, aqui, à dinâmica de relações íntimas características da segunda definição apresentada, que consiste

no foco de nosso interesse de pesquisa. Portanto, compreendendo que as dinâmicas associadas ao amor se estendem às mais variadas relações, nos atemos às implicações das relações afetivo-sexuais.

Não obstante, consideramos oportuno apresentar uma perspectiva de desnaturalização da distinção e hierarquização entre diferentes formas relacionais. No texto *Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário*, a psicóloga e pesquisadora indígena guarani Geni Nuñez (2021) define a ideologia colonial enquanto um sistema de monoculturas que resulta em práticas violentas. Um dos eixos centrais destas monoculturas é o pressuposto da não concomitância: “só um deus seria verdadeiro, só um amor seria legítimo, apenas uma sexualidade a ser escolhida, apenas um plantio na terra e assim por diante. Esse modo unívoco de existir só consegue se positivar na negatificação de outros seres, operando através de uma lógica parasitária” (NUÑEZ, 2021, p. 2). Portanto, salienta-se nessa perspectiva que a exclusividade sexual característica das relações monogâmicas, bem como a hierarquização de relacionamentos, não são fenômenos naturais, mas sim produzidos a partir de uma lógica colonial que divide o mundo em binarismos.

São diversas e distintas as concepções teóricas acerca do amor, de modo que a presente discussão teórica não esgota o assunto. O que destacamos é que essas variadas abordagens sobre a temática são intrinsecamente atreladas ao contexto sociocultural e histórico em que se inserem e disseminam, estando sujeitas a transformações e interpretações com o passar do tempo.

De acordo com Anthony Giddens (1993), a associação do casamento ao amor e à atração sexual não é algo natural: em estágios anteriores da história, a união matrimonial consistia em uma transação econômica, com fins materiais. O autor destaca que, na Europa pré-moderna, “a maior parte dos casamentos eram contraídos, não sobre o alicerce da atração sexual mútua, mas o da situação econômica. Entre os pobres, o casamento era um meio de organizar o trabalho agrário” (GIDDENS, 1993, p. 49).

A transformação dessa concepção para a compreensão do casamento como uma união com base no amor, de acordo com Renato Nogueira (2020), tem origem no desenvolvimento do chamado *amor cortês*. Nogueira, com base nas contribuições do filósofo Irving Singer, aponta que o amor cortês foi um modelo de amor predecessor do amor romântico, que emerge pautado em um triângulo amoroso entre uma mulher, seu esposo e um homem externo ao casamento, que cultivava o desejo pela mulher comprometida. É a partir desse modelo afetivo, estrategicamente produzido e disseminado, que abre-se espaço para a dimensão do desejo e da sensualidade na esfera do casamento, antes compreendida como um “contrato social e de

interesses que não tinha qualquer relação com o afeto entre os envolvidos no matrimônio” (NOGUERA, 2020, p. 118).

O amor cortês surge, então, como uma invenção do clero medieval para organizar as conquistas dentro da corte. Uma vez que o matrimônio não passava de uma transação jurídica e econômica, e o sexo só servia para a procriação, coube ao clero reorganizar o mundo dos afetos para tentar arrebatá-lo, dos cavaleiros medievais, um pouco de seu desejo sexual. Assim, criou-se um jogo sutil de regras entre a mulher, seu marido e um homem que a cortejava — e finalmente abriu-se espaço para a sensualidade. (NOGUERA, 2020, p. 118)

O aspecto sensual do amor cortês passou a predominar na concepção de casamento com o passar dos séculos. Esses novos sentidos atrelados ao cortejo e ao matrimônio foram aprofundados pelo Romantismo e cada vez mais disseminados ao longo do tempo, configurando “o amor romântico que conhecemos hoje: a união entre duas pessoas que se amam e se bastam” (NOGUERA, 2020, p. 119).

Giddens (1993) apresenta uma série de características que englobam a noção de *amor romântico*. Conforme o autor, “Nas ligações do amor romântico, o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual” (GIDDENS, 1993, p. 50), ou seja, apesar de conter o elemento do desejo carnal, o amor ultrapassa-o, valorizando as características e valores da pessoa amada que a distinguem como especial.

Além disso, o amor romântico presume uma conexão instintiva com o ser amado. Giddens salienta que o “amor à primeira vista” típico do amor romântico consiste em uma atração instantânea pela pessoa amada, não no sentido erótico, mas sim por uma conexão intuitiva: “O ‘primeiro olhar’ é uma atitude comunicativa, uma apreensão intuitiva das qualidades do outro. É um processo de atração por alguém que pode tornar a vida de outro alguém, digamos assim, ‘completa’.” (GIDDENS, 1993, p. 51). Nessa perspectiva, uma relação amorosa se dá de forma predestinada, de modo que não exige esforços das partes envolvidas para a construção de uma intimidade, para a descoberta de afinidades — enfim, para conhecer a pessoa amada. Essa visada também presume que o êxito amoroso é fonte de autorrealização, na medida em que preenche o que faltava na vida do par amoroso, conferindo completude aos envolvidos.

Por mais que possa “terminar em tragédia e se nutrir na transgressão” (GIDDENS, 1993, p. 56), como ilustra a famosa e talvez mais emblemática história de amor da literatura ocidental, *Romeu e Julieta*, o amor romântico idealiza e projeta um futuro triunfante com a pessoa desejada. A ideia do “felizes para sempre” representa essa perspectiva, bem como a noção de uma “alma gêmea”, que presume a ideia de um amor único e insubstituível.

Renato Nogueira (2020) destaca que o conjunto de valores característicos do amor romântico prosperou no mundo ocidental devido à sua forte conformidade com as estruturas dominantes, uma vez que “[...] corrobora com um projeto capitalista de acúmulo de capital e ampliação de patrimônio” (NOGUERA, 2020, p. 125). O autor desenvolve seu argumento delineando de que maneira esse modelo de amor se atrela a várias instituições estruturantes da sociedade vigente.

O amor romântico, em sua essência, pressupõe a realização de algo que seria inerente ao ser humano. Em termos mais objetivos, é o reconhecimento de que é possível atrelar o amor a um contrato jurídico (tipo casamento ou união estável), a normas socioeconômicas (dividir compromissos financeiros e constituir patrimônio) e valores morais aceitáveis (em geral, judaico-cristãos, no caso, a união de duas pessoas e, historicamente, entre um homem e uma mulher, em específico). (NOGUERA, 2020, p. 117)

Para Nogueira, a monogamia é um aspecto central do amor romântico, já que esse modelo amatório é marcado “pela crença de que uma pessoa é suficiente para nos completar e satisfazer nossos desejos — sejam eles sexuais, econômicos ou afetivos.” (NOGUERA, 2020, p. 124). Ademais, salienta o caráter originalmente heteronormativo desse modelo de amor, já que é fundamentado em bases cristãs, que preconizam a relação entre homens e mulheres cisgêneros e heterossexuais. Além disso, homem e mulher são compreendidos a partir de determinados papéis de gênero que devem desempenhar.

Contudo, o autor afirma que, “com a revolução sexual e os movimentos LGBTQI+ do século XX” (NOGUERA, 2020, p. 120), a relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo passou a ser agregada sob o ideário romântico. “Porém, manteve-se como uma relação baseada na monogamia, na qual um indivíduo se une com sua alma gêmea, que o completa” (NOGUERA, 2020, p. 120).

Nogueira salienta que, “pela primeira vez em muito tempo, o amor romântico tem encontrado um rival à altura” (NOGUERA, 2020, p. 115): o *poliamor*, que, originado em um contexto mais atual e diverso, vai contra uma noção de amor atrelado a amarras burocráticas e valores morais.

O poliamor, por sua vez, está pautado num modelo mais realista do mundo. Ele reconhece que a monogamia, ou seu *status* de modelo único e possível, está ligada ao patriarcado patrimonialista e a valores religiosos. Além disso, reconhece o prazer sexual e postula que a liberdade de exercício da sexualidade é um valor individual — portanto, os desejos afetivo-sexuais de uma pessoa não podem ser reduzidos a padrões morais, econômicos e culturais. Daí o termo poliamor, ou seja, amor por muitos (*poli*). (NOGUERA, 2020, p. 120)

Um dos pontos fundamentais que diferenciam o amor romântico do poliamor, segundo o autor, é a compreensão do âmbito do desejo, na medida em que o padrão poliamoroso

pressupõe que os vínculos afetivo-sexuais não devem ser orientados e regulados por normas jurídicas e sociais, mas sim de acordo com as demandas acordadas pelas pessoas em relação.

Também trazendo um contraponto ao ideal do amor romântico, Giddens (1993) denomina como *relacionamento puro* o tipo de vínculo amoroso que passou a ganhar espaço na sociedade contemporânea, fortemente relacionado com as transformações nos papéis de gênero associados às mulheres, que passaram a exercer maior liberdade sexual e a exigir maior igualdade na esfera da intimidade. O relacionamento puro é caracterizado pelo engajamento em uma relação “apenas pela própria relação” (GIDDENS, 1993, p. 68), isto é, pelos benefícios que podem ser obtidos da construção dessa união, “e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem.” (GIDDENS, 1993, p. 69). Segundo Giddens, se antes o amor era usualmente atrelado à sexualidade através do casamento, agora ambos são cada vez mais vinculados a partir do relacionamento puro.

Dentro desse novo paradigma de construção de vínculos amorosos, Giddens destaca a emergência do *amor confluyente*. Esse modelo de amor se diferencia drasticamente do modelo de amor romântico, na medida em que este último está intrinsecamente assentado na identificação projetiva, em que os sujeitos enamorados projetam idealizações sobre o outro e, assim, “os traços do outro são ‘conhecidos’ em uma espécie de sentido intuitivo” (GIDDENS, 1993, p. 72). Em oposição a essa apreensão intuitiva, o *amor confluyente* pressupõe a construção de um vínculo afetivo a partir do desenvolvimento da intimidade, da abertura mútua dos envolvidos em relação ao outro.

O amor confluyente presume igualdade na doação e no recebimento emocionais, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro. Neste momento, o amor só se desenvolve até o ponto em que se desenvolve a intimidade, até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável a esse outro. (GIDDENS, 1993, p. 73)

Na medida em que compreende o amor enquanto construção conjunta e ativa, o amor confluyente refuta “[...] as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia do amor romântico” (GIDDENS, 1993, p. 72). Nesse sentido, se afasta da ideia de busca por uma “pessoa especial” e se aproxima da ideia de busca por um “relacionamento especial” (GIDDENS, 1993, p. 72). Agora, portanto, o amor não é intuitivo, nem predestinado, nem pressupõe a existência de uma “alma gêmea”, mas depende de um esforço recíproco e só se mantém enquanto fizer sentido para todas as partes envolvidas.

O sexo no *amor confluyente* também desempenha um papel bem diferente do que é preconizado no amor romântico, na medida em que se torna central para a manutenção do relacionamento, assim como a entrega emocional. “O amor confluyente pela primeira vez introduz a *ars erotica* no cerne do relacionamento conjugal e transforma a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento.” (GIDDENS, 1993, p. 73). Além disso, o amor confluyente não é necessariamente monogâmico: “A exclusividade sexual tem um papel no relacionamento até o ponto em que os parceiros a considerem desejável ou essencial.” (GIDDENS, 1993, p. 74).

Até aqui, apresentamos perspectivas sobre o amor majoritariamente originadas e pensadas a partir de um referencial europeu. Sobonfu Somé (2007), autora burquinense, apresenta uma compreensão das relações afetivo-sexuais que se afasta de premissas ocidentais, refletindo os ensinamentos do povo Dagara. Em *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*, a autora defende que existe uma dimensão espiritual que nutre e move todos os relacionamentos, e sem a qual esses vínculos não prosperam. De acordo com Somé, “é muito fácil nos perdermos na vida mundana e esquecermos da conexão com o espírito. No entanto, sem essa conexão, somos praticamente mortos-vivos.” (SOMÉ, 2007, p. 28). O espírito, nessa perspectiva, corresponde a uma força vital que nos ajuda a realizar nosso propósito de vida (SOMÉ, 2007, p. 26). “O espírito une as pessoas para dar-lhes a oportunidade de crescerem juntas” (SOMÉ, ANO, p. 47).

Somé salienta, com base na filosofia Dagara, que uma relação é um empreendimento coletivo, que deve ser zelado e nutrido em comunidade, uma vez que um só indivíduo não tem a capacidade de satisfazer todas as necessidades da pessoa amada. “A ausência de uma verdadeira comunidade deixa o casal totalmente responsável por si e pelas coisas à sua volta. Assim, a possibilidade de atender suas necessidades fica reduzida. O relacionamento acaba se tornando a comunidade da pessoa.” (SOMÉ, ANO, p. 36). Uma rede de apoio externa como amigos e família, portanto, provê ao casal suporte emocional, auxílio na resolução de problemas e novas perspectivas acerca de determinados assuntos, expandindo sua visão sobre a realidade.

A autora refuta a ideia de que a paixão seria o motor do amor, e, para isso, utiliza a *metáfora da montanha*: a paixão seria o ápice dessa montanha; portanto, basear um relacionamento na paixão seria começar o trajeto pelo topo. Nesse caso, só restaria ao relacionamento a descida. Para Somé, o ato de amar equivale à jornada de subir uma montanha: durante o trajeto de subida, conhecemos e fortalecemos nossa intimidade com o outro. Nesse sentido, é no processo diário que a relação amorosa é construída e adquire solidez, sem atalhos,

fórmulas mágicas ou a euforia inebriante da paixão, característica do estágio inicial de uma relação.

Um aspecto central nas reflexões de Somé é a importância da intimidade no cultivo do amor. Intimidade, em sua perspectiva, consiste em conhecer a fundo a pessoa amada e também deixar-se conhecer a fundo, ultrapassando as aparências e chegando à essência dos envolvidos, de modo a descobrir se existe compatibilidade para além da atração. Nessa jornada, o autoconhecimento é um fator indispensável, pois é essencial que os sujeitos conheçam a si mesmos para construir um vínculo amoroso de sucesso com outra pessoa.

bell hooks (2020) desenvolve uma compreensão do amor como uma ética que orienta os indivíduos em todas as esferas de sua vivência, e não somente no âmbito afetivo-sexual. Em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, a autora aponta que a maioria da literatura que aborda a temática do amor não apresenta definições claras sobre o que ele significa. Diante desse cenário, argumenta que a falta de uma definição precisa faz com que as pessoas não saibam exatamente a que se referem quando falam sobre o amor, bem como não tenham parâmetros sobre o que consiste no ato de amar. Portanto, defende que seria muito mais fácil o processo de aprender como amar “se começássemos com uma definição partilhada” (HOOKS, 2020, p. 46).

A autora defende um entendimento do *amor como ação*, se apoiando na definição elaborada pelo psiquiatra M. Scott Peck. Este autor conceitua o amor como “a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa” (PECK apud HOOKS, 2020, p. 47).

hooks reflete sobre o papel desempenhado pelos livros de autoajuda na reverberação de sentidos equivocados acerca da prática amorosa. A autora critica as obras que naturalizam a ideia de que o amor significa coisas diferentes para as mulheres e para os homens, normalizando a ideia de que “os sexos devem respeitar e se adaptar à nossa inabilidade de comunicação, uma vez que não partilhamos a mesma linguagem” (HOOKS, 2020, p. 53). Essa perspectiva contribui para a manutenção de uma sociedade calcada em estruturas de dominação, ao invés de questioná-las: “Esse tipo de literatura é popular porque não exige mudanças nas formas estabelecidas de pensar papéis de gênero, cultura ou amor” (HOOKS, 2020, p. 53).

No livro *Por que amamos?: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*, o filósofo Renato Nogueira (2020) tece um panorama de concepções do amor a partir de variadas perspectivas filosóficas e culturais, evidenciando a pluralidade da vivência e definição da prática amorosa. Em suas conclusões, após a incursão teórica sobre essas diferentes visadas, o autor defende que “a admiração e o desejo são os dois mais relevantes componentes políticos de qualquer relacionamento amoroso” (NOGUEIRA, 2020, p. 188), sem os quais o amor não é

possível. Contudo, sozinhos, esses aspectos não são suficientes: para o autor, a relação amorosa envolve uma dinâmica de acordos entre os envolvidos.

É imperativo fazermos uma costura política para que a arte de amar seja bem-sucedida. As pessoas que amam precisam estabelecer acordos que passam por alguns outros fatores, como afinidades de gosto e interesse, atração sexual, compatibilidade psicológica, concepção e projeto de relacionamento, motivos de estresse externo e ciclo de vida e capacidade de conviver. (NOGUERA, 2020, p. 189)

Noguera salienta que a arte de amar deve levar em conta que as pessoas não são iguais, portanto, deve-se compreender que “[...] a pessoa amada não pode nunca ser entendida como um reflexo de quem a ama” (NOGUERA, 2020, p. 194). Isso significa que cada uma das partes envolvidas no relacionamento amoroso deve acolher o outro com as suas diferenças, compreendendo suas necessidades e vontades particulares. Nesse sentido, “o fazer político da arte de amar está justamente em negociar constantemente, fazer e refazer pactos” (NOGUERA, 2020, p. 196).

Introduzido nosso ponto de vista teórico acerca da temática afetiva, apresentamos, a seguir, nossas escolhas metodológicas que orientaram a seleção e análise do corpus da presente pesquisa.

4 METODOLOGIA

A metodologia de análise de nosso objeto – o *podcast Afetos* – leva em consideração a globalidade do processo comunicativo, conforme evidenciado pelo paradigma relacional da comunicação. Seguindo a tradição dos estudos desenvolvidos no GRIS, a investigação se baseará na perspectiva pragmatista, evidenciando o contexto em que o *podcast* se inscreve, os diferentes agentes participantes do processo comunicativo, com suas diferentes interpretações e produções de sentidos, e demais atores componentes das interações analisadas.

Nossa pergunta de pesquisa – *quais representações das relações afetivo-sexuais emergem nas narrativas de mulheres negras no podcast Afetos, e como questões de raça, gênero e classe se entrecruzam na constituição dessas imagens?* – enfatiza três eixos: representações, enquadramento e interseccionalidade.

Entendemos as representações, conforme discutido antes, como imagens simbólicas que nos conectam ao mundo e a uma determinada coletividade. Elas orientam e conformam nossas interações, através de "quadros de sentido" ou enquadramentos, conceito originalmente proposto por Gregory Bateson e posteriormente desenvolvido por Erving Goffman. França et al., (2014) salientam que, para Goffman, os eventos cotidianos são percebidos de acordo com quadros primários que organizam nossa compreensão e orientam nosso comportamento. É o acionamento destes quadros de sentido que nos permite perceber o tipo de situação comunicativa em que nos inscrevemos, nos permitindo responder à pergunta “o que está acontecendo aqui?”. Dessa forma, “os quadros são como matrizes interpretativas às quais os indivíduos recorrem cotidianamente para entender e se posicionar em diferentes situações” (FRANÇA et al., 2014, p. 83).

Buscaremos apreender as representações das relações afetivo-sexuais contidas nos enquadramentos das falas das ouvintes e das apresentadoras, entendendo que, ao apresentar sua queixa, a ouvinte que escreve “enquadra” e confere um determinado sentido ao problema vivido, e as apresentadoras, em sua resposta, fazem o mesmo — concordando ou discordando do enquadramento dado pela primeira. Essas narrativas serão em seguida analisadas em busca dos seus elementos estruturantes, ou seja, da presença (ou ausência) de questões de raça, classe, gênero, etarismo, entre outras categorias identitárias.

A escolha pelo *podcast Afetos* justifica-se por ser uma produção de mulheres negras que apresenta relevância no cenário digital atualmente, como se pode observar pelo seu número de

seguidores nas redes sociais e pelo forte caráter participativo da audiência, que desempenha um papel importante ao pautar assuntos do programa e dialogar com as apresentadoras³⁸.

Já a escolha pelo quadro *Afetos te Ajuda* como recorte de análise se deu pela oportunidade de investigar discursos sobre questões afetivo-sexuais enviadas por ouvintes do programa, de forma a delimitar melhor o conteúdo para análise. Uma vez que o formato usual do episódio apresenta temas muito amplos, que podem desviar do nosso foco de pesquisa, a seleção de episódios do quadro do programa se mostrou profícua pela maior precisão metodológica.

4.1 Seleção do corpus

O tratamento da empiria consistiu, primeiramente, no mapeamento de todos os episódios do quadro *Afetos te Ajuda* lançados desde seu lançamento, em 4 de fevereiro de 2021, até 3 de março de 2022, dia em que o último episódio foi lançado quando iniciamos a seleção do corpus da pesquisa, em meados de março de 2022. O mapeamento dentro deste limite temporal identificou um total de 12 episódios do quadro que, juntos, contabilizam um total de 25 histórias de ouvintes. Os detalhes sobre esses episódios foram dispostos em uma planilha com as informações: título, data de publicação, descrição (breve resumo do episódio disponibilizado nas plataformas de áudio), duração e uma sinalização se o programa trata de relacionamentos afetivo-sexuais (com as opções “sim”, “não” e “em partes”)³⁹.

Em seguida, foi elaborada uma nova planilha, focada especificamente no mapeamento temático de cada história contida nos episódios do quadro. Depois de ouvidas, as histórias foram resumidas em palavras-chave. O objetivo era observar esse mapeamento após a escuta de todos os episódios e, assim, obter uma visão panorâmica das histórias contadas no *podcast*. Com isso, foi possível identificar pontos de convergência entre diferentes histórias, a recorrência de determinados assuntos, temas que se destacam etc. Esse mapeamento temático teve como base as histórias enviadas pelas ouvintes, e não as opiniões das apresentadoras sobre as histórias⁴⁰.

³⁸ As principais plataformas de *streaming* não divulgam dados sobre a audiência de *podcasts* (tais como número de seguidores, número de ouvintes mensais e número de acessos aos episódios) para os ouvintes, disponibilizando essas estatísticas apenas para os podcasters. Entramos em contato com a equipe do *podcast Afetos* solicitando dados sobre a sua audiência, mas não obtivemos retorno.

³⁹ Ver planilha no anexo A.

⁴⁰ Ver planilha no anexo B.

Após essa primeira aproximação com os episódios, optamos por excluir de nossa empiria o segundo episódio do quadro, intitulado “AFETOS TE AJUDA PART 2 - AFETOS #85”, pois este consiste no único episódio em que a integrante fixa Déia Freitas não participa da conversa. Conforme pontuado na seção “O quadro *Afetos te Ajuda*”, do capítulo anterior, Déia participa do primeiro episódio do quadro, mas passa a ser integrante fixa apenas no terceiro episódio, de modo que o segundo episódio é o único que não apresenta sua participação. Assim, para manter a coesão do corpus, consideramos apenas os episódios que contam com a participação das três comunicadoras. Com isso, contabilizamos um total de 11 episódios, que, juntos, contêm 22 histórias de ouvintes.

Com base nesse mapeamento temático, os seguintes assuntos, acionados com centralidade e recorrência em diferentes narrativas enviadas pelas ouvintes, se destacaram: a) término de relacionamento — incluindo relacionamentos sérios (namoro e casamento) e também relacionamentos mais superficiais (ficantes, relacionamentos casuais); b) rejeição — receber “não” da pessoa por quem se tem interesse; sentimento não correspondido; e c) incompatibilidade de objetivos/interesses — ouvinte e pessoa amada querem coisas diferentes; quebra de expectativas quanto ao relacionamento (seja ele casual ou sério). Utilizamos estes três principais assuntos como eixos temáticos para a escolha dos relatos das ouvintes.

Foram selecionadas para nosso corpus as histórias que se enquadram em pelo menos um dos três assuntos mais recorrentes identificados acima. Ressaltamos que uma mesma história pode se enquadrar em mais de um dos assuntos elencados, mas classificamos cada relato de acordo com o tema que se mostrou predominante. Também lembramos que cada episódio do quadro contém mais de uma história; portanto, com base nos critérios de seleção descritos, consideramos cada história de maneira independente.

A partir desse mapeamento, selecionamos 2 histórias para cada um dos eixos temáticos elencados, o que resulta em um total de **6 histórias** de ouvintes. A escolha por 2 histórias para cada eixo temático se deu de modo que cada eixo tivesse o mesmo número de histórias; além disso, é uma quantidade razoável de material para ser analisado dentro dos limites da presente pesquisa e nos permite fazer comparações. Os relatos foram selecionados por um critério temporal, isto é, por ordem de lançamento dos episódios, já que estes foram dispostos nas planilhas de acordo com este critério. Conforme se pode observar no quadro seguinte, as histórias escolhidas foram intituladas com nomes fictícios dados às ouvintes que mandaram seus casos — exceto por Joana, que foi identificada no programa com um nome fictício, todos os nomes foram escolhidos por nós.

Quadro 1 - Corpus da pesquisa distribuído por eixos temáticos

Eixo temático 1: Término de relacionamento		
História	Título do episódio	Data de publicação
Jéssica	AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE PARTE 4 - AFETOS #93	29 de abril de 2021
Sofia	AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE PARTE 4 - AFETOS #93	29 de abril de 2021
Eixo temático 2: Rejeição		
História	Título do episódio	Data de publicação
Karen	AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #102	1 de julho de 2021
Laura	AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #119	28 outubro de 2021
Eixo temático 3: Incompatibilidade de objetivos/interesses		
História	Título do episódio	Data de publicação
Joana	AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #81	4 de fevereiro de 2021
Patrícia	AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #102	1 de julho de 2021

Fonte: Elaboração da autora (2023)

A seguir, detalhamos os procedimentos metodológicos empregados na investigação do corpus.

4.2 Procedimentos de análise

A metodologia empregada para a análise da empiria foi orientada, na primeira fase da investigação, por nossa primeira pergunta de pesquisa: quais representações das relações afetivo-sexuais emergem nas narrativas de mulheres negras no *podcast Afetos*, e como questões de raça, gênero e classe se entrecruzam na constituição dessas imagens? Os resultados encontrados nesta etapa foram, então, analisados de forma a tentar responder a nossa segunda indagação: de que maneira essas representações se conformam ou rompem com as formações discursivas sobre relacionamentos construídas pela perspectiva hegemônica?

A primeira etapa do processo de tratamento do corpus consistiu na transcrição detalhada dos episódios, incluindo não apenas os elementos verbais das interações entre as apresentadoras, mas também outras formas expressivas, tais como risadas, interjeições, pausas, entre outros elementos. Uma vez que essa transcrição consiste em um volume muito extenso de material, selecionamos para análise os trechos que se mostraram mais relevantes para nós, de acordo com nossos objetivos de pesquisa.

Para a análise da situação comunicativa do *podcast*, elencamos dois eixos de análise que dialogam diretamente com os pontos centrais de nossas perguntas de pesquisa, explicitados a seguir.

4.2.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor

Este eixo nos permitirá a apreensão dos quadros de sentido e valores de referência associados ao amor e às relações afetivo-sexuais nas interações analisadas. Com isso, visamos identificar:

- a) A narrativa e o enquadramento da história fornecidos pela ouvinte: Ao relatar a situação problemática, como a ouvinte se posiciona na história? Como posiciona o(s) outro(s) participante(s) da história? Como posiciona as apresentadoras? Como ela define sua situação amorosa (“o que está acontecendo aqui?”)?
- b) O enquadramento da história dado pelas apresentadoras: como elas reenquadram o problema (“o que está acontecendo aqui?”)? Como posicionam a ouvinte e os demais participantes da trama narrada? Como elas se posicionam diante da história? Quais valores e sentidos elas atribuem ao relacionamento?
- c) Confrontamento dos enquadramentos: que sentidos e valores se confrontam ou se confirmam em cada um dos lados da interlocução? A narrativa da ouvinte contrasta com a narrativa das apresentadoras?

Para a realização desta etapa do percurso analítico, nos ancoramos no conceito pragmatista de enquadramento apresentado anteriormente. O enquadramento, segundo França et al., (2014), consiste na mobilização de quadros de sentido que orientam nossa leitura das situações comunicativas. Esse processo envolve uma dimensão cognitiva — de interpretação do que está acontecendo — e prática — de orientação para a ação adequada àquele contexto (FRANÇA et al., 2014, p. 83). É importante destacar que os quadros de sentido acionados não consistem em elaborações subjetivas dos agentes em interação; são modelos interpretativos produzidos e atualizados por uma dada cultura, trazendo marcas de convenções sociais vigentes em determinado contexto histórico e sociocultural (FRANÇA et al., 2014, p. 83). Nesse sentido, os enquadramentos mobilizados nas interações sociais acionam valores, crenças e ideologias da sociedade em que se inscrevem. É a partir desse acionamento simbólico que emergem as representações que desejamos apreender.

Com base nessa compreensão, buscaremos identificar de que maneira as ouvintes e as apresentadoras do *podcast* se posicionam em relação à história contada e fornecem interpretações para a questão amorosa em discussão.

4.2.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais

Na segunda etapa do percurso analítico, nosso foco será na identificação de atravessamentos interseccionais nos sentidos produzidos sobre o amor e as relações afetivo-sexuais no *Afetos te Ajuda*. Aqui, salientamos que, pelo fato de ser um produto em áudio, que não contém imagens ou elementos textuais, a única forma de apreendermos características interseccionais das ouvintes é a partir de seus relatos, de modo que, garantindo o rigor metodológico da análise, não realizamos inferências sobre as ouvintes.

A partir da análise das narrativas e do enquadramento dados por Gabi Oliveira, Karina Vieira e Déia Freitas, bem como pelas ouvintes que enviaram seus relatos, iremos observar as seguintes questões:

- a) A questão de classe (sócio-econômica) foi mencionada? De que maneira foi tratada? Quais representações aparecem?
- b) A questão de raça foi mencionada? De que maneira foi tratada? Quais representações aparecem?
- c) A questão de gênero foi mencionada? De que maneira foi tratada? Quais representações aparecem?

- d) A questão da idade (etarismo) foi mencionada? De que maneira foi tratada? Quais representações aparecem?
- e) Outras categorias foram mencionadas? De que maneira? Quais representações aparecem?

A partir do esquema analítico detalhado, realizamos a análise das histórias das ouvintes Jéssica, Sofia, Karen, Laura, Joana e Patrícia.

5 ANÁLISE: OS ENQUADRAMENTOS DO *AFETOS TE AJUDA*

Neste capítulo, apresentamos as análises das histórias das ouvintes enviadas para o quadro *Afetos te Ajuda*, acionando os procedimentos metodológicos delineados no capítulo anterior — os enquadramentos acionados pela ouvinte, os enquadramentos das apresentadoras, o confronto entre esses enquadres e, na segunda etapa, os atravessamentos interseccionais presentes nesses enunciados.

As histórias analisadas estão dispostas dentro dos 3 eixos temáticos elencados — término de relacionamento, rejeição e incompatibilidade de objetivos/interesses. Ao final de cada eixo temático, realizamos uma aproximação entre as histórias analisadas, observando os pontos de convergência que nos permitem identificar uma construção de sentidos sobre essas temáticas principais.

5.1 Eixo temático 1: Término de relacionamento

5.1.1 A história de Jéssica

Eu sou negra, de pele escura e crespa, tenho 20 anos, sou bissexual e muito ariana, e quero um pitaco de vocês na minha vida amorosa. Tive um relacionamento muito intenso, de pouco mais de 2 anos, com outra mulher preta, pele clara e cabelo ondulado. Vivemos uns 10 anos em 2. Já próximo a completar 2 anos, entramos em muitas crises, o que acelerou bastante a minha ansiedade e me fez questionar toda a relação intimamente. Comecei a questionar o amor, a conexão, enfim, tudo, o que me deixou angustiada. E, quase que todas as brigas, o primeiro pensamento era acabar com tudo. Então os pensamentos excessivos me fizeram passar um tempinho tentando terminar, até que finalmente consegui. Terminamos no final de novembro, ainda inventei um flerte com uma outra pessoa, ela me ligou chorando desesperada até que, enfim, cessamos sem nos olharmos mais. O porém disso é que conversávamos sobre nos vermos quando nos acalmássemos e mais pra frente, que eu nunca a abandonaria e que, mesmo a amando muito, às vezes não era suficiente. Quando eu a procurei nessa intenção, de vê-la pra conversar, depois que minha vida tava caminhando pra frente — saí do ócio, comecei a trabalhar (um dos nossos maiores problemas era falta de grana), voltei pra terapia, com uma psicóloga branca que até que ajuda, porém não me sinto 100% acolhida —, mandei um áudio de mais de 5 minutos no *WhatsApp* me expressando, e ela, que já tinha me excluído de todas as redes sociais, só me bloqueou no *WhatsApp*. Eu fui no *Instagram* dela perguntar o que eu tinha feito. Ela me respondeu alegando que tinha voltado para a terapia e que tava próxima a superar o que a gente teve, e me sobrou um silêncio bem opressivo. Enfim, fui apagada da vida dela como se não fosse nada, e me sobrou apenas aquele sentimento de abandono. Eu, como boa ariana, ainda estou presa num sentimento de que ficou algo inacabado, por não termos conversado pessoalmente desde que terminamos, mas não só. Sinto que falhei bastante em ter terminado e não ter procurado ajuda psicológica quando deveria,

assim como ela também, que só procurou quando terminamos e por termos terminado. Não que eu me arrependa, acho que foi algo necessário pra nós duas passarmos. Também mandei mensagem pra ela no TT e ela não me respondeu. Bom é que também não me bloqueou [Gabi: Caraca, meu Deus, que perseguição! Eu vou... Já vou dar um pitaco aqui]. Mas agora, porque minha vida tá bem mais resolvida e encaminhada do que até quando ela me conheceu, queria correr atrás, mandar flores, ir na casa dela, fazer uma serenata ao som de *Faz uma loucura por mim*, da Alcione. Rezo para não acabar em *Até que durou*, do Péricles. Ainda não fiz porque meu tempo foi reduzidíssimo. Só folgo um dia na semana e não sei se valeria a pena quebrar a cara no meu único dia de folga. Me coloco no lugar dela também, fico pensando que, se alguém ou até ela mesmo aparecesse na minha casa numa intenção de recomeçar, eu cairia dura, mas se fosse ela eu amaria. Depois de um tempinho sem contato, uma demonstra estar a fim de recomeçar, mas não se sabe ao certo como está a vida da outra. Não se sabe nem se já tem outra, ou perspectiva de ter. Vale a pena lutar por amor? Se não valer, servirá como aprendizado, experiência, vida nova? Muitas questões raciais me impedem de largar tudo e ir na casa dela fazer uma serenata, [trecho não identificado], ainda mais depois de ter sido bloqueada. Porém, um lado entende e pensa que vale o risco. Tenho medo de estar me negando o amor. Mas tenho medo de estar passando por cima do meu amor também, não sei. Dicas? Conselhos? (PODCAST AFETOS, 2021)

5.1.1.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor

O enquadramento da ouvinte

Jéssica se posiciona ao longo do relato como uma pessoa intensa, inclusive na forma como descreve seu antigo relacionamento, já que afirma que “[v]ivemos uns 10 anos em 2” (PODCAST AFETOS, 2021). Essa intensidade permeia seus esforços em reconquistar a ex-namorada, mesmo tendo ela própria optado pelo término do relacionamento. A decisão pelo término parece estar fortemente relacionada a batalhas internas de Jéssica, que precisava de um tempo para se resolver enquanto indivíduo antes de levar adiante uma vida a dois.

Percebe-se que a ouvinte, desde o término até a vontade de voltar para a ex-namorada, fala do relacionamento como a pessoa que dita o tom da relação. A decisão da antiga parceira de seguir em frente parece ter surpreendido Jéssica, que, pelo relato, se julgava com as rédeas da situação. Diante do rumo inesperado tomado pela pessoa amada, a ouvinte se mostra disposta a fazer de tudo para retomar um lugar que, para ela, já estava garantido. Portanto, Jéssica se coloca, de certa forma, como a pessoa dominante da relação e que se viu desestabilizada quando sua “soberania” nos rumos da relação foi contrariada pela ex-namorada, que decidiu não retornar ao estado anterior das coisas.

Ao procurar a ex algum tempo após o término e ver que foi bloqueada de diversas formas de contato, Jéssica se posiciona como alguém que foi abandonada, excluída da vida da

antiga parceira como se fosse insignificante, posicionando a ex-namorada na história como uma pessoa insensível aos seus sentimentos por optar pelo afastamento total. Aqui, percebe-se que a ouvinte tem suas expectativas quebradas e, por isso, refere-se à ex-namorada como uma espécie de “vilã”, que lhe gerou sofrimento. A autonomia da pessoa amada é destacada com uma conotação negativa, o que revela a dificuldade de Jéssica em aceitar que a ex-namorada não estava à mercê das suas decisões. É como se tivesse a expectativa de que a pessoa amada a esperasse resolver suas questões pessoais e retornar à sua vida, reencontrando-a exatamente como a havia deixado.

Mesmo após a ex-namorada ter deixado explícita a determinação em seguir em frente, a ouvinte manifesta que a situação ainda não teve a conclusão necessária para ela, pois sente que algo ficou inacabado, como se ainda houvesse pendências a serem discutidas. Portanto, enquadra sua situação amorosa como indefinida. Contudo, esse enquadramento de indefinição parte somente da ouvinte, que mostra ter dificuldades em aceitar a perda de seu relacionamento, já que, da parte da ex-namorada, a situação já está bastante definida — o relacionamento chegou a um fim definitivo. Nesse cenário, Jéssica se posiciona como alguém insistente em obter o que deseja, pois menciona suas diversas tentativas de contato com a ex-namorada, mesmo tendo sido excluída de várias redes sociais.

A ouvinte afirma que, agora em um estágio mais estável de sua vida, deseja reatar o relacionamento. Ao se considerar pronta para retomar o namoro após se dedicar a suas questões pessoais, Jéssica relaciona a ideia de bem-estar e organização individual a um maior preparo e maturidade para construir uma vida a dois. Nesse sentido, sua concepção de relacionamento está atrelada a uma construção mútua, que alimenta a relação a dois ao mesmo tempo em que promove o crescimento individual, tal como discorre Somé (2007) acerca da dimensão espiritual que nutre os relacionamentos amorosos. Jéssica se sente preparada para nutrir uma relação agora que já se alinhou a seus propósitos individuais.

Ao se mostrar inclinada a fazer demonstrações grandiosas de amor para recuperar a antiga relação, Jéssica ilustra um imaginário das relações afetivo-sexuais atrelado às idealizações do amor romântico. No artigo *El amor y las furias: Reflexiones en torno al amor, el maltrato y la violencia en el seno de las relaciones de pareja lesbiana*, a pesquisadora Angelina Rojas (2015) discorre sobre as três idealizações que conformam a retórica do amor romântico⁴¹: 1) a idealização do amor em si mesmo, enquanto sentimento sublime e que predomina sobre todos os outros aspectos da vida, “de modo que embora seja vivenciado de

⁴¹ A sistematização do amor romântico por Rojas guarda distinções com relação à reflexão de Giddens.

forma dolorosa e terrível, esteja magicamente associado à felicidade, tem-se o 'dever' de ser feliz” (ROJAS, 2015, p. 96, tradução nossa); 2) o amor como um refúgio da solidão; e 3) o amor como pertencente ao âmbito do irracional, “de modo que as decisões e atos cometidos em seu nome sejam desprovidos de razão e, por consequência, desprovidos de consciência e responsabilidade” (ROJAS, 2015, p. 96, tradução nossa).

Com isso, Rojas acentua o caráter mítico do amor romântico, cujos construtos simbólicos exaltam com centralidade a superação de obstáculos para a conquista da glória final, isto é, o final feliz com o ser amado. De acordo com essa ideologia, tudo é legítimo se for “em nome do amor”.

Conceituar o amor romântico como um mito ou como um conjunto de mitos coloca o amor num espaço de irrealidade fabulosa, mágica e irracional, omitindo as implicações políticas, materiais e simbólicas do amor, ao mesmo tempo que irracionaliza e desresponsabiliza os discursos e as práticas daqueles que cometem atrocidades e humilhações de todo tipo em seu nome. (ROJAS, 2015, p. 93, tradução nossa)

Jéssica se refere à reconquista da pessoa amada nesse sentido, interpretando o afastamento desta como um empecilho a ser vencido para a obtenção de seu final feliz. Mais adiante em seu depoimento, coloca a questão “Vale a pena lutar por amor?”, reiterando sua perspectiva da conquista amorosa como um campo de batalha. Essa visada se apoia em uma idealização de que a ex-namorada eventualmente se renderá a ela e, finalmente, os obstáculos ao relacionamento cessarão.

Ao enquadrar a sua situação amorosa como incerta, Jéssica negligencia o posicionamento irreduzível da ex-namorada, que já manifestou reiteradas vezes não querer mais contato com ela. Mesmo diante dos vários limites impostos pela ex, Jéssica ainda diz não saber ao certo qual seria a sua reação diante de maiores demonstrações, posicionando a ex-namorada como uma incógnita. Aparentemente, o desejo de reconquistar a pessoa amada é tão grande que turva o olhar da ouvinte diante dos fatos.

Diante do enquadramento dado, Jéssica se posiciona na história como uma mulher ainda apaixonada, que quer reatar a relação, mas que tem sido repelida. Nesse cenário, há um misto de desejo pelo êxito de seus esforços e de temor quanto à reação da ex-namorada. Nota-se a sua insistência e dificuldade de aceitar um afastamento definitivo, claramente estabelecido pela outra parte da relação.

Já em relação às apresentadoras do programa, um outro posicionamento é acionado: a ouvinte pede ajuda, mas não de forma desesperada. Busca uma dica, um conselho, ou seja, um

auxílio em um processo que é dela. A ouvinte se mostra em um processo interno de reflexão quando manifesta um dilema: tem medo de se negar o amor mas também tem medo de sacrificar o amor próprio nessa empreitada. Isso indica que a ouvinte se apegua à esperança de retomar o relacionamento como uma oportunidade de ser feliz e realizada no âmbito amoroso. Portanto, indica carência, desejo de ser amada.

O reenquadramento das apresentadoras

Déia inicia a conversa destacando que Jéssica foi quem decidiu terminar e que a ex-namorada seguiu novos rumos nesse meio-tempo. Agora, ambas estão em caminhos diferentes: da mesma forma que Jéssica optou pelo término, se estabilizou e agora quer retomar a relação, sua ex-namorada seguiu em frente e está decidida a não voltar.

Déia: Eu acho que a primeira questão é: amiga que escreveu pra gente, você terminou, você inventou um flerte, ela chorou desesperada querendo voltar, você não quis porque não tava no seu tempo em várias coisas, e agora que você se sente mais organizada você quer voltar. Aí tem aquela questão: o seu tempo é o seu tempo, mas o tempo dela também é o tempo dela. Do mesmo jeito que você organizou e viu que talvez fosse legal voltar, ela também, do outro lado, se organizou, procurou uma terapia e viu que pra ela não é legal voltar, né? De ter questões aí nessa dinâmica de vocês que pra ela não é mais legal. (PODCAST AFETOS, 2021)

Assim, Déia dá ênfase à *incompatibilidade de objetivos* das duas pessoas, que no momento desejam coisas diferentes. E dá a ver que Jéssica deve lidar com as consequências de ter terminado o relacionamento, afinal, a ex-namorada também tem todo o direito de organizar a própria vida e não querer voltar para um ciclo anterior. Portanto, o enquadramento dado à situação amorosa da ouvinte ressalta a importância de *lidar com as consequências dos próprios atos* e de respeitar as escolhas da pessoa amada, que não deseja mais se relacionar.

A apresentadora também destaca que a ex-namorada não deseja se comunicar com Jéssica, de modo que a insistência se torna invasiva. E ainda salienta que esse tipo de comportamento seria imediatamente condenado se viesse de um homem querendo reconquistar uma mulher: “E aí ela já te bloqueou, ela não quer conversar. Eu acho complicado ficar atrás, assim. Eu falo por mim, como uma mulher hétero, cis, que, se um cara faz um negócio desse pra mim, daqui a pouco eu tô na delegacia, entendeu?” (PODCAST AFETOS, 2021). A respeito de Jéssica querer fazer uma surpresa para a ex-namorada, Déia afirma: “[S]e fosse comigo, eu ia ficar muito puta, porque eu acho que acaba sendo mais uma invasão” (PODCAST AFETOS,

2021). Assim, Déia enquadra a postura de Jéssica como *invasiva e desrespeitosa* para com a antiga parceira, e, até certo ponto, perigosa.

Ao propor uma comparação entre a atitude de Jéssica e uma situação hipotética de um homem com uma mulher, Déia evidencia as imbricações entre gênero e sexualidade na configuração dos relacionamentos amorosos, bem como a naturalização da violência em relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres, aspectos que aprofundaremos no segundo eixo da grade analítica. Seria aceitável que um homem insistisse tanto no contato com uma ex-namorada? A presença destas intersecções é desenvolvida no diálogo seguinte:

Karina: Um dos pontos que você levantou, Déia, que me deixou muito preocupada nessa história, é essa quase perseguição, né, de tipo, se fosse uma relação heterossexual, se fosse um cara fazendo isso, certamente a gente já teria falado “Para!”.

Déia: É, a gente nem leria, a gente já taria já... preocupada com essa moça, né?

Karina: E aí a gente também tem que transferir ou então entender a dinâmica que a gente acaba aceitando, né, entre aspas esse aceitando aí, no relacionamento entre duas mulheres, assim, a gente leu o relato, porque entendeu que eram duas mulheres negras, mas... **existe uma linha muito tênue do “Eu preciso recuperar esse amor perdido”, que já tá dado como encerrado pela outra parte, e “Eu estou virando uma perseguidora”, sabe?** “Ela me bloqueia numa rede, eu vou em outra; ela me bloqueia na outra rede, eu vou numa terceira; ela me bloqueia na terceira, eu vou numa quarta”, e aí, não o bastante, eu já estou pensando em ir na casa dela, fazer uma serenata. Não existe mais o relacionamento pra ser feita uma serenata, sabe? (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso)

A respeito da necessidade de respeito aos limites impostos pela ex-namorada, Karina manifesta: “Isso foi o que mais me pegou nessa história. [...] Me parece não estar havendo respeito pelo espaço e pelo distanciamento que o outro colocou” (PODCAST AFETOS, 2021). E complementa:

Karina: E aí, quando a outra parte da história bloqueia ela em todos os canais de comunicação, **é uma mensagem muito transparente de que ela precisa do espaço dela, pra se recompor, pra se refazer, pra se reconhecer, pra se achar novamente.** Pra mim, o que pegou nessa história toda foi a questão dos bloqueios, assim, acho que quando você bloqueia outra pessoa, de qualquer tipo de contato, é porque você não quer esse contato. E me parece que é uma grande invasão de privacidade, do espaço do outro, forçar esse momento. (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso)

Gabi questiona o fato de Jéssica ter mencionado seu signo ao longo do relato: “Eu sou uma pessoa que falo muito que sou capricorniana. Mas, lendo a história, eu não sei o que você quis falar quando você diz que ‘Ah, eu sou ariana’. Você repete isso duas vezes” (PODCAST

AFETOS, 2021). De acordo com a astrologia⁴², pessoas do signo de áries tendem a ter objetivos muito definidos e fazem de tudo para alcançá-los, além de serem impulsivas, espontâneas e impacientes⁴³. O comentário de Gabi dá a entender que a alusão ao signo é uma espécie de justificativa dada pela ouvinte para explicar suas atitudes, como se os trânsitos astrológicos a isentassem de sua responsabilidade sobre seus atos. É como se sua personalidade forte estivesse fora de seu controle e suas atitudes fossem inevitáveis. A apresentadora ainda destaca que a ouvinte lhe pareceu bastante *focada em si mesma*, e que a insistência pode estar levando-a à *autodepreciação*.

Gabi: Pra mim, assim, pareceu [risada discreta] que você é muito autocentrada. Muito assim... O que você quer, você quer... Você só tá conseguindo olhar por essa perspectiva! “Ah, será que eu estou me negando o amor?”. Cara, você terminou. A pessoa está negando voltar com você quando ela te bloqueou, não é verdade? Ela não quer mais! É duro falar, mas a realidade é essa, se ela quisesse, ela conversaria com você! [...] **Você tá se negando o amor se você continuar insistindo nessa relação que a pessoa não quer. Aí eu acho que tá cruzando uma linha, tá indo pra linha da autodepreciação**, sabe, também. Então se você olha tanto pra si, assim, se você tem tanta facilidade, né, de olhar toda a situação meio que a partir do seu umbigo... Porque pelo menos foi o que seu texto trouxe... Desculpa, tô sendo um pouco dura, mas é porque eu acho que é uma situação de extremo incômodo pra outra pessoa. Ela quer superar isso, ela deixou claro, “Eu quero superar essa relação”. Ela voltou pra terapia e ela quer superar. (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso)

A fala de Gabi indica que Jéssica está tão voltada para si própria que não consegue enxergar a realidade: o fato de que a ex-namorada não tem o menor interesse em retomar contato, e muito menos o namoro. Portanto, também posiciona a ouvinte como *iludida*, o que é um resultado de seu foco excessivo em si mesma. Gabi adota um tom duro com Jéssica, tendo em vista a sua inconveniência para com a ex-namorada. Assim, sua postura é de *repreensão* e *desaprovação* à insistência da ouvinte, quase uma reprimenda impaciente.

A apresentadora também enfatiza que a insistência unilateral no relacionamento leva Jéssica ao terreno da autodepreciação, na medida em que busca obstinadamente uma pessoa que não deseja se relacionar com ela. Desse modo, a *carência* figura no reenquadramento de Gabi, evidenciando que a ouvinte busca desesperadamente receber afeto de alguém que não está disposta a fazê-lo. Nesse sentido, podemos apontar que Jéssica busca no outro o preenchimento de uma falta, almejando a satisfação interna por meio de elementos externos. bell hooks (2020) discorre sobre o amor-próprio como um pré-requisito que fundamenta a

⁴² A astrologia estuda os corpos celestes e suas possíveis influências sobre a vida e personalidade das pessoas. Não há respaldo científico para essa produção de conhecimento.

⁴³ Disponível em: <<https://gshow.globo.com/horoscopo-etc/noticia/aries-conheca-as-caracteristicas-do-primeiro-signo-do-zodiaco.ghtml>>. Acesso em 04 de nov. 2022.

prática amorosa genuína para com outras pessoas. De acordo com a autora, “sem ele [o amor-próprio], nossos outros esforços amorosos falham. Ao dar amor a nós mesmos, concedemos ao nosso ser interior a oportunidade de ter o amor incondicional que talvez tenhamos sempre desejado receber de outra pessoa.” (HOOKS, 2020, p. 106). Ainda segundo hooks, “o coração ferido aprende o amor-próprio começando por superar a baixa autoestima.” (HOOKS, 2020, p. 95). Em diálogo com essa perspectiva, a fala de Gabi indica que a ouvinte busca na ex-namorada uma completude que só pode ser alcançada por ela mesma, em um esforço de trabalhar características que fortaleçam sua autoestima, de modo que não se coloque em situações degradantes para receber afeto.

Em seguida à opinião de Gabi, Déia acrescenta que a ex-namorada de Jéssica não tem a obrigação de ouvi-la após o término do relacionamento, uma vez que seu lado da história também deve ser considerado, e que nem sempre as coisas devem ser do jeito que a ouvinte deseja.

Déia: A partir do momento que eu levo um pé na bunda, eu sinto muito, gente, eu vou lidar com isso do meu jeito e foda-se o outro lado, sabe? Eu não sou obrigada a ouvir por que que a pessoa me deixou e depois por que que ela quer voltar. Entendeu? Às vezes essa dinâmica, pro outro lado, é dolorosa, também. [...] Não pode ser isso, né, não pode ser tudo voltado pra gente, porque a pessoa tem que ouvir a gente, porque a pessoa tem que entender a gente... São dois lados! Do lado dela lá ela tem, agora, outras coisas. **De repente ela não quer te ouvir. E é um direito dela não querer ouvir.** [...] Então, essa coisa de tudo ser no meu tempo, gente, não tem como, nenhuma relação, nem... nem... hétero, nem gay, nem lésbico... não tem! (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso)

A fala de Déia entra em conflito com a narrativa de Jéssica, que mostra desejar a todo custo que a relação com a ex-namorada se dê nos seus termos. Portanto, o enquadramento conferido pela comunicadora convoca a ouvinte a se deslocar do lugar de “soberania” e compreender que a antiga parceira não lhe deve nenhuma obrigação de escuta ou compreensão.

Por fim, Karina opina que talvez uma reaproximação seja interessante no futuro para que haja uma relação de mínimo respeito entre Jéssica e a ex-namorada.

Karina: O meu conselho neste caso para a nossa amiga aqui, da primeira história, é... Por mais difícil que seja pra você nesse momento, essa história acabou. Acho que talvez, daqui a um tempo, seria saudável você conversar com ela, pra de repente depois, muito tempo depois, se... entender, ou se desculpar, se tiver que haver um pedido de desculpa, e que a relação de vocês siga pra outro caminho, uma relação de amizade, mas de respeito, mesmo que não role uma amizade, mas que role um respeito de vocês pelo menos se cumprimentarem quando se virem na rua, sabe? (PODCAST AFETOS, 2021)

O enunciado de Karina revela preocupação com uma relação cordial entre as duas partes da relação, em oposição à postura desmedida adotada por Jéssica até então. A fala evidencia, portanto, a importância do *respeito* e da *civilidade* entre as partes envolvidas, mesmo que o relacionamento tenha chegado ao fim.

Em suma, as apresentadoras enquadram a relação de Jéssica com a ex-namorada como uma relação invasiva e impertinente, que leva Jéssica à autodepreciação. Dado esse cenário, posicionam a ouvinte como uma pessoa inconveniente, que desrespeita o espaço da antiga parceira e que também desvaloriza a si própria. Diante desta definição da situação, Karina, Déia e Gabi se posicionam de forma crítica e incisiva para com a ouvinte, rechaçando a sua insistência em uma relação que, de acordo com as comunicadoras, já não existe mais. Desse modo, as apresentadoras convocam Jéssica a se reposicionar em sua situação amorosa, propondo a ela um reenquadre do relacionamento que seja mais alinhado com a decisão da ex-namorada.

Confrontando os enquadramentos

Enquanto Jéssica confere foco ao fato de se sentir mais preparada para retomar a relação, estando disposta a lutar pelo amor da ex-namorada, Déia, Karina e Gabi enfatizam assertivamente que a ouvinte precisa aceitar o fim do relacionamento e respeitar o espaço de sua antiga parceira. Portanto, as apresentadoras divergem do enquadramento da ouvinte, contrariando a ideia de insistir na relação. Elas estendem o conselho para as ouvintes do programa: é necessário saber a hora de *aceitar o fim*, parar de insistir e seguir em frente; respeitar a situação da outra pessoa da relação; colocar-se no lugar do outro e não colocar suas vontades como o centro. É o que Gabi salienta ao final da história:

Gabi: Assim, só pra dizer que não é um conselho só pra ela, né. Acho que todo mundo que tá ouvindo pode tomar pra si também essa conversa e pensar que tem hora que é hora de parar, gente, tem hora que é hora de... De recuar, sabe? Tem hora que é hora de falar: “Caramba, eu estou somente colhendo o que eu plantei, colhendo os frutos da minha decisão.”. Cê tomou a decisão e agora... É isso, segue o baile, sabe? E eu acho que também se preservar, vale a pena a gente se preservar e perceber que, pô, não vale a pena você ficar também indo atrás muitas vezes. Eu acho que uma vez até acontece, todo mundo que já se relacionou já passou por isso, de ir lá, tentar pedir uma desculpa e tal. Mas quando chega ao ponto da pessoa te bloquear e fala que tá tentando te superar, pô, já... já deu, né? Já é hora de parar. (PODCAST AFETOS, 2021)

Ao dirigir-se a todas as ouvintes, Gabi se coloca em uma posição de conselheira, orientadora, papel que se estende também a Karina e a Déia, uma vez que seus comentários sobre Jéssica também se dirigem às ouvintes do *podcast*. As apresentadoras convocam a ouvinte e todas as mulheres a se preservarem e zelarem pelo *amor próprio*, de modo a não insistirem em alguém que não está interessado a atender às suas necessidades emocionais. *Autonomia* e *independência afetiva* são traços que aparecem muito claros na exortação das comunicadoras.

5.1.1.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais

Diferentes categorias de poder se interseccionam no relato de Jéssica e também nos reenquadramentos dados pelas apresentadoras. A começar pelos enquadramentos da ouvinte, seu relato destaca seu pertencimento racial e o da ex-namorada. Diante do desejo de retomar seu relacionamento, Jéssica afirma que “[m]uitas questões raciais me impedem de largar tudo e ir na casa dela fazer uma serenata [...]” (PODCAST AFETOS, 2021). A ouvinte se diz em dúvida sobre como proceder em relação à pessoa amada, pois, mesmo após diversas tentativas frustradas de reaproximação, ainda acha que pode fazer mais para reconquistá-la.

A partir de uma perspectiva afrorreferenciada, Aza Njeri (2020) tece reflexões acerca do amor enquanto um ato Político-Poético, que caracteriza-se por uma tomada de agência por parte de sujeitos historicamente entendidos como Outridade pelo olhar externo colonizador. A partir das contribuições de Malidoma Somé, Njeri argumenta que o Amor, assim como outros sentimentos que pulsam no *Ib-Okan* (coração), carregam influências ancestrais, que são passadas de geração a geração e afetam as formas de amar no tempo presente. Dessa forma, a autora salienta que as violências do Ocidente impostas aos ancestrais de pessoas negras em diáspora deixam rastros em suas relações atuais. “Então, temos que perguntar, quantas experiências de desamor oferecidas pelo Ocidente aos nossos ancestrais estão agindo sobre nossas tentativas de amar no Tempo Presente?” (NJERI, 2020, p. 55).

Podemos relacionar essa reflexão ao fato de Jéssica, enquanto uma mulher negra, se ver com entraves de cunho racial diante da situação amorosa vivenciada. A relação entre pessoas negras e a afetividade, conforme afirma Njeri, é permeada por um passado colonizador que negou a esses sujeitos a humanidade e, portanto, a vivência do amor a partir de seus próprios termos. Em diálogo com essa perspectiva, bell hooks (2010) afirma, em *Vivendo de amor*, que as estruturas de opressão distorcem a maneira de amar de pessoas negras, uma vez que “o

sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem o seu crescimento espiritual” (HOOKS, 2010, p. 2).

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (HOOKS, 2010, p. 2).

O medo de estar se negando o amor manifestado por Jéssica pode indicar sua ânsia de receber afeto diante desse cenário de subalternização racial, mas também leva-a a atitudes de autodegradação, o que mostra sua incapacidade de discernir que a busca incessante pela ex-namorada está sendo nociva para ambas. A tentativa de retomar a relação amorosa a todo custo evidencia a falta de compreensão do que configura uma prática amorosa saudável.

A dimensão racial de seus enfrentamentos internos também emerge quando afirma não se sentir totalmente acolhida pela psicóloga branca. Jéssica sente falta de uma identificação com alguém que saiba como é ocupar um lugar no mundo como o dela; sabe que a totalidade de sua experiência não pode ser abarcada por uma mulher branca. A esse respeito, convocamos o conceito de Dororidade, de Vilma Piedade (2017), desdobrado da noção de Sororidade (irmandade entre mulheres) e que designa a união entre mulheres negras com base em um denominador comum: a dor, sentida por essas sujeitas em suas especificidades de raça. Segundo Piedade, “A Sororidade parece não dar conta da nossa pretitude.” (PIEADADE, 2017, p. 17). Frente ao incômodo da ouvinte, Déia recomenda que ela mude seu acompanhamento para uma psicóloga negra, de modo que suas questões sejam sanadas: “Já procurar uma psicóloga que você se sinta totalmente à vontade, acolhida, né, porque, senão, daqui a pouco, algumas questões que você não vai conseguir resolver em terapia, você vai tá falando que não tá resolvendo porque a sua psicóloga é branca.” (PODCAST AFETOS, 2021).

Jéssica ainda salienta que procurou a ex-namorada depois que sua vida estava “caminhando para frente — saí do ócio, comecei a trabalhar (um dos nossos maiores problemas era falta de grana)” (PODCAST AFETOS, 2021). Sua fala destaca a influência da situação socioeconômica nas questões de seu antigo relacionamento, de modo que se sentiu pronta para retomar o vínculo com a pessoa amada quando se estabilizou emocionalmente e também financeiramente. Esse aspecto nos fornece pistas para pensar a influência do pensamento

neoliberal sobre as diferentes relações. Conforme apontam Dardot e Laval (2016), o discurso neoliberal predominante na sociedade atual estimula uma constante busca por sucesso, enaltecendo o esforço no campo profissional como o âmbito do ápice da realização pessoal. Esse “novo governo dos sujeitos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 330) insufla os indivíduos a uma constante vigilância sobre si mesmos de modo a serem cada vez mais produtivos. O sujeito neoliberal é um sujeito em constante competição, estimulado a sempre trabalhar mais, se aperfeiçoar mais, melhorar sua performance profissional e, assim, manter em funcionamento a engrenagem do neoliberalismo. Nesse contexto, uma pessoa ociosa e improdutiva possui menos valor, já que não contribui para a manutenção desse sistema por meio de sua força de trabalho. O relato de Jéssica evidencia como seu progresso nos âmbitos profissional e financeiro deu a ela o sentimento de estar mais preparada para estar em um relacionamento de forma digna, conferindo a ela maior segurança em outros âmbitos de sua vida. Nesse sentido, Dardot e Laval (2016) salientam que a noção de “empresa de si mesmo”, a autogestão neoliberal, ultrapassa a esfera profissional, na medida em que configura uma ética pessoal que rege todos os âmbitos da vida dos sujeitos.

Além disso, conforme sinalizamos anteriormente, Jéssica apresenta aspirações atreladas aos ideais do amor romântico, o que nos leva a identificar a intersecção entre gênero e sexualidade na configuração de relações não-heterossexuais. Essa imbricação também permeia os reenquadramentos da história da ouvinte acionados pelas apresentadoras. Ana Cláudia Macedo (2020) afirma que relacionamentos lésbicos⁴⁴, apesar de dissidirem da heterossexualidade como norma, acabam por "absorver" preceitos hegemônicos, dinâmica desencadeada por noções colonizadas sobre vivências afetivo-sexuais. Assim, apesar de fugirem do ideal heteronormativo, “[...] carregam o imaginário e idealização de ‘almas gêmeas’, complementaridade e da tríade sublime-refúgio-irracionalidade” (MACEDO, 2020, p. 128).

Ainda nesse sentido, no reenquadramento proposto pelas apresentadoras, o que mais se sobressai é o rechaço à atitude invasiva de Jéssica para com sua ex-namorada. A temática da violência em relacionamentos lésbicos é aprofundada na tese de Macedo (2020), que investiga narrativas sobre episódios de violência vividos por mulheres em relacionamentos lésbicos, considerando suas imbricações interseccionais e suas relações com a heterossexualidade compulsória. A pesquisadora propõe o conceito de *colonialidade da sexualidade*, que define a

⁴⁴ Jéssica se declara uma mulher bissexual, contudo, consideramos que a discussão teórica acerca de relacionamentos lésbicos é profícua para a análise do caso da ouvinte, uma vez que se trata de uma situação amorosa com outra mulher.

dinâmica de naturalização da heterossexualidade enquanto norma, com consequente rechaço de vivências sexuais e visões de mundo “desviantes” do padrão heteronormativo.

As vivências lésbicas contemporâneas são conformadas dentro do marco da colonialidade da sexualidade. Imbrincada com as colonialidades de raça, gênero e classe, a colonialidade da sexualidade é um dos eixos estruturantes do sistema-mundo capitalista moderno colonial do norte global. Trata-se da imposição de um pensar-agir-sentir da heterossexualidade que a desloca do contexto de sua construção histórica, social e política e a configura enquanto uma vivência natural e normativa. (MACEDO, 2020, p. 48)

Ainda segundo a pesquisadora, a imposição da colonialidade da sexualidade deu-se a partir de três pilares: colonialidade do poder (vivências não-heterossexuais como crime), colonialidade do ser (não-heterossexualidade como doença) e colonialidade do saber (não-heterossexualidade como pecado).

Formou-se pela colonialidade do poder por meio do genocídio de pessoas com vivências não heterossexuais e/ou pela criminalização dessas vivências e consolidou-se por meio da imposição da heterossexualidade obrigatória, que moldou o fenômeno da lesbofobia social. Formou-se também pela colonialidade do ser, ao patologizar corpos-mentes-espíritos não-heterossexuais como doença e se consolidou por meio do pensamento hetero, contribuindo para a interiorização da opressão mediante a lesbofobia internalizada. Ademais, formou-se pela colonialidade do saber por meio da convenção de vivências não-heterossexuais como pecado e, promoveu-se por meio do modelo amador parejilfamilista, baseado no ideal de amor romântico, monogâmico, heterossexual. (MACEDO, 2020, p. 49)

Desse modo, uma vez que o sistema colonial impõe a heterossexualidade como modelo universal, marginalizando vivências não-heterossexuais por meio de diferentes frentes, é sintomático que os preceitos opressores sejam internalizados pelas sujeitas e pelos sujeitos que fogem à heteronormatividade. É o que faz com que relações não-heterossexuais como a de Jéssica sejam permeadas por dinâmicas de violência e dominação, como as apresentadoras destacam no relato da ouvinte, que desrespeita os limites impostos pela ex-namorada. Essa insistência está fortemente calcada na busca por um final feliz com a pessoa amada, que, conforme já apontado, valida quaisquer esforços para a conquista do amor “verdadeiro”.

5.1.2 A história de Sofia

Sempre fui uma pessoa de muitos amigos. Sou do interior e, durante a infância e adolescência, eu estudei em várias escolas diferentes. Acabei conhecendo muita gente e também tenho os amigos da rua, os amigos do esporte, os amigos do trabalho. Minha casa sempre foi ponto de encontro dos meus amigos e dos amigos dos meus irmãos, por exemplo. A minha casa sempre foi muito movimentada e meus pais, sempre bem

tranquilos com a presença dos nossos amigos, que estavam lá o tempo inteiro. Eu sempre tive amizades muito próximas, de fazer várias coisas juntos, compartilhar segredos ou ficar só sem fazer nada, um na companhia do outro. Estive esse tipo de relação com as amigas da minha rua, com as amigas da escola. Sempre faz parte da minha vida essa proximidade das amizades e das relações duradouras. Terminei o segundo grau, mudei de cidade pra fazer faculdade, os meus amigos também. Cada um seguiu seu rumo, mudaram pra capital, outros começaram a trabalhar, e aí, né, com a nova rotina, a gente vai mudando e vai ficando mais distanciado. Ainda tenho uma ligação com os amigos da escola, da antiga rua, só que, durante a graduação, eu conheci uma pessoa e a gente começou a namorar lá no segundo semestre e acabou virando uma relação abusiva. Eu era muito inexperiente, só tinha tido um relacionamento anterior, e aí entrei de cabeça. Eu fiquei muito deslumbrada com o relacionamento, achava ele incrível, muito inteligente. Ele conhecia de muitos livros, filmes, músicas, e eu, como uma jovem recém saída do interior, que estudou a vida inteira em escola pública, não conhecia, então eu fiquei muito encantada por ele. Acabei relevando algumas coisas que me incomodavam na relação, na certeza que ele ia mudar. Só que, nessa relação, eu acabei perdendo a minha essência. Me afastei de todos os meus amigos, da minha família, parei de sair, de ir pro cinema. Estava deixando de viver qualquer oportunidade, porque eu queria viver essa relação. Essa relação durou quatro anos, praticamente durante a minha graduação toda. Ao longo da relação, a gente terminou e voltou algumas vezes. Só que a gente foi percebendo — pelo menos eu fui percebendo — que isso já era uma relação abusiva, que eu só tava vivendo pra essa relação. Terminei essa relação, me senti muito sozinha, mas como tinha me afastado dos meus amigos, eu ficava cada vez mais isolada. Enfim, hoje, vivo uma outra relação, super feliz, bem tranquila, moro com esse meu companheiro, só que sinto falta dos meus amigos. Tenho mais de 30 anos, então fica muito difícil fazer novas amizades. E agora a gente também tá no meio de uma pandemia, né, com isolamento social fica mais difícil ainda. Eu não sei se eu tô idealizando como devem ser os amigos, ou se eu não fiz a minha parte lá no começo, quando eu falei que acabei me afastando deles pra mergulhar de cabeça nessa relação, mas enfim, eu quero conquistar relações de amizade que sejam mais íntimas, verdadeiras, onde eu me sinta mais confiante pra ser eu mesma. (PODCAST AFETOS, 2021)

5.1.2.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor

O enquadramento da ouvinte

Sofia se posiciona como uma pessoa que sempre foi cercada de amigos, provenientes dos diversos círculos sociais que já frequentou, se mostrando sociável e aberta para novas conexões. Além disso, o relato indica que ser uma boa amiga e ter muitos amigos faz parte da construção de sua identidade, um ponto de referência para a sua vida, pois essas amizades desempenharam um papel importante em sua infância e adolescência. Esse aspecto de sua vida passou por transformações à medida em que ela e os amigos foram crescendo e tomando novos rumos.

O ex-namorado é enquadrado como objeto de admiração da ouvinte, alguém que deslumbrou uma menina inexperiente e vinda do interior, fazendo com que ela “entrasse de

cabeça” na relação. O enquadramento dado por Sofia identifica uma relação desigual de poder na dinâmica do casal: um homem cheio de referências e que se mostra mais experiente em contraste com a ingenuidade e falta de repertório afetivo da ouvinte. Portanto, o depoimento dá a ver um desequilíbrio de “ferramentas emocionais” entre os namorados, contexto em que a ouvinte ficou em desvantagem. Essa desvantagem é evidenciada no processo em que Sofia sente perder sua essência em decorrência da intensa dedicação ao relacionamento — na ânsia de manter o vínculo com alguém tão encantador, relevou seus incômodos e se privou de seus demais círculos de convivência.

Assim, sua antiga relação amorosa é definida como abusiva, algo para o qual ela direcionou todos os seus esforços e dedicação em seus quatro anos de duração, fazendo com que tomasse centralidade em sua vida. Com isso, sua experiência amorosa acabou ofuscando todos os demais âmbitos da sua vida. Sofia aparenta ter uma visão bastante lúcida acerca desse período e das suas consequências para as suas relações, identificando a relação tóxica em que foi enredada e a sua parcela de responsabilidade nessa dinâmica.

O relato de Sofia evidencia uma dinâmica violenta de relacionamento que se distancia do sentido de amor defendido por bell hooks (2020). A intelectual negra estadunidense defende que a existência de uma sociedade baseada em uma ética amorosa deve inevitavelmente combater as diversas formas de dominação. Partindo de um entendimento do amor como ação e como prática concreta, bell hooks argumenta que, quando aprendemos definições falhas sobre o amor desde cedo em nossas vidas, torna-se difícil a prática deste quando amadurecemos. A autora complementa essa reflexão apontando que somos ensinados, de maneira equivocada, a compreender o amor enquanto um sentimento, e não como ação. Com isso, muitas pessoas confundem o amor com o sentimento de profunda atração por alguém, em que investimos “energia mental e emocional à pessoa, isto é, a investimos de sentimentos e emoções.” (HOOKS, 2020, p. 48). Mas, para hooks, isso não configura o amor, e sim o que ela chama de catexia, processo em que há investimento emocional em uma pessoa, mas que contém negligência e violência. A autora defende que dinâmicas abusivas inexistem na prática amorosa.

Quando entendemos o amor como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa, fica claro que não podemos dizer que amamos se somos nocivos ou abusivos. Amor e abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado. (HOOKS, 2020, p. 48)

Em diálogo com essa perspectiva, nota-se que o antigo relacionamento de Sofia não configurava amor, na medida em que tomou contornos abusivos que fizeram a ouvinte perder

sua identidade e se desconectar de diversas relações. A ânsia por viver aquela relação acabou por afastá-la dos valores que sustentam um relacionamento saudável, afinal, não houve um esforço conjunto de crescimento de si própria e da parceria amorosa. A dimensão de gênero também atravessa essa experiência, na medida em que a dedicação exclusiva àquela relação é marcada pelos papéis de gênero atribuídos a homens e mulheres em relacionamentos amorosos, conforme aprofundaremos no eixo dos atravessamentos interseccionais.

bell hooks (2020) destaca que uma definição clara do amor pode ser desafiadora para muitas pessoas: uma vez compreendendo que o amor consiste na nutrição espiritual de si próprio e do outro, pode ser difícil aceitar que essa prática não coexiste com o abuso e com a violência em suas diferentes formas. Muitas pessoas são acostumadas desde cedo a sofrerem violências vindas de pessoas e contextos que deveriam ser fontes de amor. Como lidar com essa realidade? A autora destaca que “[...] confrontar o desamor de modo honesto e realista é parte do processo de cura” (HOOKS, 2020, p. 51). Após quatro anos de namoro, Sofia rompeu com o ciclo de violência que vivia ao reconhecer que estava vivendo uma relação abusiva, agindo de modo a se desvencilhar desta dinâmica.

Diferentemente das demais histórias de ouvintes analisadas, Sofia busca por ajuda não visando esclarecer uma situação amorosa problemática em si, mas sim para lidar com um desdobramento de um relacionamento falido, que lhe causa consequências negativas até hoje: após o término, se sente muito sozinha, já que se afastou de suas amigas durante tanto tempo. Esse isolamento motivou o pedido de aconselhamento, pois sente falta de ter conexões profundas. Portanto, a ouvinte se posiciona como uma pessoa que credita grande importância às amigas em sua vida e que deseja fazer amigos na fase adulta, após ter se mantido distante de seus diferentes círculos de convivência por muitos anos. Além disso, se coloca como alguém disposta a correr atrás do prejuízo causado por tantos anos de distanciamento, buscando resgatar a pessoa amigável e amparada por amigas que era antigamente. A ouvinte enquadra as apresentadoras como um auxílio externo que pode ajudá-la nessa jornada através de suas sugestões.

Frente a esse cenário problemático, Sofia destaca dois distintos enquadramentos para as relações amorosas: uma relação abusiva, que estreitou seus horizontes, e outra feliz e tranquila, que cultiva atualmente e que não toma todas as suas energias como outrora. Pelo seu relato, a ouvinte indica estar em outra fase da vida — uma fase mais madura, saudável e equilibrada, em que as amigas fazem falta. Enquanto a relação abusiva não guardava espaço para outras experiências e vínculos afetivos, sua relação atual lhe permite enxergar o papel importante que suas amigas desempenham em sua vida — não amigas superficiais, mas sim profundas e

verdadeiras. Assim, suas relações com amigos adquiriram nuances distintas de acordo com suas diferentes experiências amorosas.

O reenquadramento das apresentadoras

Déia relata que já passou por uma situação similar à de Sofia, quando iniciou um relacionamento ainda muito jovem e se afastou de suas amizades. Relata que, depois do término, “correu atrás” dos amigos, tendo que se adaptar à nova realidade dessas pessoas: “Alguns já tavam trabalhando, estudando, aquela correria que vai acontecendo. Mas eu fui ali, mantendo contato, com alguns não teve como, porque assim, os caminhos vão mudando, né, de todo mundo...” (PODCAST AFETOS, 2021). Gabi também relata ter vivido uma experiência parecida quando começou a trabalhar na internet, o que acabou mudando a configuração de suas amizades. As agendas entraram em conflito: “Todas as vezes que as minhas amigas marcavam alguma coisa, eu nunca tava, nunca podia ir quando eu tava disponível ou não tava aqui, tava viajando, e tudo mais.” (PODCAST AFETOS, 2021). Após um período de 11 meses morando em São Paulo, a apresentadora retornou à sua cidade natal e percebeu que muito havia mudado.

Gabi: Quando eu voltei pra Niterói, eu encontrei um cenário totalmente diferente. As minhas amigas já tinham as suas próprias organizações de grupos. [...] Elas já não me chamavam mais, muitas vezes, iam fazer uma viagem, já nem me chamavam, porque eu já tinha falado tantas vezes que eu não podia ir. E quem teve que correr atrás fui eu! [...] Porque eu lembro que, no primeiro momento, sei lá, que rolou uma viagem onde não tinha espaço pra mim, eu senti, sabe, aquele aperto no peito, que tem aquela dor, tipo “Caraca, estão me excluindo!”. [...] Só que aí depois eu fui e parti pra uma auto-reflexão e pensei: **“Ok, fui eu que me afastei. Então sou eu que tenho que me reaproximar, fazer um trabalho de reaproximação”**. (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso)

Dessa forma, Gabi e Déia convocam Sofia a *se responsabilizar* pelo afastamento e *tomar a iniciativa* necessária para se reaproximar daqueles amigos que deseja recuperar. Nesse cenário, a ouvinte também é alertada de que deve se preparar para lidar com as mudanças ocorridas na vida de seus amigos, que podem gerar possíveis incompatibilidades. Assim, Sofia é convidada a se posicionar diante da situação problemática com uma *postura ativa e consciente* de que, em alguns casos, o afastamento pode ser irreversível. A partir desse enquadramento,

também depreendemos que a ouvinte é convocada a ter *inteligência emocional* para ter uma visão realista dos reencontros — ou desencontros — que a esperam.

Ainda nesse sentido, Karina faz menção ao episódio “Responsabilidade afetiva - Afetos #30”⁴⁵, onde as apresentadoras abordaram a noção de *frequência afetiva*. Frequência afetiva, nas palavras da apresentadora, “É saber que, de repente, a presença que você cobra de outra pessoa não é a presença que a outra pessoa quer te dar ou pode te dar.” (AFETOS PODCAST, 2021). A partir dessa ideia, Karina argumenta que cada amizade demanda um determinado tipo de presença, e que cabe a cada pessoa identificar essas demandas e saber quais são possíveis de administrar.

Karina: Assim, a gente também precisa saber que existem amizades que só vão durar durante um tempo daquele trabalho, que tem amizades que vocês só vão ter alguma coisa em comum durante os 4 anos da faculdade. Como também tem amizades que vão durar, como a Déia trouxe exemplo, desde a infância, ou que a Gabi trouxe exemplo, desde a época que ela era da igreja. Então assim, cada amizade vai te demandar alguma coisa. **A gente tem que ter essa sensibilidade de apurar e de tentar compreender o que cada tipo de amizade pede da gente.** (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso)

Portanto, a fala da apresentadora reforça que Sofia deve estar ciente de que deverá *compreender as necessidades afetivas de suas amigas* e definir quais ela conseguirá sanar, contando com a possibilidade de que a retomada de contato possa não fazer mais sentido para certas pessoas após tanto tempo. Além disso, destaca o *caráter cíclico das amizades*, que não deixam de ser válidas por se encerrarem.

Por fim, Karina destaca que Sofia deve um *pedido de desculpas* aos amigos de quem se afastou durante o período de seu relacionamento abusivo, destacando como mulheres tendem a negligenciar outras áreas de suas vidas quando estão em um relacionamento, gerando rupturas de relações.

Karina: Tem algumas pessoas que podem levar isso de boa, de falar “ok, ela tá vivendo o relacionamento dela”, mas tem outras pessoas que podem ficar muito putas da vida, e falar “porra, eu não sou uma peça descartável, que quando ela tá sozinha ela me procura e quando ela tá com um companheiro ela simplesmente finge que eu não existo”. (PODCAST AFETOS, 2021)

A fala de Karina destaca que a atitude de afastamento de Sofia pode ser interpretada de diferentes formas por seus amigos, inclusive como reprovável, situação que deve ser

⁴⁵ Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/52tEuXfgkuRmeNjiWy0pih?si=116b6d1915324a10>>. Último acesso em: 28 jul. 2022.

reconhecida pela ouvinte e endereçada a seus amigos. O enquadramento dado confere foco aos sentimentos das amigas de Sofia, que podem ter sido feridos pelas ações da ouvinte; portanto, cobra *empatia* desta.

Em suma, as apresentadoras enquadram a situação de Sofia como um cenário em que ela deve assumir a responsabilidade de se mobilizar para reconquistar suas amigas, compreendendo a sua parte nesse afastamento. Elas se posicionam de maneira empática com a ouvinte, acionando situações parecidas que já vivenciaram, o que demonstra uma identificação com a situação, principalmente enquanto mulheres. Também apresentam conselhos práticos para que Sofia tente se reconectar com suas antigas relações — pedir desculpas, retomar contato, compreender que os amigos podem não querer uma reaproximação, entender que eles estão em contextos diferentes daqueles do passado, compreender as demandas de suas realidades atuais. O reenquadramento também enfatiza o impacto sofrido pelas antigas amigas de Sofia, em um esforço de compreender o lado delas no processo de afastamento, cobrando a atenção da ouvinte nesse sentido.

Além disso, no enquadramento acionado pelas comunicadoras, a situação de Sofia é posicionada como uma dinâmica muito comum entre as mulheres, mas prejudicial: um relacionamento que “engoliu” toda a sua vida, de modo que suas demais relações foram prejudicadas. Nesse sentido, Sofia é chamada a se reposicionar diante de seus amigos, tendo em mente que errou ao negligenciá-los. Nota-se que o ex-namorado abusivo não foi mencionado na fala das apresentadoras de forma substancial, pois o foco se volta para as atitudes de Sofia.

O enquadramento dado por elas chama a atenção também para a questão da compatibilidade de modelos de vida na manutenção de amigas: fases da vida, objetivos, compatibilidade de agendas, entre demais questões práticas que tornam viáveis um relacionamento no atual estágio em que as partes envolvidas se encontram.

Confrontando os enquadramentos

No caso de Sofia, os enquadramentos das apresentadoras não divergem tanto daqueles dados pela ouvinte, que se mostra ciente da situação abusiva que viveu e disposta a reverter o isolamento. Além de recomendarem formas de reaproximação com os antigos amigos, as apresentadoras expandem a temática que permeia o relato de Sofia, isto é, o distanciamento dos amigos causado pela entrada em um relacionamento amoroso. Principalmente por parte de

Karina, há um posicionamento crítico sobre a prejudicialidade de se tomar as relações afetivo-sexuais com centralidade em detrimento dos diversos outros âmbitos da vida, como as amizades.

Essa crítica se relaciona às reflexões de Somé (2007) acerca do caráter coletivo dos relacionamentos amorosos. Conforme a autora, um casal isolado de uma estrutura coletiva reduz a possibilidade de suprir suas necessidades, na medida em que tem apenas a parceria afetiva como suporte, a qual, sozinha, não consegue atender a todas as demandas do próximo. Nesse sentido, uma rede de apoio externa é uma importante estrutura de amparo aos casais. O caso de Sofia ilustra como o distanciamento de amigos e familiares provocou nela uma perda de sua essência e falta de perspectiva para além da vida em casal, aspectos que ficaram evidentes com o término do relacionamento, que minou toda a estrutura em que ela se apoiava até então.

Nota-se que o enquadramento das apresentadoras é muito focado no processo de reconquista das amizades antigas de Sofia, enquanto o enquadre da ouvinte não é tão direcionado, deixando em aberto as possibilidades de amizades com pessoas novas. Ao final de seu relato, Sofia manifesta dúvida se não agiu da forma adequada com os amigos. As apresentadoras, por sua vez, se posicionam enfatizando que sim, Sofia deve assumir a responsabilidade pelo distanciamento e buscar formas de reaproximação. Conforme destacado por Gabi, “a bola tá com você” (PODCAST AFETOS, 2021). E, como afirma Déia, “Tem que caçar assunto” (PODCAST AFETOS, 2021).

Ainda destacamos que o reenquadramento das comunicadoras dá pouca ênfase ao fato de o relacionamento de Sofia ter sido abusivo, o que desconsidera a dificuldade da mulher em se perceber em uma situação de subordinação e isolamento. A ouvinte, por sua vez, salienta a natureza abusiva de seu relacionamento anterior, mas se coloca de forma proativa na busca por amizades.

De modo geral, as apresentadoras salientam a *autonomia* e a *independência* enquanto valores essenciais a serem mantidos dentro de um relacionamento amoroso, diferentemente do que ocorreu com Sofia. Também reforçam a importância da *autorresponsabilização* da ouvinte frente ao afastamento das amizades.

5.1.2.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais

Uma fala de Karina destaca o atravessamento de gênero presente na entrega incondicional de Sofia ao seu antigo parceiro, enfatizando a importância de que as mulheres mantenham a sua autonomia quando entram em relacionamentos amorosos, de modo a não se resumirem a estes.

Karina: A gente não pode deixar de falar sobre isso, sobre como a construção de relacionamentos saudáveis demandam que a gente tenha outras relações, que a gente viva as nossas individualidades, que a gente tenha os nossos projetos. É isso também fala com um episódio que a gente gravou, sobre “Mulheres se resumem aos seus relacionamentos?”. Porque o que mais a gente vê é isso, **quando os relacionamentos acabam, se você deposita tudo dentro daquela relação, simplesmente fica sem chão.** Existe um termo que a gente usou nesse episódio específico, as nossas potencialidades positivas, a gente tem diversas. É o lazer, é o trabalho, é a saúde financeira, é a família, são os amigos. Então a gente precisa dar conta de todos, ou então minimamente dar conta de todas essas áreas pra que, quando o relacionamento amoroso entre você e o seu companheiro não existir mais, você não se veja sem chão. E a amizade é muito dessa parte, assim. Não dá pra gente tentar ou achar que a gente vive uma relação saudável quando a gente vive em prol da outra pessoa 24 horas por dia. (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso).

No episódio citado, “Mulheres se resumem aos seus relacionamentos? - Afetos #14”⁴⁶, lançado em setembro de 2019, Karina menciona um gráfico denominado “roda da vida” (imagem abaixo), em que cada fatia representa um âmbito da vida dos sujeitos. Ao longo do programa, discute-se o papel de protagonismo culturalmente atribuído às relações afetivo-sexuais na vida das mulheres, em detrimento dos demais aspectos de suas vidas.

⁴⁶ Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/2Rc07kbdSbSSyAfjN6s0Cy>>. Último acesso em 22 jul. 2022.

Figura 1 - Roda da Vida



Fonte: Ponto RH (c2022)

No referido episódio, Gabi Oliveira faz uma reflexão sobre a roda da vida e os riscos da dedicação exclusiva ao âmbito das relações amorosas:

Gabi: Eu acho assim, que a gente pode interpretar esse gráfico, que é uma pizza, muito como vários pés, sabe? Várias pernas, na verdade, da sua vida. Se você tirar uma dessas pernas, muito provavelmente rola um desequilíbrio, assim. Você tem que compensar de outro lado pra você continuar equilibrado.

Karina: Ou então uma perna vai ficar sobrecarregada, né?

Gabi: Alguma perna vai ficar sobrecarregada, exatamente. Mas não necessariamente você vai cair.

Karina: Sim.

Gabi: Entendeu? Então... E quando você transforma a sua relação afetiva em uma perna gigantesca quando outras várias pequenininhas, todo o resto é muito pequeno e o seu relacionamento amoroso, romântico, é uma super perna, do outro lado, se você tirar... Se a perna do relacionamento amoroso cai, provavelmente você vai cair pro lado totalmente, porque as outras são pequenas pra suportar o peso. Por isso a necessidade de não colocar toda essa expectativa, e toda a sua ideia de felicidade, numa perna que hoje tá... Porque é isso, relações são isso, com outra pessoa. Hoje a pessoa tá com você, amanhã ela não tá com você. (PODCAST AFETOS, 2021)

Em diálogo com essa discussão, de acordo com Chimamanda Ngozi Adichie, “ensinamos que, nos relacionamentos, é a mulher quem deve abrir mão das coisas” (ADICHIE, 2015, p. 34), perspectiva proveniente das expectativas de gênero internalizadas por homens e mulheres no processo de socialização. A autora discorre sobre como a sociedade ensina as mulheres a se diminuïrem de modo a preservar a masculinidade dos homens e, assim, não abalarem as bases patriarcais que sustentam a sociedade. Lembramos aqui que Sofia colocava-se em posição inferior ao então namorado, que era visto por ela como inteligente e culto em contraste com sua ingenuidade e inexperiência. A partir dessa premissa de diminuição da mulher, aprende-se que estas devem se anular para preservarem seus relacionamentos, podendo suas ambições de modo que não ameacem a supremacia da figura masculina. Nesse sentido, Adichie aponta que a sociedade ensina as mulheres a atribuírem importância aos relacionamentos amorosos de uma forma muito mais acentuada do que se ensina aos homens.

Já que pertenço ao sexo feminino, espera-se que almeje me casar. Espera-se que faça minhas escolhas levando em conta que o casamento é a coisa mais importante do mundo. O casamento pode ser bom, uma fonte de felicidade, amor e apoio mútuo. Mas por que ensinamos as meninas a aspirar ao casamento, mas não fazemos o mesmo com os meninos? (ADICHIE, 2015, p. 31-32).

É o que percebemos na dedicação incondicional de Sofia a um relacionamento que privou-a de outras vivências. O foco na relação amorosa enquanto o âmbito mais importante do que todos os outros manifesta a aspiração à relação amorosa enquanto uma realização social que deve ser mantida a todo custo, em conformidade com uma lógica patriarcal que impõe às mulheres a função do cuidado e da manutenção do relacionamento amoroso.

Ao expressar seu desejo de fazer novas amizades após o término do relacionamento, Sofia salienta que tem mais de 30 anos, o que torna mais difícil para ela fazer novos amigos. A respeito dessa afirmação, Déia destaca que a idade pode de fato tornar esse processo mais difícil, mas não impossível, se colocando como um exemplo de alguém que fez muitos amigos em uma fase mais madura da vida. Assim, a apresentadora provoca um tensionamento na ideia de que a idade deve ser entendida como um fator limitante na sua busca por amigos.

Déia: Eu falo por mim, eu sou uma pessoa muito tímida, mas eu sou aberta a fazer novas amizades. Eu tenho muitos amigos que eu fiz depois dos 30, depois dos 40, eu tô com 45. Pega aí mesmo, oh, Gabi e Karina, entendeu, são minhas amigas. A gente tá aqui junta, numa dinâmica de amizade muito boa, e eu tenho 45, gente, então tem que tá aberto, também. Né? É mais difícil? É mais difícil, porque a gente não se abre pra todo mundo. Mas dá pra ter amigos, também, em qualquer idade. Então, eu acho que é mais uma questão de você se abrir um pouco. E procurar também os amigos antigos que você acha que são importantes. (PODCAST AFETOS, 2021)

Os sentidos acerca do envelhecimento e de suas limitações povoam o imaginário social, trazendo marcas das dinâmicas de poder que estruturam as nossas relações. A fim de identificar essas marcas, há estudos voltados para o etarismo (ou idadismo), conceito definido por Gisela Castro como “misto de estereótipo, preconceito e discriminação baseados na idade que influencia os modos de perceber, sentir e agir em relação à idade de cada um e cada uma” (CASTRO, 2022, p. 3). De acordo com Castro, existe um olhar jovem-cêntrico na sociedade que estigmatiza e oprime pessoas idosas, mas não apenas elas, na medida em que atribui um conjunto de expectativas a diferentes fases da vida, influenciando de maneira negativa as práticas dos sujeitos. Nesse sentido, a fala de Sofia reproduz a noção de que fazer amizades é um processo característico de uma fase progressiva da sua vida, concepção que, se levada ao extremo, pode privá-la de viver relações de amizade em um estágio mais maduro, acarretando no prejuízo de sua qualidade de vida. É como se o relacionamento abusivo por ela vivido tivesse lhe “roubado” os anos hábeis para a formação de vínculos afetivos. Castro (2022) destaca a publicidade como espaço privilegiado de produção e circulação de sentidos sobre o envelhecimento, dialogando com os valores disseminados no imaginário social. Aqui, endossamos essa perspectiva, acrescentando o papel de outras instâncias midiáticas que produzem, disseminam e negociam sentidos sobre o envelhecimento, bem como as demais instituições que medeiam o acesso aos valores e normas de um determinado contexto social.

Ao fim da análise de nosso primeiro eixo temático, “término de relacionamento”, retomamos alguns pontos que unem as histórias das duas ouvintes. O relato de Jéssica enquadra o amor como algo pelo qual se deve lutar com determinação, de maneira inconformada com o fim. Em contrapartida, as apresentadoras salientam que é preciso saber quando parar de insistir e aceitar o término da relação, seguir em frente, em um movimento duplo de respeito ao espaço do outro e de autopreservação. Já no relato de Sofia, seu término escancarou sua solidão, fruto do isolamento promovido pelo namoro abusivo. O enquadramento das apresentadoras enfatiza que terminos de relacionamento não deixam as pessoas “sem chão” quando estas preservam outros interesses e relações para além do relacionamento amoroso. Assim, defendem a ideia de que as relações afetivo-sexuais não devem suprimir os demais círculos de convivência. Essa perspectiva prevê que os relacionamentos amorosos não são o foco central da vida dos sujeitos, mas sim uma parte de uma vasta experiência que também envolve amizades, família, trabalho,

entre outros âmbitos da vivência social. Nesse enquadramento, o término é compreendido como um processo amparado por outras relações, como apenas uma parte da experiência das pessoas.

Portanto, um aspecto da representação do amor que perpassa os enquadres das apresentadoras neste eixo temático é o seu caráter finito, ideia que se manifesta na aceitação do fim de um relacionamento, na compreensão de que um término não significa necessariamente um fracasso, na compreensão de que algumas relações amorosas param de nos caber plenamente e que são apenas uma dentre várias esferas da vida.

5.2 Eixo temático 2: Rejeição

5.2.1 A história de Karen

Oi! Eu sou ouvinte do *Afetos*, tenho 23 anos e, no final do ano passado, de 2020, comecei a me relacionar com meninas. Até então, eu não tinha ficado nem pensado que um dia eu ficaria com mulheres. Mas aconteceu e eu curti. Nesse mesmo ano, minha amiga me apresentou uma menina que só me conhecia por foto do *Instagram* e me via de vez em quando na faculdade. Ela me disse que a menina era super a fim de mim e que queria me conhecer. Eu estava no auge da minha bissexualidade. Mandei mensagem pra ela: “Ei, tenho interesse!”, e começamos a conversar. Eu descobri que eu já tinha visto ela na faculdade, e confesso que senti um certo desejo. Um dia, eu bebi muito e liguei pra ela. Estávamos ambas bêbadas, mas eu estava mais. Ela não atendeu. Mandou mensagem pro meu amigo dizendo que eu era meio psicopata. Até aí, tudo bem. Mas o negócio é que eu gostava dela, e sinto que se fosse com outra pessoa ela teria perdoado. Pensei logo que eu não fui perdoada porque eu sou uma mina preta e ela, uma mina branca, e vocês sabem o quanto é difícil para mulheres pretas se relacionarem, né? Eu sei que ela passaria pano pra gente branca por coisa até pior do que uma ligação bêbada. Então, vem a pergunta: o que vocês fariam no meu lugar? Devo tentar me explicar? Na verdade eu já fiz isso, ela disse que entendia, mas nunca mais falou comigo. A gente tinha tudo pra dar certo. Eu só consigo pensar em tudo que estraguei, e isso tem me tirado o sono, e a terapeuta está me ajudando também. Descobri que, além do meu dedo podre, eu tenho um certo tesão quando sou bajulada. Sou meio frígida, uma pessoa que não sente desejo sexual nem por homens e nem por mulheres. Eu nunca fui rejeitada assim. Eu gosto muito dela, e queria muito que ela voltasse a conversar comigo e, pós pandemia, a gente se resolvesse, vivêssemos felizes e tristes juntas. Não sou muito de gostar de alguém, porque, como eu disse, não sinto atração sexual. Eu gosto mais é da companhia. Então, o que fazer? Eu me apaixonei pela pessoa errada? (PODCAST AFETOS, 2021)

5.2.1.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor

O enquadramento da ouvinte

Karen se posiciona como uma mulher intensa e envolvida em um turbilhão de sentimentos, processo que está relacionado, em alguma medida, ao momento de redescoberta de sua sexualidade. Sua intensidade é evidenciada na profunda fixação e na projeção de um futuro feliz com uma garota com quem teve um envolvimento muito breve, mesmo que a relação tenha chegado ao fim.

A relação que parecia promissora foi interrompida por um ato impulsivo de Karen, desencadeando o desinteresse da pessoa desejada. Ao dizer que Karen era “meio psicopata”, a pretendente transpareceu ter se assustado e se sentido invadida pela atitude da ouvinte, o que nos leva a pensar que Karen ultrapassou um limite. Contudo, a ouvinte não interpreta a situação por esse ângulo, enquadrando a rejeição da pretendente como uma situação de racismo. Assim, desconsidera o impacto da ocorrência pela perspectiva da outra parte da relação, colocando-se no lugar de vítima. Karen se coloca no relato como uma pessoa em desvantagem naquela relação por ser negra e, portanto, estar sujeita a não receber segundas chances. Nessa leitura, estar interessada romanticamente por uma menina branca coloca-a em um lugar de inferioridade.

Ao introduzir uma problemática racial para justificar sua rejeição, Karen indica inconformidade com o fim do envolvimento amoroso, revelando sua dificuldade de lidar com a frustração decorrente do “não”, tendo em vista suas projeções de um relacionamento feliz com a pessoa desejada. O sentimento de intensa culpa e martirização pelos seus atos sinaliza o sofrimento diante da quebra de suas expectativas de um futuro brilhante juntas.

Karen parece inconformada com o fato da pessoa desejada querer cortar relações, mesmo tendo ouvido suas explicações. Diante da frustração de seus planos, ela se posiciona como disposta a resgatar tudo o que diz ter estragado. Parece estar muito apegada a uma ideia de futuro criada por ela mesma, em contraste com a casualidade com que a outra parte encerrou a relação.

Ao argumentar que a pessoa amada “passaria pano pra gente branca por coisa até pior do que uma ligação bêbada” (PODCAST AFETOS, 2021), Karen situa a pretendente como uma pessoa racista, mas, mesmo assim, mantém o interesse na menina e deseja reconquistá-la,

revelando uma contradição. Assim, Karen se mostra uma pessoa carente, na medida em que está disposta a receber afeto de alguém que, em sua interpretação, a trata de forma inferior.

Nota-se que Karen destaca a sua bissexualidade e o interesse (e até desejo) pela menina, mas também se declara como uma pessoa frígida, que não sente atração sexual, o que, mais uma vez, mostra uma contradição. Mas, ao expressar que sente tesão quando é bajulada e que nunca foi rejeitada dessa forma, a ouvinte indica sua vontade de receber atenção e de estar sob o olhar apreciativo do outro. Nesse sentido, a perda de interesse da outra pessoa instiga nela um sentimento de falta, de carência.

Quando afirma “Eu gosto muito dela, e queria muito que ela voltasse a conversar comigo e, pós pandemia, a gente se resolvesse, vivêssemos felizes e tristes juntas” (PODCAST AFETOS, 2021), depreende-se que, no fim das contas, o que predomina para ela é o desejo de ser amada, construir uma relação de parceria, avançar para além de uma paixão superficial, rumo a um vínculo profundo e comprometido. Há a vontade de fortalecimento da intimidade ao longo da “subida da montanha” da vida, na convivência diária, permeada por obstáculos e também por bons momentos, conforme proposto na metáfora da montanha de Somé (2007).

Ao se definir como uma pessoa com “dedo podre”, isto é, que faz más escolhas amorosas, Karen demonstra decepção e falta de confiança em relação à sua vida afetiva, o que nos dá pistas de um provável histórico de decepções amorosas. Nesse cenário, sua mais recente quebra de expectativa seria mais um caso falido somado a esse repertório, algo que ela está obstinada a reverter, pois coloca muita confiança na parceria com a pessoa amada. Ela está na busca por uma vitória amorosa.

Em suma, a ouvinte enquadra sua situação amorosa como algo em que ela depositava — e ainda deposita — grandes expectativas. O relato mostra que Karen permanece na esperança de que o contato com a garota seja retomado e que um futuro romance se concretize. O desentendimento parece ser enquadrado como um mero “acidente de percurso” que pode ser superado. Na medida em que foi responsabilizada pelo término, se mostra disposta a tomar atitudes que revertam essa situação.

A ouvinte se posiciona como uma pessoa apaixonada e se dirige às apresentadoras pedindo um aconselhamento sobre como se comportar diante da rejeição, pois não sabe o que fazer frente ao não recebido. A busca pelo aconselhamento parte da vontade de reconquistar a pessoa amada, mesmo diante de seu claro afastamento.

O reenquadramento das apresentadoras

Gabi Oliveira argumenta que Karen utilizou a “cartada da raça” em uma situação que, ao seu ver, não diz respeito a um conflito racial. Para a apresentadora, elementos do relato da ouvinte evidenciam que a garota demonstrou interesse nela — “o primeiro passo veio da parte dela, então ela se sentia atraída” (PODCAST AFETOS, 2021). Portanto, sugere um novo enquadramento para a situação de Karen, situando a problemática em outra questão: “Você se empolgou demais, ela se sentiu invadida de alguma forma, ou sentiu que você era emocionada demais, e aí ela não quer mais. E tá tudo bem, acabou, é flerte, aí quando uma pessoa não tá confortável, a gente segue” (PODCAST AFETOS, 2021).

O aspecto levantado por Gabi evidencia que Karen se utilizou da “cartada da raça” de modo a criar uma desculpa para a rejeição sofrida pela pessoa amada. Portanto, posiciona a ouvinte como alguém com *dificuldades de lidar com a rejeição* e com todos os sentimentos negativos desencadeados por esse processo. Com isso, convida-a a se reposicionar diante da decepção amorosa, de modo a *aceitar a frustração* e seguir em frente. Esse reenquadramento da situação difere daquele dado por Karen, que, em vez de buscar formas de lidar com o “não”, deseja se explicar (mesmo já o tendo feito) e buscar formas de reaproximação com a pessoa amada, manifestando insistência em ter uma conclusão para o problema em seus próprios termos.

Gabi também destaca que há uma *incompatibilidade de interesses* entre Karen e a outra garota, na medida em que a ouvinte deseja ter um envolvimento mais profundo, o que assustou a pessoa amada. Nesse sentido, Gabi afirma: “não é um problema você ser emocionada. Você tem que só encontrar outra pessoa que curta pessoas emocionadas. Essa pessoa não curte” (PODCAST AFETOS, 2021). Mais uma vez Gabi rompe com o enquadramento de Karen, definindo sua situação amorosa como uma *relação não promissora*, já que ambas as partes procuram coisas diferentes.

Ressalta-se, inclusive, o caráter extremamente superficial do envolvimento entre ambas: “Vocês nem... nem interagiram muito, cês não tiveram um relacionamento” (PODCAST AFETOS, 2021). A partir dessa interpretação, o que Karen e a menina tiveram consistiu em um início de flerte, algo muito incipiente a partir do qual a ouvinte desenvolveu expectativas muito altas. Assim, destaca-se que a ouvinte imagina seu envolvimento amoroso de uma forma totalmente diferente do que concretamente aconteceu, criando uma narrativa grandiosa para uma breve e casual interação amorosa.

Nesse sentido, Gabi reforça que atribuir a rejeição a uma demonstração de racismo é problemático, destacando que, apesar de todas as relações serem atravessadas pela raça, nem sempre o fator racial é o elemento determinante do insucesso de uma relação amorosa.

Gabi: [...] claro que eu, como uma mulher negra, retinta, sei muito bem a dificuldade de mulheres negras, principalmente se você tiver mais ainda fora do padrão, né, se você for uma mulher gorda, etc, se relacionarem. Eu sei disso. Mas **tem gente que não se relaciona só porque é negra ou porque é fora do padrão, tem gente que não se relaciona porque é chata.** E aí, não tô falando que é o seu caso, mas eu conheço pessoas que são insuportáveis. E aí, tipo assim, é um fator a mais, entendeu? [risos] Então a gente tem que refletir, a gente tem que refletir. Hoje eu falo, tudo bem que eu sei que eu tenho um lugar de concessões, por causa da fama e etc, e por ter um corpo mais dentro do padrão, e essas coisas. Mas **hoje, eu tenho plena consciência que eu não posso falar que eu não me relaciono porque eu sou uma mulher negra. Eu não me relaciono porque eu sou uma pessoa criteriosa,** e que sou uma pessoa cricri, e muitas coisas, e etc. Então eu não posso colocar somente na raça, entende? (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso)

Ao sugerir que Karen reenquadre sua rejeição amorosa por outro ângulo que não o racial, Gabi convida a ouvinte a refletir sobre outras problemáticas presentes em seu relacionamento mal-sucedido, a ampliar seus horizontes de interpretação e, dessa forma, identificar outras razões para o ocorrido. Portanto, o reenquadramento acionado também convida Karen a ver a situação com maior *lucidez* e realismo.

Após as considerações de Gabi, Déia reforça um ponto já abordado em outras histórias do *Afetos te Ajuda*, qual seja o fato de que é preciso *aceitar o não* dado pela pessoa de seu interesse. E ainda destaca outro ponto que merece ser reconsiderado:

Déia: E outra coisa que me incomoda também: tudo bem, cê acha que ela não te perdoou porque você é uma mulher preta. Poxa, cê quer ficar com essa mina ainda, então? Que não tá te perdoadando porque você é uma mulher preta? Que que cê vai fazer com essa mina? Sabe? Então não. Tenho vários nãos aqui, pra dizer, entendeu? (PODCAST AFETOS, 2021)

Ao questionar o porquê de Karen ainda ter interesse em alguém que considera racista, Déia convida a ouvinte a refletir sobre o que ela deseja para si própria, na medida em que se mostra conivente com uma suposta atitude abominável. A esse respeito, convocamos a perspectiva de bell hooks (2020) acerca do amor enquanto prática que demanda *intencionalidade* e *capacidade de escolha*. hooks critica a noção de amor romântico culturalmente disseminada, segundo a qual o amor não é uma escolha, e sim um processo involuntário e desprovido de agência. Segundo a autora, o amor não é algo dado e inevitável — tal como a expressão “cair de amores” dá a entender — mas sim uma prática construída e

que podemos administrar. Nesse sentido, destaca que, para escolher uma parceria de forma intencional e criteriosa, é necessário que os sujeitos façam um exercício de *autoavaliação* a fim de *compreender seus desejos e necessidades*, bem como avaliar se são capazes de dar ao outro aquilo que esperam receber.

Partindo desse referencial, interpretamos que Karen, ao insistir na pessoa desejada mesmo diante do que identificou como um ato racista, vai contra suas próprias aspirações enquanto mulher negra — desejo de ser amada e respeitada por um par romântico. Sua insistência também indica a *falta de amor próprio* e de valorização de si mesma. Nesse cenário, as apresentadoras convidam a ouvinte a exercitar um olhar crítico para esse interesse amoroso, compreendendo que essa escolha não contempla seus desejos e necessidades, bem como se relaciona a uma auto-rejeição internalizada.

Em consonância com as considerações de Déia, Karina acrescenta que a ouvinte deve perceber os limites impostos pelo outro e, junto a isso, estabelecer uma relação de respeito consigo mesma.

Karina: Isso tá deixando bem óbvio e bem transparente que não existe mais vontade da outra parte. E aí eu acho que a gente precisa se respeitar, sabe? Tipo, você tem dúvidas se é a questão da raça, né, de acordo com o seu e-mail você acha que a questão da raça pesou, e mesmo assim você pensa em dar uma segunda chance. E essa segunda chance, na verdade, ela que deveria tá dando pra você, e ela já deixou bem claro que ela não quer. [...] E aí existe um... Existe um limite do respeito, sabe? Você já começa a se desrespeitar, a se... a se questionar, a projetar no futuro, tipo, cê nem ficou com a mina, e cê já tá pensando num futuro pós-pandemia, se a gente pode ficar junto, feliz e triste juntas, tipo, não. [risos] (PODCAST AFETOS, 2021)

Tanto a fala de Déia quanto a de Karina evidenciam que a ouvinte se coloca em um lugar de *desrespeito a si mesma* ao projetar um relacionamento com alguém que já deixou explícito seu desinteresse. Portanto, Karen é convocada a repensar seu interesse amoroso, de modo a se conformar com o não da pessoa amada e, mais do que isso, compreender que esta pessoa não está disposta a dispensar à ouvinte o tratamento que ela realmente merece.

Assim, as apresentadoras enquadram o problema amoroso da ouvinte como uma situação de não-reciprocidade e que, portanto, não tem futuro. Karen é posicionada como alguém com dificuldades de lidar com o “não” e com expectativas irreais em relação à pessoa desejada, além de revelar problemas de autoestima e amor próprio. A postura das comunicadoras é incisiva no sentido de que a ouvinte deve aceitar que o flerte não deu certo e seguir em frente, em um gesto que, ao mesmo tempo, valoriza a si mesma e respeita a escolha da outra parte da relação.

Confrontando os enquadramentos

Karen localiza o problema de sua situação amorosa em uma questão distinta daquelas evidenciadas por Gabi, Déia e Karina. Conforme a fala de Déia, “são vários nãos” envolvidos nessa história, mas Karen não percebe esse cenário. Enquanto a ouvinte busca formas de reaproximação com a pessoa desejada, as apresentadoras destacam que ela deve simplesmente aceitar a rejeição e seguir em frente. Assim, convidam Karen a ser mais “pé no chão” e se conformar com o cenário posto, ao invés de lutar para reverter a situação.

Na esteira da problemática racial levantada pela ouvinte, as apresentadoras também apontam que ela estaria se submetendo a uma posição de inferioridade e autodepreciação ao manter seu interesse amoroso em alguém que considera racista. Desse modo, o reenquadre realça uma postura de autodesvalorização da ouvinte, e convoca-a a não insistir em uma relação amorosa que não lhe proporcione o que ela merece — reciprocidade, intencionalidade, respeito, interesse mútuo.

Além disso, o reenquadre das apresentadoras evidencia o quanto o depoimento de Karen está atravessado por uma visão idealizada de sua situação amorosa, que não se sustenta concretamente. Gabi, endossada pelas demais comunicadoras, destaca que a ouvinte cria expectativas românticas em torno de seu breve envolvimento amoroso, reenquadrando a relação como uma interação breve e superficial que já foi encerrada. Enquanto Karen projeta um futuro promissor para sua breve incursão romântica, as apresentadoras enfatizam o conflito de interesses entre ambas as envolvidas na relação. Assim, Karen também é convidada a se posicionar de forma diferente nessa situação, com mais autorrespeito e autocrítica.

Em suma, podemos contrastar os enquadramentos de Karen e das apresentadoras em oposições como: criação de expectativas/aceitação da rejeição; idealização romântica/visão realista do flerte; culpa/autovalorização e consciência da problemática racista.

5.2.1.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais

Ao atribuir a sua rejeição ao fato de ser negra, Karen verbaliza uma preocupação atrelada a uma relação interracial, em que eixos de poder produzem diferentes experiências para a parceria branca e para a parceria negra. Apesar da problemática racial ter sido refutada no

reenquadramento das apresentadoras, ainda assim essa questão interfere nos enquadres dados pela própria ouvinte. A dimensão racial se atrela ao gênero de modo a interferir na aceitação do não da pessoa desejada, pois, conforme seu relato, vivencia a rejeição a partir de sua experiência como mulher negra, que historicamente é colocada em um local de preterimento nas relações. Joice Berth discorre sobre esse cenário:

Há uma representação social baseada na raça e no gênero, a qual regula as escolhas afetivas das mulheres negras. A mulher negra e mestiça estaria fora do “mercado afetivo” e naturalizada no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes “à cultura do afeto”, do casamento, da união estável. (BERTH, 2019, p. 87)

A reflexão de Berth, assim como a grande maioria dos estudos sobre relações raciais no Brasil, partem de um referencial heterossexual dos relacionamentos afetivo-sexuais para analisar mulheres negras, o que não é o caso de Karen, que se interessa por alguém do mesmo sexo. De acordo com Bruna Pereira (2019), o paradigma heteronormativo contribui para que não haja imagens cristalizadas acerca da relação mulher negra - mulher branca no imaginário social, embora esta também ganhe significados dentro de um imaginário racial mais amplo. Assim, “ao contrário do par homem branco-mulher negra, o par mulher branca-mulher negra não encontra um retrato-modelo, seja na simbologia de gênero e de raça do discurso racial seja no discurso tradicional de gênero” (PEREIRA, 2019, p. 120). O que não significa, conforme a pesquisadora, que mulheres negras não sofram discriminações no âmbito dos relacionamentos amorosos interracializados com outras mulheres.

O que eu argumento é que a inexistência de uma imagem que cristaliza o sexo ou o relacionamento inter-racial entre mulheres numa linguagem de poder e dominação referido à formação da nação torna dispensável na interação entre elas o roteiro que estrutura de forma contundente os encontros entre homens brancos e mulheres negras. (PEREIRA, 2019, p. 121)

Nesse sentido, a relação entre Karen e uma mulher branca é também permeada pelas dinâmicas de raça, mas suas imbricações com a sexualidade e o gênero resultam em experiências particulares que diferem das relações interracializadas entre mulheres negras e homens brancos, cujas problemáticas contribuem de forma contundente para a construção de um discurso nacional.

Também consideramos oportuno apresentar a crítica de Zelinda Barros (2008) acerca de parte significativa dos estudos sobre relações afetivo-sexuais e suas implicações raciais. De

acordo com a autora, “segundo as representações de boa parte dos estudos sobre relações raciais, não existe margem de escolha possível ao negro: ou casa-se com um ‘igual’, ou tenta “branquear”, casando-se com um branco” (BARROS, 2008, p. 39). A autora critica, portanto, a ideia de que a escolha de uma parceria branca se daria com o único fim de ascensão social. Essa visão determinista e meramente pragmática das escolhas conjugais, segundo Barros, reforça uma visão dicotômica dos sentidos atrelados ao negro/branco e negligencia o fato de que a escolha de um(a) parceiro(a) branco(a) por parte de pessoas negras “não só traz ‘benefícios’, mas tem complicações e desdobramentos que afetam o membro ‘negro’ e também o membro ‘branco’ do casal” (BARROS, 2008, p. 39).

Assim, conforme a história de Karen evidencia, o engajamento afetivo com uma mulher branca é fonte de inseguranças para a ouvinte, não significando um sinônimo de vantagens sociais. Seu caso ilustra o fato de que o envolvimento amoroso interracial, para pessoas negras, não significa necessariamente um meio estratégico de embranquecimento “por osmose”, mas implica uma série de outras escolhas que envolvem, inclusive, inseguranças decorrentes das diferentes experiências de raça vividas pelo casal.

Gabi Oliveira rejeita o enquadramento racial dado pela ouvinte para a sua rejeição amorosa, argumentando que a “cartada da raça” nem sempre se aplica às relações afetivo-sexuais de pessoas racialmente oprimidas. A apresentadora se coloca como exemplo, apontando que o fato de ser famosa confere-lhe um lugar de concessões, de modo que “eu não posso falar que eu não me relaciono porque eu sou uma mulher negra” (PODCAST AFETOS, 2021), mas que atualmente não está em um relacionamento por ser uma mulher criteriosa em suas escolhas amorosas. Com isso, Gabi destaca que as imbricações entre raça e gênero em suas relações afetivas adquiriram novas nuances a partir de sua ascensão social pelo trabalho na internet, a ponto de afirmar que estes não são fatores decisivos na conquista de uma parceria amorosa em sua nova situação socioeconômica. Sua fala imprime uma forte autoconfiança; a apresentadora se vê como um caso excepcional.

A afirmação de Gabi contrasta com reflexões teóricas acerca da ascensão social de mulheres negras, que destacam o processo de acirramento da solidão da mulher negra quando estas ascendem socialmente. Segundo Beatriz Nascimento (2018), quando mulheres negras obtêm êxito na superação da situação de força de trabalho precarizada e atingem posições de maior prestígio social, são levadas a individualizar-se e a rejeitar “padrões formais de relação dual” (NASCIMENTO, 2018, p. 356) marcadas pela dominação unilateral. Assim, a mulher negra permanece solitária ou busca outros arranjos de relacionamentos. Por não atender aos padrões estéticos femininos calcados na supremacia branca, tem seu trânsito afetivo

extremamente limitado (NASCIMENTO, 2018, p. 356). Nessa perspectiva, a ascensão social imporia o recrudescimento da discriminação racial aliada à opressão de gênero.

Diante da dissonância entre as reflexões teóricas apresentadas e a fala de Gabi, coloca-se uma questão que nos parece profícua: o que a fala da apresentadora nos revela sobre as relações amorosas de mulheres negras em ascensão social? Uma das chaves interpretativas para a argumentação de Gabi seria que, ao se autodefinir uma pessoa criteriosa e “cri cri”, a apresentadora espelha a lógica individualizante destacada por Nascimento, na qual a mulher negra em ascensão se recusa a aceitar quaisquer propostas que se enquadram em modelos tradicionais de relacionamento, marcados pela dominação unilateral masculina.

Outra possibilidade de leitura seria que Gabi exerça de forma incisiva seu poder de agência, se colocando na posição de escolha criteriosa de suas parcerias afetivas, mais do que no lugar de ser escolhida. Destaca-se que boa parte dos estudos que enfocam a afetividade de mulheres negras evidenciam a situação de desvantagem destas no mercado afetivo devido a opressões interseccionais. Porém, Gabi dá ênfase em sua autonomia e poder de escolha, enquanto mulher negra, na tomada de decisões sobre sua vida afetiva, com critérios que considera rígidos para compartilhar sua vida com outra pessoa.

Nesse sentido, Joice Berth (2019) enfatiza que as dinâmicas interseccionais de dominação que incidem sobre mulheres negras, para além de serem reconhecidas, devem ser combatidas a partir de uma postura ativa de recusa a padrões colonizadores de relações.

[...] cabe ressaltar, voltando a bell hooks, que muitas mulheres estão nesse estado de “solidão” porque não aceitam mais negociar suas humanidades para caberem em modelos opressores. Recusando-se a ser vítimas, entendem que estar em um modelo de relacionamento opressor não lhes cabe, pois entendem como urgente o debate sobre masculinidade; os homens têm se responsabilizado pelas mudanças para não infligirem dores emocionais às mulheres negras. Seria preciso que mulheres negras tenham considerações mais amplas sobre afetividade e reinventem novas formas de vivenciá-las, tendo em vista o modelo racializado com que as relações se dão, colocando esse grupo em situação de extrema desvantagem, como bem pontua Beatriz Nascimento [...]. (BERTH, 2019, p. 87)

Desse modo, o relato de Gabi evidencia que, por mais que eixos de poder estruturais incidam sobre a sua experiência enquanto mulher negra, produzindo violências específicas, a apresentadora dá ênfase ao seu papel de protagonismo sobre suas escolhas afetivo-sexuais.

Resgatando uma questão já observada em outras histórias analisadas, Déia afirma notar, em relatos de mulheres que se relacionam com mulheres que já foram apresentados no *Afetos te Ajuda*, que há uma maior dificuldade de aceitação do não vindo da pessoa desejada.

Déia: Eu vou ficar nisso, gente, eu vou ficar nisso, porque a gente tem que começar mesmo a pensar e eu... e eu percebo isso, que aqui às vezes a gente lê, né, algumas... alguns e-mails de... de mulheres em relação com mulheres e... e tem uma dificuldade maior, eu percebo isso, de aceitar o não. E a gente até comentou sobre isso aqui: qual que é o limite, né, que hora que começa o assédio? Poxa, começa a hora que a pessoa já falou pra você “Olha, tudo bem”, cê foi lá, se explicou, a pessoa não quis mais falar com você. Tá claro o recado. Vamo começar a aceitar o não e partir pra outra. (PODCAST AFETOS, 2021)

Conforme já apontado anteriormente nesta pesquisa, enfatizamos que a própria seleção das histórias a serem discutidas no quadro já consiste em um enquadramento dado pelo programa, uma escolha deliberada que traz indícios de quais discussões são priorizadas em detrimento de outras. Portanto, inferimos que o enquadramento do programa escolhe lançar luz para a problemática da violência nas relações afetivo-sexuais entre mulheres, realçando a existência de relações de dominação também praticadas em casais do mesmo sexo. Como já visto na história de Jéssica, práticas heteronormativas são encarnadas também em relações que fogem à heteronormatividade, na medida em que os modelos amatórios aprendidos no processo de socialização são permeados pelo paradigma branco, masculino e heterossexual colonizador.

5.2.2 A história de Laura

Conheci o podcast *Afetos* há pouco tempo, mas já estou amando. Eu me sinto acolhida, então já de antemão gostaria de agradecer por isso. Em meio a esse caos de incertezas, medos e desafetos, vocês trazem lucidez e alegria para mim, e com certeza para muitas outras pessoas. Parabéns pelo maravilhoso trabalho que desenvolvem. Ao ouvir vocês, fiquei com vontade de pedir um conselho. Semana passada eu finalmente falei para uma pessoa que amo meus sentimentos por ela. A gente tem tentado ser só amigo faz alguns anos. Ficamos poucas vezes em diferentes anos (2015 e 2019), mas nossa relação me acessa de uma maneira muito profunda, e nunca consegui “superar” [Déia: O superar entre aspas] direito o “término” [Déia: O término também entre aspas], embora não tenhamos namorado e não goste dessa ideia de superação. O sentimento não é recíproco, mas diz ele que gosta de mim como amiga e que deseja minha amizade, e eu sinto verdade nisso. Assim que tive essa conversa com ele, ouvi o episódio “Vulnerabilidade” e me senti completamente compreendida, porque é como eu me sinto agora: vulnerável e exposta. A história com ele é super complexa, não ficarei me alongando demais aqui. Mas queria saber se vocês já fizeram algum podcast sobre a tentativa genuína de amizade quando uma das partes queria algo além disso. É possível ser amiga de alguém que se ama? Além disso, estou convivendo agora com a vergonha e o arrependimento por ter falado que o amo. Como pode um afeto tão poderoso e bonito causar tamanha contradição na gente? No ápice da pandemia, a gente tem sentido mais necessidade de portos seguros, e ter tomado essa atitude só me fez sentir mais solitária, no mar à deriva. (PODCAST AFETOS, 2021)

5.2.2.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor

O enquadramento da ouvinte

Laura define sua situação amorosa como um caso de amor não correspondido, o que leva à dúvida: é possível sustentar uma amizade quando uma das partes quer mais do que isso? Seu amigo é posicionado na história como mais que um amigo, e sim um amor — mas que foi sincero ao afirmar que não desejava nada além da amizade — e um envolvimento ocasional (como ela conta, “ficamos uma poucas vezes em diferentes anos”). Nesse sentido, o relato dá a ver que ambos os envolvidos se mostram transparentes em relação aos seus sentimentos, sem quaisquer respostas evasivas que pudessem levar a mal-entendidos.

O depoimento de Laura evidencia o quanto ela se sente vulnerável diante desta situação, afinal, expôs seus sentimentos para o amigo e não obteve a resposta esperada. Ela se coloca enquanto uma pessoa fora de sua zona de conforto, constrangida por ter externado seus sentimentos. A esse respeito, nos parece que a fonte do constrangimento de Laura provém mais da resposta negativa da pessoa amada do que necessariamente da sua sinceridade consigo mesma e com o próximo sobre estar apaixonada, afinal, seu relato evidencia que nunca conseguiu superar o breve envolvimento que já tiveram, demonstrando que manter a amizade sem expor seus verdadeiros sentimentos provocava desconforto, uma espécie de “e se?” pairando em seus pensamentos. Desse modo, o arrependimento de Laura indica que ela teve seu orgulho ferido, pois confessar seu amor e ver que ele não é correspondido lhe proporciona um lugar de desequilíbrio na relação, na qual ela constitui o elo mais fraco.

É esse contexto de não reciprocidade e constrangimento que leva a ouvinte a pedir os conselhos do *Afetos te Ajuda*, de modo a dialogar sobre a sustentabilidade da amizade nessas condições. Laura se mostra uma mulher centrada, que busca lidar com maturidade e ponderação com sua situação amorosa, pesando as variáveis. Ao dirigir-se às apresentadoras enfatizando seu estado de vulnerabilidade, Laura posiciona-as como pessoas que provêm para ela um lugar de acolhimento, um porto seguro e ponto de equilíbrio em meio às inseguranças da vida. Elas constituem um espaço de “firmeza” diante da situação instável em que se encontra.

A dúvida de Laura sobre a viabilidade de sua amizade provém do fato de que a relação foi transformada após a revelação de seus sentimentos. Sua angústia sobre o que fazer indica que a manutenção desse laço pode ser fonte de sofrimento para ela, já que agora sabe que o contato com o amigo não mudará de natureza, não avançará para um romance. Além disso, a

exposição de seus sentimentos colocou-a em um local de fragilidade perante o amigo, como se contar a verdade a deixasse despida, com os sentimentos à mostra.

É interessante observar que o elemento solidão, que figura na narrativa de Laura, também é um dos fatores centrais na história de Sofia, que se viu isolada após o término de um relacionamento abusivo. Enquanto a solidão desta última foi provocada por algo negativo — a centralidade de sua relação amorosa em detrimento das suas demais esferas de convivência —, a de Laura é consequência de um processo positivo e saudável para a ouvinte — o ato de expressar seus sentimentos. São duas situações distintas, mas que ilustram a forma como a temática da solidão se atrela às experiências afetivas. Uma vez que a escolha por esconder o que sentia era equivalente a menosprezar seu próprio bem-estar pelo bem de uma amizade, observamos que a solidão, apesar de dolorosa, consiste em uma das possíveis consequências do processo de autorrespeito e honestidade dos indivíduos com os próprios sentimentos.

Nessa perspectiva, destaca-se que o engajamento dos sujeitos nos mais diversos arranjos de relacionamentos envolve fazer escolhas, concessões e negociações — e nem sempre é possível conciliar tudo o que se deseja. Conforme argumenta Renato Noguera, “[...] o amor é uma arte político-afetiva” (NOGUERA, 2020, p. 188) e, assim como todo fazer político, também enfrenta desafios e demanda articulação de diferentes elementos.

A palavra *política* vem de *polis*, termo grego que quer dizer “cidade”. De acordo com Aristóteles, o ser humano é um animal político. E a política diz respeito ao poder, à negociação, à gestão de espaços, atos e movimentos. Onde entra o amor? Ora, o amor envolve o poder de fazer a gestão da admiração, do desejo e das inseguranças que rondam os afetos que compõem um relacionamento. (NOGUERA, 2020, p. 193)

A partir do momento em que Laura contou para a pessoa amada sobre o que a afligia, foi possível haver um diálogo honesto entre ambas as partes de modo a alinharem suas expectativas. Nesse caso, ser fiel aos seus reais sentimentos pelo amigo implicou em um inevitável processo de exposição e na criação de uma nova situação — nem namorado, nem um amigo como era antes — à qual ela não sabe como se adaptar.

O reenquadramento das apresentadoras

Respondendo à pergunta feita pela ouvinte, Déia diz: “Ai, olha, eu, como uma pessoa que já tive muitos amores platônicos, daqueles que só eu tava apaixonada, eu acho que é

possível, sim, ser amiga, mas.... Você tem que saber até que ponto você pode ir, né?” (PODCAST AFETOS, 2021). A apresentadora sinaliza que Laura deve “pensar as coisas” de modo a limitar o contato com o amigo até um ponto que não a machuque, dando um exemplo: “[...] cê vai ficar amiga do cara, aí o cara arruma uma namorada. Até que ponto você participar disso assim, sei lá, ver nas redes sociais, ou até sair junto em turma, vai te fazer bem? Ou vai te fazer mais mal do que bem?” (PODCAST AFETOS, 2021). Gabi também responde à pergunta de Laura dizendo que sim, em sua opinião é possível manter a amizade com quem se ama. Mas adiciona outros questionamentos diante desse eventual cenário:

Gabi: Agora, a questão é a seguinte: **será que é confortável? Será que... não é dolorido demais? [...] Será que não tem como manter a amizade com certo distanciamento?** Eu também já vivi situações onde só eu tava apaixonada, e olha só, eu não recomendo, eu, hoje, se eu vivo isso, eu... a minha escolha é me afastar, sabe? Não é que vá terminar pra sempre com a pessoa ou que vocês nunca mais vão ter contato, não é isso. É só que você vai dar um tempo pra você se recuperar. [...] **Eu, nessas situações, escolho me preservar.** (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso)

Com essa fala, a apresentadora desloca o questionamento da ouvinte para outro lugar: ao invés de se perguntar se é possível manter a amizade, convém acima de tudo que Laura se pergunte se essa relação não a faria sacrificar seu bem-estar. Ou seja: com esforço, é possível manter a amizade; mas deveria haver tanto esforço? Neste enquadramento, a preocupação com a manutenção da relação envolveria uma carga de concessões e possíveis situações desconfortáveis para a ouvinte. Gabi convida Laura a se colocar no centro da situação, a refletir criticamente se a relação vale a pena para ela em particular. Nesse sentido, a ouvinte é convocada a reenquadrar a situação a partir de um lugar de *priorização de si mesma*.

Ainda na mesma resposta, Gabi argumenta que a decisão de Laura foi acertada em deixar seus sentimentos às claras para seu amigo, já que isso eliminou a idealização de outros cenários para sua situação amorosa.

Gabi: Eu não acho que você deva se arrepender de ter falado. Você foi sincera, ele foi sincero. Eu acho que é melhor assim do que você ficar... alimentando um sentimento sem saber se é recíproco ou não. [...] Porque, agora, você tá com a vergonha de ter falado. Mas, na outra situação, você estaria com a dúvida de que não estava dando certo porque você não tava falando. Entende? A gente já falou no episódio de vulnerabilidade: não é simples mesmo, você se colocar nesse lugar de estar mais vulnerável, sabe? Mas nessas situações é necessário! (PODCAST AFETOS, 2021)

Segundo o enquadramento dado por Gabi, certas situações demandam que as pessoas se coloquem em uma *posição vulnerável*, por mais dolorido e incerto que seja. Em contraposição, para Laura, seu estado de vulnerabilidade leva-a a um estado de arrependimento por ter exposto seus sentimentos, indicando o desejo de que a situação com o amigo permanecesse com a

configuração anterior. Contudo, se não contasse a verdade, Laura continuaria com uma série de dúvidas sobre o amigo — haveria a possibilidade de algo a mais? O sentimento era recíproco? De que maneira o amigo a enxergava? Se ela contou o que sentia, é porque algo a levou a isso, certamente algum tipo de incômodo que não a deixava satisfeita com a amizade como estava. Então, por que o desejo de retornar a um estado de coisas que não estava satisfatório? Isso não corresponderia a escamotear seus incômodos e suas necessidades? Portanto, o reenquadramento dado por Gabi evidencia que *os sentimentos de Laura são importantes* e devem ser levados em consideração, por mais que o processo de externá-los para o próximo gere desconforto.

Ainda nesse sentido, Karina faz referência ao episódio “O poder da vulnerabilidade - Afetos #32”⁴⁷ mencionado pela ouvinte e por Gabi, salientando um dos pontos mais centrais discutidos no programa: a ideia de que, “[...] pra você ser vulnerável e se expor pra outra pessoa, é necessário que você tenha muita *coragem*” (PODCAST AFETOS, 2021). A ideia de coragem denota uma postura de enfrentamento e força perante situações desafiadoras e de risco. O enquadramento dado pelas apresentadoras, portanto, reforça que a atitude de Laura não é motivo para arrependimento, mas sim para *admiração*, na medida em que ela superou seus medos para se declarar.

Por fim, diante da indagação de Laura, Karina argumenta que é possível ser amiga de quem se ama, com algumas condições: “Desde que você tenha os limites e os contornos dessa amizade muito bem estabelecidos. Desde que você não tenha e não fique nessa sensação de que a qualquer momento você pode transformar essa amizade em alguma coisa [...]” (PODCAST AFETOS, 2021). Em consonância com essa fala, Déia acrescenta que acha importante que Laura não dê mais abertura para envolvimento românticos com o amigo, caso surjam outras oportunidades: “Talvez agora que ele saiba que você gosta dele, ele também não force essa barra. Mas, se rolar, seria melhor você se preservar, porque senão vai voltar tudo, e aí você vai ficar nessa, né, girando nisso aí.” (PODCAST AFETOS, 2021). A ideia de *autopreservação* é ressaltada mais uma vez no enquadramento das apresentadoras, depositando em Laura a responsabilidade e sabedoria de evitar que ocorra algum tipo de “recaída”. Assim, destaca-se que a ouvinte *não deve criar expectativas* em relação ao amigo.

⁴⁷ PODCAST AFETOS: O poder da vulnerabilidade - Afetos #32. [Locução de]: Gabi Oliveira, Karina Vieira. [S.l.], Spotify, 14 fev. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3g35eWuVYBulmtYKsTFgQP>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Confrontando os enquadramentos

Enquanto Laura se sente envergonhada e arrependida por ter se declarado para a pessoa amada, as apresentadoras redefinem sua atitude como um ato de coragem, adotando um tom positivo, de aprovação e admiração, à iniciativa da ouvinte. Gabi, Karina e Déia convidam Laura a reenquadrar a sua situação de vulnerabilidade por outro ângulo, enfatizando a importância de ser verdadeira com seus sentimentos e também encarar os sentimentos da outra pessoa. Nessa perspectiva, a honestidade corajosa frente à relação é um desconforto necessário, pois elimina dúvidas e permite à ouvinte tomar a atitude mais adequada. A transparência é evidenciada como um valor importante na fala das comunicadoras.

O reenquadre das apresentadoras também destaca que Laura deve se priorizar antes de se dedicar à amizade com a pessoa amada. Por mais que considerem que amor e amizade não sejam incompatíveis, todas frisam que, em um primeiro momento, a ouvinte deve se recolher para se cuidar e pensar na melhor forma de se colocar nessa situação. Conforme afirma Gabi, “Vai cuidar de você, se recupera, e depois você mantém essa amizade” (PODCAST AFETOS, 2021).

5.2.2.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais

A temática vulnerabilidade pautou o relato de Laura e o diálogo das apresentadoras. Toda a história da ouvinte perpassa a ideia de que expor seus sentimentos colocou-a em uma posição desprotegida diante do amigo, o que faz com que ela questione se é possível seguir adiante com essa relação. A vulnerabilidade atravessa os mais diferentes afetos construídos em nossa experiência cotidiana, nas mais variadas esferas da vida. Contudo, mostrar-se vulnerável apresenta diferentes nuances de acordo com o lugar ocupado por determinados grupos sociais. No episódio “O poder da vulnerabilidade - Afetos #32”, mencionado no depoimento de Laura, Gabi e Karina apresentam suas perspectivas sobre o tema e nos trazem pistas para pensar a relação entre a vulnerabilidade e a experiência das mulheres em geral — e das mulheres negras em específico.

Para Gabi, a vulnerabilidade está fortemente relacionada com uma ideia de silenciamento decorrente do medo de seu pronunciamento colocá-la em uma posição desfavorável. A apresentadora afirma: “[...] nós, como duas mulheres negras, nós sabemos que

estamos sempre nesse local de vulnerabilidade, em todos os sentidos: quando a gente pensa em existir, em se relacionar, em transitar pelos espaços [...]” (PODCAST AFETOS, 2020). Para Gabi, as mulheres em geral estão mais desamparadas diante da possibilidade de errar, uma vez que “A gente sabe que o nosso erro, ele é muito mais [...] julgado do que o erro de homens, principalmente homens brancos” (PODCAST AFETOS, 2020). A fala de Gabi evidencia que categorias como raça e gênero conferem diferentes camadas de vulnerabilidade nas interações com o próximo, construindo barreiras que tornam mulheres negras mais suscetíveis ao julgamento do outro e que, conseqüentemente, condicionam essas sujeitas à omissão como mecanismo de proteção contra o olhar alheio.

Entretanto, apesar desse cenário historicamente desfavorável, as apresentadoras defendem uma postura de enfrentamento do medo, de se permitir ser vulnerável como um ato de coragem. Conforme Karina defende no episódio, “Para mim, vulnerabilidade é abertura. Abertura pra coisas boas e pra coisas ruins” (PODCAST AFETOS, 2020). Nesse sentido, permitir-se ser vulnerável significa ultrapassar a zona de conforto, onde já se conhece todas as regras do jogo, e se abrir para o novo, por mais desafiador que ele seja.

Essa abertura para a vulnerabilidade se dá por meio do ato da fala sobre si para o próximo. Nesse contexto, portanto, o pronunciamento defendido pelas apresentadoras consiste em um ato de resistência, pois desafia o silenciamento imposto às mulheres negras através das estruturas de dominação. Conforme enfatiza Grada Kilomba: “No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/os brancas/os querem — e precisam — controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado” (KILOMBA, 2019, p. 34).

Vencer a vulnerabilidade e falar sobre os próprios sentimentos é também um processo de reconhecimento da importância das necessidades interiores, tal como evidenciado pelos enquadramentos dados pelas apresentadoras. De acordo com bell hooks (2010), gerações de pessoas negras foram condicionadas a pensar no amor como uma frivolidade frente à luta pela sobrevivência, ressaltando que “No nosso processo de resistência coletiva é tão importante atender as necessidades emocionais quanto materiais.” (HOOKS, 2010, p. 4). Nesse sentido, viver plenamente — para além de apenas sobreviver — implica necessariamente na compreensão dos próprios sentimentos e, conseqüentemente, no estabelecimento de demandas nas relações com outras pessoas.

A mulher negra descolonizada precisa definir suas experiências de forma que outros entendam a importância de sua vida interior. Se passarmos a explorar nossa vida interior, encontraremos um mundo de emoções e sentimentos. E se nos permitirmos

sentir, afirmaremos nosso direito de amar interiormente. A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas. (HOOKS, 2010, p. 7).

A história de Laura, no enquadramento das apresentadoras, evidencia que se mostrar vulnerável implica abrir mão do controle da situação para pisar em um terreno desconhecido. Mas essa é uma ação pouco estimulada em uma conjuntura social em que, conforme aponta bell hooks (2020), somos ensinadas e ensinados a estabelecer relações com base em disputa por poder e dominação. De acordo com hooks, as mulheres são culturalmente incentivadas a cultivar interesse pelo amor, mas o sentido de amor disseminado pela sociedade patriarcal reforça noções sexistas de gênero, perpetuando a ideia do amor enquanto coerção e disputa pelo controle. Desse modo, para pessoas que nunca experimentaram o amor no sentido pleno, relacionamentos podem ser compreendidos como um espaço de disputa por poder, e não como uma dinâmica de reciprocidade. Essa luta pela dominação, inclusive, pode ser uma dinâmica em que as pessoas se sintam seguras, na medida em que estão familiarizadas com essa situação. A prática do amor no sentido de bell hooks envolve largar as amarras do controle e se mostrar vulnerável para o outro, o que pode se mostrar assustador.

Pelo menos quando se apegue a dinâmicas de poder, você nunca precisa temer o desconhecido; você conhece as regras do jogo. Seja lá o que aconteça, o resultado é previsível. Já a prática do amor não oferece um lugar de segurança. Nós nos arriscamos a perder, a nos magoarmos, a sentir dor. Nós nos arriscamos a ser afetados por forças além do nosso controle. (HOOKS, 2020, p. 185)

Partindo dessa perspectiva, abrir mão do controle consiste em uma abertura para uma vivência do amor livre de concepções distorcidas sobre poder e dominação. Relacionamentos não são espaços de disputa de poder, e sim de partilha e honestidade com os próprios sentimentos. Portanto, abrir-se para a vulnerabilidade é um passo importante para as mulheres se desvencilharem de noções colonizadoras sobre as vivências afetivas.

Retomando as discussões de nosso segundo eixo temático, “Rejeição”, acompanhamos as histórias de Karen e Laura: a primeira teima em não aceitar o rompimento; a segunda sofre a falta de reciprocidade num relacionamento que esbarrou nos limites do amor-amizade. Nos dois casos, as apresentadoras convidam as ouvintes a se autopreservarem, cada uma à sua maneira, diante do baque da rejeição. Destaca-se, portanto, o chamado ao autocuidado e

autorrespeito, a se colocar em primeiro lugar antes de lutar por uma relação. As apresentadoras enfatizam, portanto, que a rejeição faz parte da vida e, nesse caso, as pessoas devem aceitá-la e não se colocar em situações de autodegradação. Também se destaca no diálogo das apresentadoras a ideia de que as ouvintes também exerçam a escuta em relação às suas parcerias afetivas, de modo a respeitar o espaço e as decisões do próximo. Esse aspecto se destaca tanto no eixo “rejeição” quanto no primeiro eixo, “término de relacionamento”, em que ouvintes agem de maneira inconformada diante da negativa da pessoa amada, postura veementemente rechaçada pelas comunicadoras com a máxima “não é não”.

5.3 Eixo temático 3: Incompatibilidade de objetivos/interesses

5.3.1 A história de Joana

Tenho 23 anos e estou há 1 ano e 8 meses com um cara de 31 anos. E desde o início, nós nos damos muito bem. Quando nos conhecemos, a gente acordou que não iríamos e não queríamos apressar nada e só deixaríamos rolar. Com o tempo, porém, os sentimentos foram mudando, eu comecei como algo só pra deixar rolar, já que a gente tinha uma química muito boa, só que a gente foi ficando cada vez mais próximo e muito apaixonado. Eu, que nunca havia apresentado ficante pra família, fiz isso. E foi algo que combinamos juntos, não foi nada forçado. Ele foi quem, inclusive, sugeriu conhecer minha mãe. Ele passou a frequentar as festas da minha família, mas nunca ia na minha casa pra almoço de domingo, por exemplo. E nunca me convidou pra casa dele, pra ir, algo assim, na casa dele. Mas até então estava tudo de boa. Como a nossa relação estava cada vez melhor e sempre pareceu ser recíproco — ele diz que ainda é —, um dia perguntei se ele nunca iria me pedir em namoro, e ele disse que ia fazer isso antes mesmo que eu imaginasse. Só que isso foi com 8 meses juntos. Desde então — a gente já tem mais de 1 ano e 8 meses — não tocamos mais no assunto. Continuamos a nos ver e tendo contato com os amigos um do outro, mas nada da família dele. Com 1 ano e 5 meses de namoro juntos, isso já estava me incomodando demais, e isso ele já sabia. E eu já tinha dito outras vezes. Mas nunca numa conversa específica; eu só soltava que queria conhecer a família dele. Então eu chamei ele pra conversar, expliquei a situação; disse que queria algo sério, e que se ele não quisesse, tudo bem, afinal, ninguém é obrigado a ficar junto. Eu fui muito sincera com ele. E eu não quero que alguém não queira estar comigo. No momento, eu disse a ele que ele não precisava me responder naquela hora, mas que ele tirasse o tempo necessário pra pensar; só que não estipulei tempo. Ele disse que precisava de só uma semana, mesmo eu não estipulando tempo algum. No dia combinado a gente não conseguiu se ver, a situação ficou complicada porque choveu muito e a gente não conversou. Marcamos novamente 2 semanas, cobrei a ele sobre esse assunto, expliquei que a demora tava me deixando ansiosa, marcamos de novo, choveu de novo e a gente não se viu. Depois disso, nós tivemos em várias situações, tendo os cuidados, né, devido à pandemia, e na última semana, ele tava me ajudando com algumas mudanças, né — que eu tava mudando de casa — só que ele não tocou no assunto. E eu já queria que ele tocasse. Enfim, no último final de semana, depois que a gente ficou junto, eu perguntei pra ele através de uma mensagem: “você nunca vai me dar a resposta que eu te pedi há meses, né?”. E ele pediu desculpa, disse que sempre esquece, mas que quando estará do meu

lado, sempre na próxima vez, a gente vai conversar. Enfim, 1 ano e 8 meses juntos, com uma pessoa que eu me dou super bem, ele conhece quase toda a minha família, eu disse que queria oficializar esse namoro, ele disse que precisava de tempo, já se passaram alguns meses e até agora, nada. O que eu faço? (PODCAST AFETOS, 2021)

5.3.1.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor

O enquadramento da ouvinte

Joana define seu relacionamento como bom, uma relação em que gosta de estar, mas que não evolui para algo mais sério, por causa do parceiro. Sua vontade de oficializar o namoro já foi verbalizada várias vezes e a falta de resposta da pessoa amada sobre o assunto é a raiz de suas preocupações. Assim, apontamos que a configuração atual de sua relação é frustrante para ela, pois se encontra em um limbo entre o compromisso e a casualidade. A definição de sua relação é algo extremamente importante para ela, conforme se percebe em sua narrativa.

A ouvinte afirma que, no início da relação, as expectativas de ambos estavam alinhadas, sem pressa de avançar para algo sério. Contudo, segundo Joana, o combinado inicial entre o casal é alterado, já que, em suas palavras, “os sentimentos foram mudando”. Os sentimentos de quem foram mudando? A ouvinte não salienta essa informação, mas acrescenta que, apesar de a relação ter começado como algo “para deixar rolar”, “a gente foi ficando cada vez mais próximo e muito apaixonado” (PODCAST AFETOS, 2021). Dessa forma, Joana destaca que a mudança de rumo da relação foi algo recíproco, e não unilateral. Para corroborar essa afirmação, salienta que apresentou o ficante para a família, mas com um detalhe importante: foi o rapaz quem sugeriu conhecer sua mãe. Com essa informação, Joana reforça a afirmação de que os sentimentos evoluíram não só por parte dela e, portanto, os sentimentos de ambos convergem para a mesma direção.

A forma como Joana se refere à mudança na relação dá a entender que ela deseja acreditar que o ficante também mudou de ideia e quer algo mais sério, mesmo que suas atitudes demonstrem o contrário. A ouvinte se apega a pequenos momentos e detalhes que, de alguma forma, para ela, significariam a evolução do envolvimento da pessoa amada.

Em seu depoimento, Joana adota uma postura apaziguadora em relação a uma série de atitudes (e omissões) do ficante que provocam incômodo nela. Isso fica evidente quando afirma que, apesar de ter apresentado o ficante à sua família, ele nunca a levava em sua casa. O fato de

mencionar a apresentação à família nos faz inferir que a situação tem um significado importante para ela, como dar um passo a mais no relacionamento, mas “coloca panos quentes” frente à falta de reciprocidade da pessoa amada ao dizer que, apesar disso, “[...] estava tudo de boa” (PODCAST AFETOS, 2021). Esse posicionamento conciliador também se manifesta quando afirma que “[...] a nossa relação estava cada vez melhor e sempre pareceu ser recíproco — ele diz que ainda é [...]” (PODCAST AFETOS, 2021). A ênfase na fala do ficante nos parece uma tentativa de trazer um atestado de credibilidade para o que ela defende — que o sentido da relação é compartilhado entre eles. Joana parece querer reunir evidências para acreditar que ambos estão na mesma sintonia.

Quando Joana finalmente convida o rapaz para uma conversa, comunicando claramente que deseja ter um relacionamento sério, destaca que por duas vezes o diálogo foi desmarcado devido à ocorrência de chuvas. O destaque dado para a chuva nos faz inferir que o imprevisto é uma desculpa para o desencontro do casal, já que a conversa poderia ter se dado por outras formas. Mas Joana parece querer acreditar que a falta de comunicação clara do ficante não é “enrolação” ou falta de interesse em tocar no referido assunto, mas sim culpa do fenômeno natural.

Apesar de destacar a angústia provocada pelo companheiro que não lhe dá uma resposta definitiva, Joana adota um posicionamento condescendente com ele, reiterando em sua narrativa que ela e o companheiro têm um ótimo relacionamento. Ela adota um movimento duplo: ao mesmo tempo em que parece amenizar as atitudes do ficante, reconhece que é ele a causa de sua angústia. Esse posicionamento paradoxal revela, ao mesmo tempo, insatisfação e apego ao parceiro. Seu incômodo revela seu desejo por reciprocidade na prática e não apenas no âmbito do discurso. Há o desejo de objetivos em comum, para além das palavras do parceiro, que sinalizam que em algum momento o pedido de namoro chegaria.

Joana se posiciona como alguém que não sabe o que fazer frente à falta de compromisso do ficante com a relação de ambos. Ela se coloca como uma mulher que quer um relacionamento sério, mas que está à mercê da ação do ficante para que seu desejo se realize. Assim, evoca a noção de estar de “mãos atadas”, dependente da atitude alheia para se realizar completamente.

A ouvinte posiciona o ficante como alguém que a trata bem, mas que não se posiciona de forma assertiva sobre um assunto extremamente caro a ela, mostrando pouca consideração com seus sentimentos. Mas essa falta de posicionamento não é atribuída diretamente a ele na história — ele se esquece, imprevistos impedem o diálogo, ele não toca no assunto. O fato de a ouvinte fornecer uma justificativa para as falhas da pessoa amada indica sua dificuldade de lidar

com as várias evidências de que o ficante não nutre as mesmas expectativas que ela para o relacionamento.

Diante desse cenário, Joana busca o aconselhamento das apresentadoras, posicionando-as como pessoas que podem ajudá-la a compreender a melhor atitude a ser tomada.

O reenquadramento das apresentadoras

Assim que Karina termina de ler a história, Déia já demonstra seu desconcerto com a situação narrada. Em primeiro lugar, rechaça veementemente a justificativa das chuvas, dada para explicar a razão dos encontros desmarcados entre o casal. A forma como Déia se refere ao episódio arranca risadas de Gabi e Karina, o que indica, do ponto de vista das apresentadoras, o caráter risível da justificativa das chuvas. A convidada diz: “Escuta, não tem internet, precisava ser pessoalmente, vocês são de açúcar? [...] Gente, se choveu a gente não conversou? Oh, falando isso já não faz sentido.” (PODCAST AFETOS, 2021). Assim, Déia enquadra a situação descrita como *incabível*, *inaceitável*, uma *desculpa esfarrapada* para a falta de diálogo do casal.

Déia também critica o fato de Joana deixar o destino de seu relacionamento nas mãos do ficante, já que aguarda a resposta deste sobre a possibilidade de serem namorados e, enquanto isso, vive angustiada. A falta de ação da ouvinte é evidenciada, e, assim, Déia enquadra Joana como *dependente da ação do homem e sem iniciativa* para tomar as próprias decisões.

Déia: Ela conversa com esse cara, ela deixa que ele resolva se o relacionamento vai continuar ou não, mesmo ela sabendo que não tá legal pra ela, é uma coisa muito importante pra ela, ela pergunta pro cara, o cara fala “puts, esqueci”? Não é tipo assim “ah, eu pedi pro cê comprar pão, cê não trouxe o pão”. Esse esquecer de comprar pão, ok. Esquecer se você vai dar um passo adiante no relacionamento é outra coisa, né? (PODCAST AFETOS, 2021)

A fala da apresentadora enfatiza que a conversa sobre os rumos da relação não pode ser tratada pelo parceiro como algo banal, tal como esquecer de comprar pão. Assim, Déia define a atitude do rapaz como negligente, que falta com a devida consideração para com Joana. Nessa interpretação, a ouvinte não está sendo tratada com o respeito e seriedade que merece.

Déia também afirma não entender o porquê de Joana permanecer com o rapaz, uma vez que ela já viu que seus objetivos não são os mesmos. Com isso, a apresentadora coloca a atitude de Joana em foco, chamando-a para a sua parcela de responsabilidade na relação.

Durante diversos momentos do diálogo das apresentadoras, a questão de Joana não ser apresentada para a família do ficante é questionada, demonstrando indignação e desconfiança com os possíveis motivos por trás disso. Déia introduz a problemática: “Amiga, já checkou rede social? Porque se esse cara não te apresenta à família, não apresenta ninguém, será que ele não tem uma outra família?” (PODCAST AFETOS, 2021). Assim, o enquadramento acionado é o de que a configuração atual do relacionamento pode ser um *terreno fértil para mentiras e traição*.

Mas faz um adendo: “Pode ser também que não tenha nada, que ele só não goste de você a ponto de assumir um relacionamento sério. E tá tudo bem, também, só que tá tudo bem pra você? Não tá. [...] então, amiga, vamo mexer isso daí, senão daqui a pouco vai tá no meu *Picolé de Limão*” (PODCAST AFETOS, 2021). A ouvinte, mais uma vez, é convidada a refletir se está satisfeita em seu relacionamento nos moldes atuais, além de ser convocada a agir para que seu relacionamento não tome rumos ainda mais indesejados. O apelo para que Joana se mobilize indica que ela, no momento, está *passiva*.

Gabi Oliveira faz um comentário sobre os encontros desmarcados devido às chuvas: “Olha, a questão da chuva eu vi como você tentando criar uma justificativa pra isso não ter acontecido, entende?” (PODCAST AFETOS, 2021). No enquadramento de Gabi, Joana cria desculpas, subterfúgios e mecanismos de defesa contra a verdade: talvez os interesses do rapaz sejam incompatíveis com o dela. Assim, Gabi posiciona Joana como alguém com *medo da perda*, de ter suas expectativas frustradas. Essa reflexão é mais aprofundada em sua fala seguinte: “Porque, às vezes, o que acontece é que a gente fica criando narrativas pra se proteger de uma possível rejeição, assim, ou de uma possível... de um possível “não”! Ele não quer namorar com você, muito provavelmente. Se ele quisesse, ele já tinha te pedido” (PODCAST AFETOS, 2021).

Gabi também destaca que, em determinadas situações relatadas, Joana não expressou seus sentimentos para o ficante, ressaltando a importância da comunicação para os relacionamentos. A comunicadora dá um testemunho pessoal sobre o assunto, dizendo que algum tempo atrás estava conhecendo um rapaz e expressou a sua vontade de namorar, mas recebeu uma resposta negativa. E destaca que se abrir sobre seus sentimentos é um movimento de muita vulnerabilidade, pois, ao deixar claro o que quer, você pode receber um “não” e precisa lidar com a frustração: “Eu vou continuar conversando? Eu vou querer esperar? Até quando eu vou querer esperar? Entende? Aí a gente precisa trazer a responsabilidade pra gente. Até quando isso vai ser confortável pra mim? Não tá sendo mais confortável, quem tem que me retirar sou eu!” (PODCAST AFETOS, 2021). Assim, Gabi aponta a importância da

autorresponsabilização, evidenciando que a felicidade de Joana não deve depender da decisão do ficante, e sim de suas próprias escolhas.

Déia acrescenta que, geralmente, quem aceita prosseguir um relacionamento mesmo insatisfeita(o) espera uma recompensa ao final, isto é, obter o que deseja do(a) parceiro(a). Em diálogo com essa ideia, as apresentadoras criticam a permanência em um relacionamento que não é ideal na espera de que a outra pessoa, com o tempo, recompense seu “sacrifício”.

O amor compreendido como espera e superação de adversidades para a conquista de um final feliz, tal como destacado pelas comunicadoras, é uma representação fortemente assentada em um imaginário simbólico do amor romântico, segundo o qual o amor envolve sacrifícios para a conquista da recompensa final — a pessoa amada. Conforme Giddens (1993), o amor romântico se projeta em dois sentidos: “apoia-se no outro e idealiza o outro, e projeta um curso do desenvolvimento futuro.” (GIDDENS, 1993, p. 56). A partir dessas idealizações projetivas de um porvir, a perspectiva romântica associa a busca pela pessoa amada a “[...] uma odisseia em que a auto-identidade espera a sua validação a partir da descoberta do outro.” (GIDDENS, 1993, p. 57). Em consonância com essa perspectiva, o autor destaca o lugar da figura feminina no romance moderno, que dialoga fortemente com o enquadramento dado pelas apresentadoras a Joana:

“[...] a heroína encontra e entenece o coração de um homem que inicialmente mostra-se indiferente e distante dela, ou ainda abertamente hostil. A heroína então ativamente produz amor. O seu amor faz com que ela seja amada, dissolve a indiferença do outro e substitui o antagonismo por devoção.” (GIDDENS, 1993, p. 57)

A partir dessa perspectiva, Gabi e Déia posicionam Joana como alguém que cria *expectativas* em relação à pessoa amada, aguardando um final feliz que chegará após tantas frustrações. Mas nada indica que a pessoa amada mudará de ideia — essas idealizações, portanto, são lidas como ilusórias.

Karina afirma que, em sua concepção, o relacionamento não está caminhando de uma maneira confortável para Joana, já que o ato de pressionar o ficante mostra que a relação não está se desenrolando como ela quer de maneira natural. Diante desse cenário, sugere que ela se posicione e vire *protagonista de sua própria história*, o que a levaria a obter a resposta que ela precisa — resposta essa que a ouvinte provavelmente já sabe, mas que precisa ouvir do ficante para fechar esse ciclo de angústias. Déia Freitas, por sua vez, argumenta que as ações do homem já demonstraram que ele não deseja um relacionamento sério com Joana. Assim, aponta que a ouvinte tem uma escolha a fazer, já que diz estar em um relacionamento que gosta:

Déia: Então tem dois caminhos: ou ela aceita que o formato de relacionamento deles é esse, e que talvez caminhe pra outra coisa, talvez não — isso não significa que o relacionamento não deu certo. Porque o problema do amor da vida é esse, você pode ter dez amores da vida durante a vida. Não significa que o relacionamento deu errado porque não terminou, as coisas acabam. As coisas acabam. Então de repente ela fica com esse cara mais um tempo, e tá tudo certo, e aí ela percebe realmente que o que ela quer é dar um próximo passo, namorar sério, ficar noiva, casar, ter filho. E de repente o cara não quer. Então aí seus caminhos foram pra lados diferentes, cê vai procurar um outro cara que queira a mesma coisa que você quer, isso é fato, né? (PODCAST AFETOS, 2021)

Ao ressaltar as duas opções disponíveis para Joana, Déia aponta que términos não significam, necessariamente, que o relacionamento não deu certo, mas sim que *ciclos terminam*. Com isso, rejeita a ideia de um amor único e eterno e defende que pode-se amar pessoas diferentes ao longo da vida. Essa perspectiva vai contra a visão romântica do amor eterno, ou “amor da vida”, termo utilizado pela apresentadora. Assim, o amor é definido como fluido e cíclico, com começos e fins — e o fim não é entendido como sinônimo de fracasso.

Em diálogo com essa perspectiva, Paula Simões (2004), ao investigar as representações do amor em telenovelas brasileiras, aponta que a análise da interlocução entre as telenovelas e a audiência revelou a predominância de um discurso do amor romântico, caracterizado pela idealização e pela ideia de um parceiro duradouro e de dedicação recíproca. Mas ainda observou-se que também emergem traços do amor confluyente conceituado por Giddens, segundo o qual “o fracasso de um romance não significa o fim da vida amorosa de um sujeito, a busca por amor e felicidade pode prosseguir, e as pessoas podem realizar escolhas e vivenciar muitos relacionamentos durante o tempo em que desejarem” (SIMÕES, 2004, p. 208). A retomada de diferentes concepções sobre a temática mostra que o amor não possui um sentido fixo, mas acompanha as mudanças sociais e culturais. Desse modo, a apresentadora mostra um contraponto à concepção idealizada da ouvinte, convidando-a a reenquadrar um possível fim do relacionamento por outras lentes — não a do fracasso, mas a do encerramento natural de ciclos.

Já nos minutos finais da conversa, Gabi Oliveira propõe uma reflexão final, salientando que o caso da ouvinte representa a situação de muitas outras mulheres: a dinâmica de se manter em um relacionamento em que a insatisfação se sobressai à felicidade. Ao evidenciar a importância, para mulheres, de avaliarem se estão sendo de fato contempladas pela relação afetivo-sexual estabelecida, o enquadramento de Gabi ressalta a importância das mulheres se colocarem como prioridade e prezarem pelo seu bem-estar, de modo a não serem dependentes de uma relação amorosa.

Gabi: Essa história, ela reflete muitas outras histórias, assim, que a gente vê se reproduzindo, reproduzindo, reproduzindo por aí, assim. Se a gente pensar em mulheres negras, ainda mais, porque eu não acho que... Nenhum relacionamento é um paraíso. Entende? Se relacionar é difícil, é complexo e tal. É... Ajustar, né, duas pessoas diferentes. Mas ao mesmo tempo, **se você sente mais desconforto do que tranquilidade, será que não é hora de você se retirar?** Assim, a gente tá falando pra pessoa que mandou a mensagem, mas pra outras pessoas também. É... que se identificam com essa história. Talvez você não esteja bem nesse relacionamento e tá tudo bem seguir pra outro e buscar outros amores, ou não buscar ninguém. E tá tudo certo. (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso)

Em suma, as apresentadoras cobram de Joana o posicionamento de uma mulher forte, que se autovaloriza, enquanto a ouvinte se posiciona como uma mulher fraca, que não quer aceitar as evidências e então pede ajuda. A resposta recebida é que ela mesma deve se ajudar. Também percebe-se que o tom utilizado pelas apresentadoras é duro com a ouvinte, o que pode ser entendido como incompatível com seu momento de angústia e medo da perda.

Confrontando os enquadramentos

Os sentidos acionados pela ouvinte são bastante distintos daqueles produzidos por Gabi, Karina e Déia para definir o seu problema amoroso. Enquanto Joana adota uma postura conciliadora em relação às negligências do parceiro, as apresentadoras identificam condescendência em seu posicionamento e rechaçam sua dependência da resposta do rapaz. Portanto, cobram uma atitude mais assertiva da ouvinte, que deve decidir de forma autônoma se permanece ou não no relacionamento com os moldes atuais.

Para as apresentadoras, as ações do rapaz já indicam claramente que ele não nutre as mesmas expectativas que Joana quanto ao modelo de relacionamento que devem seguir. Portanto, isso já é motivo para a ouvinte decidir se quer ou não ir à procura de um relacionamento que contemple seus objetivos.

O tom de crítica e de descontração imprimidas no posicionamento das apresentadoras contrasta com a seriedade com que Joana descreve o seu dilema amoroso, o que pode ser entendido como insensibilidade à situação da ouvinte. Desse modo, dois enquadramentos são confrontados: o enquadramento das apresentadoras, em determinados momentos, define a situação como algo que beira o absurdo, o ridículo, enquanto a ouvinte interpreta a falta de diálogo do casal como erros de percurso, mudanças de planos devido a imprevistos.

Portanto, dois quadros de sentido distintos sobre o amor emergem na análise: passividade/atitude, expectativa/realidade, omissão/comunicação, indiretas/assertividade, dependência/independência.

5.3.1.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais

A categoria gênero permeia de maneira mais evidente o discurso das apresentadoras sobre o problema de Joana. Ao questionarem o porquê de Joana deixar o futuro do relacionamento nas mãos do homem, as apresentadoras criticam a sua falta de posicionamento e enfatizam que a ouvinte deve deslocar a centralidade do relacionamento do homem para si mesma. Assim, o enquadramento dado pelas apresentadoras rompe com a visão patriarcal de submissão das mulheres aos homens nas relações afetivo-sexuais.

Esses sentidos são reforçados também quando a conversa destaca como o medo da rejeição pode levar mulheres a se contentar com relacionamentos infelizes, de modo a evitar o sofrimento. A espera do final feliz de *Sessão da Tarde*, com a expectativa de mudança do parceiro e a recompensa pelo sacrifício de permanecer em uma relação cheia de percalços, figura nesse imaginário em que mulheres depositam nos homens a função de prover a felicidade que procuram, como se estar em um relacionamento fosse garantia de felicidade.

A intersecção de gênero e raça é acionada na conversa sobre Joana quando Déia se refere ao desejo da ouvinte de ser assumida. A apresentadora salienta que, para mulheres negras, existem barreiras racistas que dificultam o estabelecimento de relações “oficiais”, de vínculos publicamente expostos, evidenciando que a experiência de ser assumida não é a mesma para todas as mulheres. Mas também ressalta que é necessário que as mulheres negras não aceitem menos do que julgam merecer nos relacionamentos afetivo-sexuais.

Déia: Porque muita gente fala assim: “poxa, ninguém quer namorar comigo”. Porque tem isso também, né? A gente sabe aí, principalmente pra gente, que é mais difícil. É mais difícil. Né? Namorar, né? Alguém assumir uma mulher negra. É mais difícil. Não é igual. Não adianta as pessoas falarem que é, porque não é. Tenho minha mãe, tenho minhas tias, eu mesma. A gente sabe às vezes o lugar que nós somos colocadas, né? Então aí é uma questão também de falar “poxa, aí também pra mim não dá! Ficar aí eu não quero.” (PODCAST AFETOS, 2021)

Devido ao entrecruzamento do racismo e do sexismo, mulheres negras são historicamente associadas à servidão e ao erotismo, indo contra o imaginário da “mulher para

casar” direcionado à mulher branca (PACHECO, 2008; PEREIRA, 2019). Conforme apontam as contribuições de intelectuais negras sobre a vivência amorosa das mulheres negras, há um universo simbólico racista e sexista que atrela a mulher negra à sexualidade exacerbada, direcionando a esta um olhar de hiperssexualização, e não de afeto. A mulher negra, segundo Lélia González (2020), quando revestida da figura da mulata, é admirada e consumida como um produto de exportação que satisfaz as fantasias de uma elite branca e masculina. Enquanto essa mulher é associada ao sexo e relegada à exploração econômico-sexual, à mulher branca é destinado o sentido da pureza e do compromisso — essas são as mulheres dignas de serem assumidas.

Esse cenário de privação de afeto, como salientado por Déia, pode configurar um dificultador para que mulheres negras consigam se retirar de situações de assujeitamento, levando-as ao conformismo com relações afetivo-sexuais degradantes por não se verem com outras possibilidades de relacionamento. A fala de Déia e a fala final de Gabi convergem ao convocar as mulheres negras a não aceitarem menos do que merecem nas relações amorosas. Ao chamar as mulheres negras para agir contra relações degradantes, as apresentadoras as convidam a romper com ciclos violentos que as mantêm em lugares limitantes.

Em outro momento da conversa, também destacamos um atravessamento interseccional de regionalidade na fala de Déia, quando esta destaca, mais uma vez, que Joana deve conhecer a família do rapaz, aventando a possibilidade de ela estar sendo enganada.

Déia: Pode ter tudo por trás, ou pode não ter nada, o cara simplesmente não quer te apresentar pra família. Aí a gente cai também em outros pontos: por que que ele não quer te apresentar pra família? Ele tem vergonha de você? A família dele... Que que tem a família dele? Isso aí da família cê precisa resolver, ficando com ele sem namorar sério ou não, entendeu? Precisa resolver a coisa da família, não é ok não apresentar [palavra não identificada] a não ser que a família dele, sei lá, morasse em Ji-Paraná. Mesmo assim, você faz um *Skype*, faz...sabe? Um *Facetime* com a família. (PODCAST AFETOS, 2021)

A cidade de Ji-Paraná, utilizada como exemplo por Déia, fica localizada no estado de Rondônia, na região Norte do Brasil. O exemplo dado para a localização (um lugar distante, que torna inviável uma aproximação) destaca uma especificidade do município rondoniense que justificaria, em partes, o fato de Joana não ser apresentada à família do ficante. Notamos que a fala estabelece como referência a região Sudeste, onde as apresentadoras se localizam — Déia é paulista, enquanto Gabi e Karina são do estado do Rio de Janeiro. A ideia do Sul-Sudeste como neutro e do Norte como específico está relacionada com uma diferenciação centro/periferia, nação/região, universal/particular, que considera outras regiões do país sempre

em relação à centralidade do eixo Sul-Sudeste e, portanto, estabelece uma hierarquia de poderes, saberes, lugares. É o que ilustra, por exemplo, a pesquisa de Cavalcanti (2021), que identificou a presença de marcas de regionalidade em um podcast nordestino, enquanto o *Afetos* foi identificado como neutro, como se o Sudeste não fosse dotado de particularidades por ser o “normal”, e não o desviante.

A esse respeito, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2008) argumenta que a noção de região é convencionalmente compreendida “como um dado prévio, como um recorte espacial naturalizado, a-histórico, como um referente identitário que existiria per si [...]” (ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 55), quando, de fato, consiste em uma construção imbuída de atravessamentos políticos. Nesse sentido, “As regiões nascem das práticas de significação e de ordenamento do mundo feito pelos homens. Operações de significação que trazem imanente à sua realização estratégias de poder, de domínio, de controle, de separação, de inclusão e exclusão.” (ALBUQUERQUE JR., 2008, p. 62). Portanto, nota-se a influência da localização geográfica como eixo interseccional que atravessa o enquadramento de Déia, o qual é dotado de um viés que marca o lugar do *podcast* como produto inserido no contexto sudestino.

5.3.2 A história de Patrícia

Oi, meninas, tudo bem? Eu preciso muito de uma opinião de fora. Queria saber o que vocês acham sobre a minha situação. Queria ficar anônima, tudo bem? Eu namoro há dois anos e amo muito o meu parceiro. Ele é um cara muito compreensivo, companheiro e carinhoso. Ele me apoia em absolutamente tudo. Mas, quando é sobre ele mesmo, a coisa muda. Desde que nos conhecemos, vejo que, quando qualquer coisa sai fora do previsto, ou quando surgem novas oportunidades, ele resiste, se irrita, e diz que é velho demais, que mora longe demais, que não tem o que é exigido, que se tal coisa tivesse acontecido tudo seria diferente. Com isso, ele acaba sempre se contentando com as coisas do jeito que estão, embora esteja insatisfeito com elas. Isso no trabalho, nos estudos, na vida familiar, enfim. Isso me angustia muito, porque não sei o que fazer. Parece que ele vê um problema ou uma dificuldade em tudo que acontece, e essa negatividade acaba me consumindo, também. Acontece de, às vezes, eu me sentir desconfortável de compartilhar boas situações da minha vida, porque sei que ele vai puxar o tema pra dentro da própria realidade e elencar os motivos pelos quais aquilo não daria certo pra ele. Ou no outro extremo, simplesmente se calar. Sempre que tento falar sobre isso, ele se esquiva, fica muito mal, ou age como se eu não estivesse sendo compreensiva. Então me sinto culpada e deixo pra lá. Realmente gosto dele, nos damos muito bem e temos vários planos para o futuro. Só queria que ele visse o potencial enorme que tem para assumir a responsabilidade das coisas que acontecem na própria vida. Eu já sugeri terapia, sei o quanto isso me ajudou a perder um pouco da minha insegurança, também. Mas ele resiste em procurar ajuda. Sinto que meio que concordei e assinei os termos quando comecei a namorar com ele sabendo que ele era assim, e que agora ele tem em mim uma figura que é toda ouvidos. Mas isso tem me deixado cada vez mais aflita e de mãos atadas. Afetos, me ajuda! Eu tô errada? O que eu faço? (PODCAST AFETOS, 2021)

5.3.2.1 Primeiro eixo: os quadros de referência sobre o amor

O enquadramento da ouvinte

Patrícia ama o namorado e deseja manter o relacionamento, mas define a sua situação amorosa como fonte de angústia e aflição, pois a postura negativa e inerte da pessoa amada afeta o seu bem-estar no relacionamento. O problema se encontra no fato de ela se sentir “arrastada” pelo namorado para o estado de negatividade adotado por ele em sua própria vida. O relato deixa claro que há um forte contraste entre a postura dos dois envolvidos na relação: enquanto o homem é mergulhado em pessimismo e falta de iniciativa, a ouvinte se mostra contrária a essa postura e preocupada em mudar a inércia do parceiro.

Apesar do incômodo de Patrícia com o comodismo do namorado, este último é posicionado como alguém que se contenta com essa situação; portanto, a ouvinte “toma as dores” do namorado, mostrando-se mais preocupada do que ele. É como se, além de viver a própria vida e correr atrás dos próprios objetivos, ela estivesse também vivendo, em partes, a vida do namorado. O enquadramento indica que, para além de ser “contaminada” pelas queixas da pessoa amada, as características do namorado impedem Patrícia de sentir admiração por ele, o que constitui uma das razões pelas quais ela deseja tanto que ele mude.

Destacamos que a ouvinte faz um certo juízo de valor sobre a postura do namorado, evidenciando um desequilíbrio entre ambos: uma pessoa ambiciosa que se vê desestimulada por um parceiro que não compartilha de sua vontade de avançar na vida. Apesar de Patrícia enumerar diversas qualidades de seu parceiro, seu comodismo e pessimismo tomam proporções que acabam predominando sobre os aspectos positivos.

Assim, se destaca um desejo por uma relação com afinidades na busca por evolução pessoal. Aos olhos de Patrícia, o namorado se mostra sem um propósito maior, o que prejudica a sua percepção sobre ele. Esse aspecto se relaciona com a dimensão espiritual das relações apontada por Somé (2007), que diz respeito a uma união que proporciona aos envolvidos a possibilidade de crescimento conjunto e, conseqüentemente, de realização de seu propósito de vida. A presença do espírito remete a uma força-vital que movimenta os sujeitos em direção a algo maior e, nos relacionamentos, incita nos envolvidos o cultivo do próprio crescimento e do

crescimento da pessoa amada ao mesmo tempo. Patrícia identifica a falta deste “combustível” no namorado.

A afirmação de que seu parceiro a apoia incondicionalmente entra em conflito com o fato de que Patrícia se sente desconfortável em compartilhar suas próprias conquistas, pois se sente ofuscada pelas comparações autodepreciativas do parceiro. Neste enquadre, a ouvinte se mostra entranhada em um relacionamento que a leva ao “encolhimento”, já que a negatividade do namorado leva-a a se sentir mal por obter êxito em suas iniciativas pessoais, como se o sucesso desta lembrasse aquele de seu próprio fracasso. Uma relação unilateral em que uma parte é encorajada e ouvida, enquanto a outra é silenciada, desencorajada e constrangida.

Se a ouvinte não se sente confortável em partilhar suas conquistas, as necessidades emocionais de Patrícia são negligenciadas, de modo que suas energias são canalizadas integralmente para o namorado — fazê-lo se sentir bem, incentivá-lo, ser compreensiva. Isso mostra que o relacionamento acaba sendo uma dinâmica que centraliza o namorado e marginaliza Patrícia, que não tem espaço para ser a parte apoiada da relação.

No final do relato, ao dizer que “assinou os termos” ao aceitar se relacionar, Patrícia indica que não se acha no direito de se sentir aflita e sobrecarregada pelas demandas do namorado. Enquanto se mostra o porto seguro incondicional do parceiro, seus próprios incômodos são engolidos devido a um ciclo vicioso alimentado pelo casal. Assim, a ouvinte se anula para ser compreensiva com o parceiro, em uma lógica que a leva a se sentir encurralada em uma relação sufocante.

O namorado figura na história como uma pessoa acomodada e dependente emocionalmente de Patrícia, demonstrando problemas de baixa autoestima. Na medida em que gera culpa na ouvinte sempre que ela tenta expressar seu desconforto com essa dinâmica, também demonstra falta de empatia e de reciprocidade para com ela.

Ao dizer que o namorado é ótimo com ela, mas que com ele mesmo a coisa muda, Patrícia parece se referir ao parceiro como duas pessoas diferentes. Entretanto, o depoimento evidencia que a autodepreciação e o vitimismo do namorado “contaminam” Patrícia e, conseqüentemente, a relação. Nesse sentido, a ouvinte parece apresentar resistência em admitir que a postura do namorado está inviabilizando um relacionamento satisfatório para ambos, pois, de forma concreta, não há uma divisão entre o namorado perfeito e o namorado que deixa a desejar: uma vez que o relacionamento consiste em uma dinâmica relacional, a negatividade dele não se restringe a ele mesmo.

Um ponto interessante a ser destacado é que a maior parte do relato de Patrícia tem como foco o namorado — o que ele faz ou deixa de fazer, suas inseguranças, sua negatividade,

etc. Até mesmo ao manifestar sua angústia nessa relação, é o namorado que assume o protagonismo em suas palavras: “Só queria que ele visse o potencial enorme que tem para assumir a responsabilidade das coisas que acontecem na própria vida” (PODCAST AFETOS, 2021). Mais uma vez, fica evidente que não é apenas a negatividade que absorve do namorado o problema para Patrícia, mas, em grande medida, o grande incômodo que ela sente por sua personalidade “parada”. Seu amor pelo parceiro e o desejo de fazer planos em conjunto para o futuro entram em conflito com a forte discrepância com que ambos administram suas vidas.

Patrícia posiciona as apresentadoras como uma opinião externa que pode ajudá-la a descobrir o que fazer frente a essa situação de extrema aflição.

O reenquadramento das apresentadoras

Déia inicia a conversa contando que viveu a mesma situação que Patrícia em seu último relacionamento sério, e que terminou pelos mesmos motivos elencados pela ouvinte. A apresentadora era a maior motivadora do namorado, que era extremamente inseguro com suas questões de trabalho. Foram anos nessa situação, até que Déia se deu conta do ciclo vicioso que estava vivenciando: “Chegou uma hora que eu percebi que eu era, praticamente, a mãe dele, a terapeuta dele, a *coach* motivacional dele. [...] quando eu não fazia esse papel, ele achava ruim, parecia que eu não tava dando apoio pra ele, sendo que quem tem que cuidar das coisas do trampo dele é ele!” (PODCAST AFETOS, 2021). A partir de seu exemplo pessoal, Déia salienta que essa multifuncionalidade não é o papel de uma namorada.

Déia: Se o cara não quer arranjar um emprego melhor, se ele acha que ele mora longe... é problema dele, não é problema seu. Não é problema seu. Vai ser problema seu se vocês forem casar e aí o... sei lá, a grana não vai dar. Então não casa. Já digo aqui já antes. Não case. Agora, se, ah, se ele vai procurar um emprego melhor, se ele vai fazer isso, se ele tem que voltar a estudar, e ele não quer, porque ele acha que ele não vai conseguir, não é um problema seu. É um problema dele. (PODCAST AFETOS, 2021).

O enquadre de Déia conflita com a fala de Patrícia, que relata fazer planos para o futuro com o namorado. Como planejar os próximos passos no relacionamento se o namorado não se responsabiliza pela própria vida? A apresentadora evidencia que a postura inerte do namorado compromete uma trajetória longa como casal, e que seria um erro Patrícia pensar em um relacionamento a longo prazo nessas condições. Assim, o enquadramento convocado enfatiza

que a manutenção da *individualidade* e da *autorresponsabilização* são elementos essenciais na construção de uma relação saudável e duradoura, deixando subentendido que o relacionamento não tem futuro se permanecer nas condições narradas por Patrícia.

Ainda em diálogo com essa perspectiva, Déia salienta que o namorado de Patrícia precisa de terapia. E acrescenta: “Meu ex-namorado não queria fazer, achava que não precisava. Por que que ele achava que não precisava? Porque eu era a terapeuta dele, né? Então é lógico que não precisava” (PODCAST AFETOS, 2021). A fala da apresentadora destaca que pessoas que ingressam em um relacionamento precisam estar bem individualmente para construir relações saudáveis, de modo a não depositarem no par romântico a responsabilidade de resolver suas inseguranças.

Encerrando sua primeira fala, Déia afirma que é possível que Patrícia e o namorado interrompam a dinâmica de dependência até então estabelecida e continuem o relacionamento, mas alerta: “[...] se prepara pra ele te culpar das coisas, assim. Porque você... a hora que você mudar, que você deixar de ter esse lugar de escuta total dele, ele vai sentir. Mas não tem outro caminho. Cê tem que cortar aí esse mal pela raiz [...]” (PODCAST AFETOS, 2021). Por mais que Déia veja a possibilidade de continuidade da relação, adota uma postura mais pessimista e cautelosa, salientando que a dependência do namorado não acabará da noite para o dia.

Karina discorre sobre a dificuldade de se quebrar o ciclo de comodismo do namorado e sobrecarga de Patrícia:

Karina: Quando a Gabi tava lendo o e-mail e você veio falando logo em seguida, **eu fiquei pensando na dinâmica das relações, como elas se estabelecem e como é difícil sair de uma dinâmica sem ser a pessoa chata**, assim. Quando ela fala que ele não quer procurar terapia, que ele resiste em procurar ajuda, eu fiquei pensando sobre como ele coloca, aparentemente, né, de acordo com o relato que ela traz, como ele coloca sobre ela a responsabilidade, mesmo que inconsciente, de ajudar ele a passar por tudo isso. (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso)

A fala destaca que quebrar com a lógica de dependência do namorado envolve um desconforto, pois significa romper com a dinâmica que predominou na relação até o momento. É o que Patrícia indica ao relatar que “assinou os termos” ao entrar nesse namoro já sabendo da personalidade do homem, como se se sentisse cerceada de expressar sua aflição diante da dinâmica criada entre eles. Sinalizar os pontos problemáticos vem acompanhado do receio de ser a pessoa “chata”, que interrompe a suposta estabilidade do relacionamento construída até então. Há o medo de perturbar a outra pessoa e abalar a relação. Nesse sentido, a fala de Karina evidencia que a falta de comunicação clara “criou um monstro”, gerando em Patrícia a sensação de estar de mãos atadas frente a essa situação.

Esse enquadramento dá ênfase à falta do fazer político do amor destacado por Nogueira (2020), isto é, o processo de negociação constante e (re)formulação de pactos de modo a beneficiar ambos os envolvidos na relação. A postura irredutível do namorado diante de uma necessidade de diálogo, assim como o medo da “ouvinte” em ser chata, impede ambos de explicitarem suas necessidades pessoais, mantendo o tensionamento de seus interesses.

Dando continuidade às suas reflexões, Karina questiona se a motivação provida por Patrícia é recíproca: “Eu só fico me perguntando se essa situação fosse ao contrário, [...] se essa relação ainda estaria de pé. Se quando você, e isso você não deixou claro aqui pra gente, se quando você é a pessoa que precisa de motivação e de estímulo, existe essa colaboração do seu parceiro” (PODCAST AFETOS, 2021). Déia intervém lembrando que, segundo o relato, o apoio do namorado traz muita culpa para Patrícia, já que sempre vem acompanhado de um “Ah, se fosse comigo eu não ia conseguir” (PODCAST AFETOS, 2021). E complementa com sua opinião: “Então, pô, o cara é uma âncora, o cara te leva lá pro fundo do mar, entendeu? Então cê deixa de falar, realmente.” (PODCAST AFETOS, 2021).

Assim, as apresentadoras salientam o caráter *unilateral* do namoro de Patrícia. A metáfora da âncora dá a ver que o namorado é um *atraso de vida* para a ouvinte, ao contrário do que um parceiro positivo deve ser: incentivador, que vibra diante das conquistas da parceira. Ao invés de impulsioná-la, faz Patrícia afundar, ficar para baixo, não se mover para lugar algum. Essa metáfora, inclusive, está presente na descrição do episódio nas plataformas digitais da seguinte forma: ““Eu sou mola e meu namorado é âncora, como fazer dar certo?”” (PODCAST AFETOS, 2021). Nota-se, portanto, que a opinião das comunicadoras revela que o parceiro de Patrícia não apenas é imóvel, mas também imobiliza a namorada.

Gabi destaca que é importante que Patrícia *comunique de forma clara* ao namorado que se sente sobrecarregada e que ele deve procurar ajuda psicológica, deixando explícito que a continuação do relacionamento dependerá desta mudança. E acrescenta: “Você disse que ele é muito legal e outras coisas. Se você tá numa relação onde você tem medo de falar uma coisa com a outra pessoa, isso já é problemático!”. (PODCAST AFETOS, 2021). Assim, o enquadramento de Gabi conflita com a dinâmica de omissão alimentada por Patrícia, além de problematizar a postura fechada do namorado, que repele as tentativas de diálogo honesto da namorada.

Karina salienta a importância do diálogo para que Patrícia saiba os rumos da sua relação.

Karina: Tem uma frase que a Gabi falou uma vez num episódio que a gente gravou do *Afetos*, e que ela sempre reverbera na minha cabeça, que é: tem conversas que são o início do fim. E aí, por mais difícil que isso seja, essa conversa, que eu acho que é o melhor caminho pro seu caso, vai te dar uma certeza de qual caminho seguir, sabe?

Se vai conversar e vai resolver essa situação, e ele vai se mostrar aberto pra uma possível mudança, e pra deixar essa negatividade... fazer com que essa negatividade não seja tão imperativa no relacionamento de vocês a ponto de tá causando desgastes, ou realmente você vai ver que “Ok, eu dei o meu máximo, eu ajudei ele no que eu podia, mas isso tá cobrando um preço que eu não tô disposta a pagar”. (PODCAST AFETOS, 2021)

A fala de Karina, portanto, salienta que Patrícia deve ter *coragem* para estabelecer um diálogo franco com o namorado e lidar com as possíveis consequências para a sua relação – podendo ser, inclusive, o início do fim. Nesse sentido, o enquadramento da apresentadora se assemelha àquele dado à história de Laura, que também foi incentivada a ver como um ato de coragem e vulnerabilidade necessária a exposição de seus sentimentos.

Ao final da conversa das apresentadoras, Déia afirma: “Nem sempre o amor vence. Essa é a verdade, gente” (PODCAST AFETOS, 2021). A fala sinaliza que a compatibilidade de interesses e visões de mundo impacta de forma concreta o relacionamento, mesmo que haja sentimento envolvido. Também enfatiza que o sentimento não é suficiente para sustentar um relacionamento, sinalizando que o apreço pela pessoa amada deve ser traduzido em ações. Em diálogo com essa perspectiva, bell hooks (2020), ao defender a ideia do amor como ação, e não como uma emoção, destaca que esta compreensão é também uma forma de responsabilizar os sujeitos e sujeitas pela prática amorosa, afastando uma ideia de que o amor surge de maneira inata. Dessa forma, a autora enfatiza que o amor envolve fazer escolhas, e, portanto, não é algo que foge de nosso controle.

Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento. Somos com frequência ensinados que não temos controle sobre nossos “sentimentos”. Contudo, a maioria de nós aceita que escolhemos nossas ações, que a intenção e o desejo influenciam o que fazemos. Também aceitamos que nossas ações têm consequências. (HOOKS, 2020, p. 55)

Em suma, as apresentadoras reenquadram a situação amorosa de Patrícia como uma relação de esforço unilateral e, conseqüentemente, insustentável, que só tem chances de se manter com a mudança de comportamento do namorado. Nesse cenário, convocam a ouvinte a externar sua insatisfação e seu sentimento de sobrecarga com o parceiro, explicitando que o futuro da relação depende de sua mudança de comportamento.

A ouvinte é posicionada como alguém que ultrapassa as funções de namorada em sua relação amorosa, avançando para papéis que a sobrecarregam: mãe, psicóloga, *coach*, orientadora. Em contrapartida, o namorado é enquadrado como a pessoa que exerce o lugar de

tutorado — filho, paciente, mentorado. Essa dinâmica evidencia que o namorado figura na narrativa de Patrícia como alguém frágil e necessitado de auxílio; em suma, um papel infantilizado e imaturo.

Confrontando os enquadramentos

Diferentes enquadramentos se confrontam nessa história. Ao enfatizar o seu incômodo com a inércia do namorado, o enquadramento de Patrícia dá a ver, acima de tudo, o seu desejo de vê-lo com maior admiração, de ver nele uma figura de maior valor em seus parâmetros, com objetivos e ambições. Já o enquadramento das apresentadoras leva a história da ouvinte para o lado da dominação machista, enfatizando a postura exploratória do namorado.

Ademais, enquanto Patrícia se sente culpada ao tentar abordar seu sentimento de sobrecarga com o namorado, as apresentadoras defendem que o diálogo é essencial para sustentar o relacionamento, reenquadrando a situação amorosa da ouvinte como um contexto de falta de diálogo franco entre as partes envolvidas. Portanto, convocam Patrícia a verbalizar seus incômodos e necessidades, convidando-a a fazer seus sentimentos e exigências serem ouvidos. Assim, o apequenamento de Patrícia frente à pessoa amada é confrontado com o convite ao posicionamento firme e assertivo.

Além disso, enquanto Patrícia se sente encurralada na obrigação de ser uma escuta incondicional, as apresentadoras enfatizam que *esse não é o seu papel enquanto namorada*. Portanto, convidam a ouvinte a se reposicionar na relação, abandonando o papel de múltiplas tarefas e colocando o namorado em seu devido lugar — o de uma pessoa adulta que deve buscar recursos para lidar com suas questões de autoestima de forma autônoma.

Ao salientarem que Patrícia não deve tomar os problemas do namorado para si, o reenquadre das apresentadoras evidencia que a ouvinte deve sair de um posicionamento coadjuvante no relacionamento, em que não tem tido suas necessidades emocionais atendidas. Assim, o novo enquadramento destaca que Patrícia deve priorizar seu bem-estar e externar o que sente, salientando também a importância da individualidade e da independência de cada sujeito em uma relação amorosa.

Ao final do episódio, Gabi afirma: “Resumo: não seja ONG [de macho]”. Essa expressão é uma máxima comumente repetida por Déia em seu podcast *Não Inviabilize*, quando a história contada se trata de mulheres que sofrem golpes ou decepções após darem suporte

emocional e material incondicionais aos seus parceiros afetivos. Portanto, as apresentadoras alertam que namoradas não devem ultrapassar os limites de uma parceria amorosa.

Assim, em contraste com a sobrecarga, passividade e desigualdade identificadas no namoro de Patrícia, as apresentadoras associam os seguintes valores a um relacionamento amoroso satisfatório: comunicação, transparência, independência, proatividade, reciprocidade, maturidade.

5.3.2.2 Segundo eixo: apreensão de atravessamentos interseccionais

De acordo com Gabi, a história de Patrícia ilustra uma situação recorrente principalmente em relações heterossexuais, “onde a mulher é esse lugar de suporte pra tudo [...]” (PODCAST AFETOS, 2021).

Gabi: E eu acho que é muito que... Muito do que a gente é treinada durante a vida, mesmo que de forma inconsciente, assim. E o que a gente consome. Se a gente for ver, na TV etc, no audiovisual, né, normalmente o cara consegue um outro emprego, um emprego fora da cidade ou fora do país, a mulher está ali disponível pra ir com ele. Que é isso, é o suporte, sabe? “Estou com você”. E isso não acontece do outro lado, muitas vezes, assim. É...

Déia: Sim.

Gabi: Esse lugar de “Tô com você pra tudo”. **E eu acho que a gente é meio treinada pra isso, [...] pra estar nesse papel de cuidadora, de pessoa que impulsiona, que estimula.** Porque, afinal, esses caras, eles estão perdidos, e eles precisam de uma voz amiga, você precisa... Tanto que tem mulheres que reivindicam isso, né? De “Ah, eu quero ser a única amiga, quero ser não sei que”. Gente, seu parceiro precisa de uma terapeuta e um terapeuta, sabe? Isso é uma verdadeira cilada, porque isso vai te sobrecarregar. Sobrecarregar de uma forma que você não deveria tá sobrecarregada numa relação. (PODCAST AFETOS, 2021, grifo nosso)

A fala de Gabi evidencia que a dinâmica de casais heterossexuais é atravessada por expectativas sociais acerca de quais papéis são atribuídos ao homem e à mulher na vivência amorosa. Conforme apontado por Ana Sofia Antunes das Neves (2007) em *As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?*, culturalmente, o amor é categorizado como uma emoção feminina e, portanto, “[...] as qualidades expressivas do amor e da intimidade são vulgarmente reconhecidas como preocupações femininas, manifestadas através de factores emocionais intensos, tais como a gratificação, a afirmação, a prestação de cuidados e a paixão.” (NEVES, 2007, p. 613). Daí o processo em que atribui-se socialmente à mulher o exercício de múltiplas funções para com o companheiro romântico, conforme observado na história de Patrícia: mãe, babá, terapeuta, etc.

Essa dinâmica ilustra como as mulheres são ensinadas a “carregar” a relação, o que desencadeia em sobrecarga emocional e de trabalho.

O relato da ouvinte também dá a ver que seu bem-estar individual foi comprometido em nome da postura compreensiva perante o namorado. Uma vez que as mulheres são socialmente ensinadas a almejar a relação amorosa como uma importante realização social em suas vidas, estar em uma relação toma uma importância maior do que viver uma relação satisfatória. O papel de cuidadora coloca o namorado em um lugar infantilizado e, ao mesmo tempo, privilegiado, pois deposita em Patrícia seus fardos emocionais. O poder patriarcal faz com que essa dinâmica seja naturalizada na relação: a ouvinte como a responsável pela manutenção do relacionamento, deixando de lado suas necessidades enquanto indivíduo, e o namorado como o foco principal da relação.

Ao destacarem a importância da reciprocidade no relacionamento, as apresentadoras defendem uma representação da relação amorosa como esfera de tratamentos igualitários entre os envolvidos, rompendo com uma imagem do amor patriarcal em que a mulher é a responsável pelo apoio incondicional ao homem, sem contrapartida ou equivalência de tratamento entre os gêneros. Nesse sentido, Gabi, Karina e Déia se aproximam de uma noção do amor desvinculada de amarras de dominação masculina, tal como apresentado por Anthony Giddens (1993) na noção de *amor confluyente*, que pressupõe a partilha de responsabilidades iguais e a doação mútua de esforços para a manutenção da intimidade.

Há também um componente de classe no incômodo de Patrícia com a falta de proatividade da pessoa amada para mudar de vida, ter mais ambição, melhorar de emprego, abraçar oportunidades. Sua queixa revela aspectos da ideologia neoliberal, que promove o trabalho como possibilidade de ascensão social e o sucesso na vida como responsabilidade individual. De acordo com a ética individualista neoliberal, o sujeito “empresa de si mesmo” deve se gerir em busca de maximizar seus resultados e alcançar a melhor performance profissional possível, tendo em vista o desejo do sucesso e da realização pessoal. “O homem neoliberal é o homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial.” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 322). A ouvinte se incomoda com o fato de a pessoa amada não reproduzir essa lógica e, nesse contexto, o problema do namorado se torna apenas uma questão psicológica, de ordem individual, que demanda terapia. Aqui destacamos um paralelo entre as histórias de Patrícia e Jéssica, visto que ambas sinalizam a ideia da autogestão neoliberal e esforço individual como forma de autorrealização pessoal.

Retomando o que vimos no eixo “Incompatibilidade de interesses/objetivos”, em ambos os relatos percebemos as ouvintes desejosas de que seus pares românticos “evolam” em seus termos. Joana deseja namorar, mas o ficante se esquivava da conversa sobre um relacionamento sério; Patrícia ama o namorado, mas a postura acomodada deste gera aflição na ouvinte. Cada uma, à sua maneira, deseja mudar escolhas e posicionamentos do parceiro para que ele se enquadre melhor em suas expectativas de relacionamento. Há um desejo de que a pessoa amada se esforce mais para melhorar a vida a dois. Nas duas histórias, as apresentadoras convocam as ouvintes a se posicionarem de modo firme sobre seus incômodos e necessidades, indicando a importância da comunicação nas dinâmicas amorosas. Além disso, ambas são interpretadas como presas em uma dinâmica amorosa que não as contempla plenamente. Frente aos parceiros que deixam a desejar em seus parâmetros, as ouvintes são chamadas a não se apequenar diante da pessoa amada, prezando pela independência, transparência e reciprocidade. Nesse sentido, a incompatibilidade de interesses/objetivos é enquadrada pelas apresentadoras como uma questão que chama as envolvidas para a ação em direção à resolução de conflitos e incômodos.

6 CONCLUSÕES

Após o percurso analítico realizado, nos debruçamos sobre nossos achados para respondermos às nossas perguntas de pesquisa: quais representações das relações afetivo-sexuais emergem nas narrativas de mulheres negras no *podcast Afetos*, e como questões interseccionais se entrecruzam na constituição dessas imagens? De que maneira essas representações se conformam ou rompem com as formações discursivas sobre relacionamentos construídas pela perspectiva hegemônica?

Três conceitos principais orientaram nosso olhar para a empiria:

- 1) O conceito de enquadramento, que foi operacionalizado metodologicamente na análise dos enunciados do quadro *Afetos te Ajuda*, de modo a identificar como os atores em interação definiam as situações amorosas;
- 2) O conceito de representação, que guiou nosso olhar para as relações afetivo-sexuais enquanto um conjunto simbólico em constante interação com a cultura, e que, portanto, nos permite identificar marcas dos valores e sentidos em interação na sociedade;
- 3) O conceito de interseccionalidade, que nos permitiu evidenciar as particularidades das experiências amorosas a partir de diferentes eixos de poder estruturais da sociedade que permeiam as vivências afetivo-sexuais das ouvintes e das apresentadoras.

Dado este panorama, apresentamos os nossos achados a partir dos três eixos temáticos que orientaram a escolha do corpus — 1) término de relacionamento, 2) rejeição e 3) incompatibilidade de objetivos/interesses. A análise revelou a interconexão entre os três eixos: os termos de relacionamento, em alguma medida, passam pela rejeição, que, por sua vez, se relaciona com a falta de compatibilidade entre os pares românticos. Há um aspecto que une os relatos das ouvintes em todos os eixos temáticos: o ideal romântico de um final feliz, materializado na vontade das ouvintes em reatar ou “consertar” um relacionamento com uma pessoa que dá muitas evidências de não estar alinhada com seus desejos. Em todos os eixos, fica evidente a vontade das ouvintes de fazer a relação dar certo mesmo diante de cenários bastante desfavoráveis (muitas vezes, o desinteresse da outra pessoa), levando-as ao pedido de aconselhamento do programa para buscar formas de lidar com o problema amoroso ao invés de simplesmente optar por um término — por mais que essa seja, muitas vezes, a sugestão das apresentadoras. Essa idealização de um final feliz com a pessoa amada fica ainda mais evidente nos eixos “Término de relacionamento” e “Rejeição”, em que se destacam a dificuldade das ouvintes em lidar com o fim de uma relação, dando também a ver a ideia de amor como campo

de batalha, em que se deve lutar para conquistar a pessoa amada. Conforme observamos, esse desejo leva algumas a tomar atitudes drásticas e a aceitar situações desconfortáveis.

Ademais, outro aspecto que une os relatos das seis ouvintes é o desejo de ser amada, de estar com um(a) companheiro(a) satisfatório(a), que proporcione uma relação recíproca. Em suma, a carência. Fica evidente nos relatos o desejo de estar em uma relação romântica e de compartilhar sentimentos, aspirações e ambições em comum.

Ainda nesse sentido, destaca-se que, apesar da forte presença de aspectos do modelo de amor romântico – idealização de um final feliz, luta por amor –, as ouvintes também mesclam em suas representações aspectos de uma concepção de amor confluyente (Giddens), que busca por parceria e reciprocidade. Conforme fica evidente no eixo “Incompatibilidade de objetivos/interesses”, há o desejo pela partilha dos mesmos interesses na dimensão prática do dia-a-dia, o que foge de um conhecimento intuitivo (e quase sobrenatural) do outro característico do amor romântico. Principalmente no caso de Patrícia, mostra-se o desejo de afinidade nas formas de ver a vida e correr atrás dos objetivos. Enfim, as ouvintes manifestam o desejo de uma relação amorosa de construção conjunta, de um amor que não seja satisfatório apenas no discurso, mas também na prática concreta – como o caso de Joana evidencia.

Defendemos que não há uma equivalência de “poder” entre os enquadramentos das ouvintes e o das apresentadoras, uma vez que as histórias do quadro *Afetos te Ajuda* são selecionadas a critério das apresentadoras, os episódios contam com uma edição que passa pelo crivo destas e as leituras são feitas com determinada entonação e cadência que contribuem para atribuir determinados sentidos. Todos esses elementos contribuem para que os enquadramentos das apresentadoras prevaleçam sobre aqueles das ouvintes que mandam suas histórias. Portanto, há uma certa “linha editorial” que privilegia o olhar das anfitriãs do programa sobre as situações amorosas. Ainda nesse sentido, as discussões abordadas a partir dos relatos das ouvintes dialogam diretamente com questões aprofundadas em outros episódios do *Afetos*, de modo que as temáticas interagem constantemente entre si e reforçam um posicionamento das apresentadoras.

Contudo, é importante destacar que os enquadramentos propostos não são impostos de maneira unilateral, na medida em que as ouvintes são convidadas a sugerir temas e também a dar seus “pitacos” sobre as histórias nos canais de comunicação do *Afetos*, em especial no *Telegram*, onde há uma comunidade mais engajada em tecer suas reflexões sobre os episódios.

Um exemplo disso foi um episódio⁴⁸ em que as apresentadoras se retrataram sobre o posicionamento adotado para tratar das histórias enviadas pelas ouvintes, devido a uma crítica recebida pelas redes do *podcast*.

Grosso modo, na amostra analisada, os enquadramentos dados pelas apresentadoras dividem as representações das relações amorosas em dois grupos principais: 1) as representações das ouvintes, predominantemente caracterizadas por uma visão romântica que prevê a busca por um final feliz com a pessoa amada; e 2) as representações das apresentadoras, marcadas pelo questionamento a essa visão idealizada do amor e que convidam as mulheres à autonomia e ao protagonismo de suas relações.

A análise revelou que, mesmo que cada história tenha suas particularidades, as apresentadoras adotam uma espécie de “fórmula” para aconselhamento dos casos das ouvintes: a fórmula da mulher independente, ativa, que se impõe e que não desempenha um papel passivo e submisso em relação à pessoa amada. Também defendem o amor próprio e o autocuidado como prioritários na vida das mulheres, algo que não deve ser suprimido por um relacionamento. Sugerem o diálogo, estimulam a comunicação entre as pessoas em relação, defendem a tomada firme de decisões. Criticam idealizações de uma alma gêmea, um príncipe encantado, um “felizes para sempre”, um amor eterno. Defendem um amor cíclico e que só se sustenta em construção mútua, com reciprocidade e doação de todos os envolvidos.

Contudo, ao convocarem as mulheres a assumir essa postura independente, o enquadramento das apresentadoras não cai na ideia da autossuficiência ou do rechaço às relações românticas, mas reforça que é melhor estar sozinha do que mal-acompanhada. Essa compreensão se destaca quando estas sugerem que é preciso estar com alguém com objetivos em comum e, se não for esse o caso, a melhor alternativa é partir para outras experiências, ou ficar sozinha, não em um sentido pejorativo, mas sim de não abrir mão do que merece.

Partindo do entendimento de que a própria seleção das histórias das ouvintes consiste em um enquadramento, concluimos que a referida “fórmula” de aconselhamento fornecida pelas apresentadoras é o enquadre que o programa deseja “impor” e convidar as ouvintes a adotar, particularmente as mulheres. O fato de as histórias escolhidas para aconselhamento serem predominantemente da audiência feminina mostra que é com esse público em especial que o quadro deseja se comunicar. A história de Jéssica, por exemplo, ilustra o fato de que as apresentadoras introduzem certos casos que não seriam visibilizados se fossem protagonizados

48

Disponível

em:

<https://open.spotify.com/episode/6eTWTTeRYWTVd1CFgeT29Fv?si=worI27NvTmy9gkYtdkTV9Q&nd=1>.
Último acesso em 27 fev. 2023.

por homens (no referido caso, a inconformidade com o término de um relacionamento amoroso). Por se tratarem de casos de mulheres, elas acolhem esses relatos e pontuam os aspectos críticos, mobilizando a audiência a refletir sobre as problemáticas contidas na situação narrada.

Os casos das ouvintes apresentam uma dimensão meramente individual, contudo, sua dimensão política é acionada pelas apresentadoras, que destacam, nos relatos pessoais, aspectos da vivência amorosa que dizem de uma coletividade. Nesse sentido, o ponto de vista das apresentadoras enquanto mulheres negras é frequentemente convocado, por mais que a maioria das histórias das ouvintes não aborde especificamente a raça. As histórias das ouvintes são entrelaçadas às histórias das apresentadoras, convocando o público a se identificar e contar seus próprios relatos. O convite constante para que a audiência estenda a conversa para além do episódio mostra o esforço do quadro em evidenciar que os assuntos tratados no programa dizem de questões que afetam muitas pessoas, de modo que os conselhos valem não apenas para a ouvinte que enviou o relato, mas para todas as ouvintes. Portanto, em diálogo com o levantamento bibliográfico sobre a inserção política das mulheres negras no meio digital, salientamos que a presente pesquisa vem se somar a essa discussão, ao fornecer pistas para se pensar a dimensão política da esfera dos afetos para as mulheres negras dentro das potencialidades da Internet.

As reflexões das apresentadoras enfatizam que as diversas categorias de opressão estruturais, como gênero, raça, classe e sexualidade, influem diretamente na vida dessas mulheres mas, não obstante, não devem aprisioná-las em um pensamento limitante que corrobore com a permanência em lugares afetivos que não as contemplam em toda a sua potência. Nesse sentido, as ouvintes que mandam seus relatos, bem como toda a audiência, são convidadas a se colocarem em suas relações amorosas investidas de poder de agência e escolha, estabelecendo de forma clara suas necessidades e desejos com a pessoa amada. Assim, o programa estimula a passagem do lugar de vítima para o lugar de ação e protagonismo em face das adversidades amorosas.

Recuperando a imagem de uma roda de amigas, convocada na apresentação da proposta do quadro, o *Afetos Te Ajuda* configura um cenário de interação em que as amigas — apresentadoras e audiência — “batem na mesma tecla” entre si: valorize-se, tenha amor próprio, não perca a sua essência por um relacionamento. Um ponto de convergência entre todas as histórias é que, diante dos problemas enfrentados, as ouvintes não ouvem diretamente das apresentadoras que “estão fazendo a coisa certa” (o caso de Laura – que envolve a dinâmica amor/amizade – é, de certa maneira, uma exceção). Patrícia até faz a pergunta direta: “Eu tô

errada?”. É como se as ouvintes já soubessem a resposta para essa pergunta, mas precisariam de “uma amiga mais sensata” para, ao invés de apoiar seus devaneios, lhes trazer à realidade. As facilidades do formato *podcast*, como o conteúdo gravado, o recurso de acelerar ou diminuir a velocidade do áudio e a possibilidade de avançar ou retornar as falas, permitem que essa conversa possa ser ouvida de forma personalizada, repetidas vezes, em diferentes momentos ao longo das atividades cotidianas.

A discussão teórica acerca do amor e da sexualidade, em diálogo com a discussão interseccional, nos permitiu identificar discursos fortemente calcados em uma concepção monogâmica, que deposita sobre o par amoroso a responsabilidade de suprir todo um conjunto de necessidades emocionais, e nos papéis de gênero, que determinam à mulher a função de cuidar da relação e zelar pela sua permanência, muitas vezes a um custo emocional muito alto. Inclusive nas histórias de mulheres que se relacionam afetivamente com outras mulheres, se reproduz uma lógica heteronormativa de idealização amorosa e luta pelo amor.

Também identificamos que os relatos das ouvintes conferem pouco ou nenhum destaque à dimensão da sexualidade, concentrando seus questionamentos na dimensão da parceria e entrega da pessoa amada na relação. O que se conclui é que, independentemente das distintas clivagens interseccionais, todas as ouvintes convergem para o desejo de um envolvimento emocional recíproco, de evolução conjunta, conforme apontado por Somé (2007) sobre a construção da intimidade. Portanto, amor romântico e amor confluyente se mesclam.

Ademais, a análise evidenciou que, para além da raça e do gênero, outras categorias interseccionais permeiam as falas das apresentadoras e revelam o lugar específico de onde falam, notadamente, seu lugar enquanto mulheres inseridas no eixo Sul-Sudeste. Na amostra analisada, as falas de Gabi Oliveira marcam seu lugar enquanto uma mulher negra famosa, que ascendeu socialmente através de sua notoriedade nas redes digitais. Esse aspecto confere a ela uma visão específica na forma como lê os relatos das ouvintes e também na forma como se posiciona no âmbito amoroso.

Nossa análise não identificou grandes conflitos entre as falas das três apresentadoras, de modo que seus conselhos e argumentos figuram de forma coesa. Contudo, as especificidades de cada apresentadora transparecem em seus enquadramentos, de modo a influenciá-los. Déia e Gabi, por exemplo, apresentam falas mais ácidas e diretas, enquanto Karina adota um tom mais ameno e moderado. Déia e Gabi são figuras mais amplamente conhecidas devido ao seu trabalho de grande visibilidade na Internet, e, portanto, falam de um lugar distinto daquele ocupado por Karina, que não se coloca como uma figura pública. Demarcar essas diferenças de personalidade e clivagens sociais é importante na medida em que refuta a ideia de uma mulher

negra universal, evidenciando a multiplicidade de formas de estar no mundo e de interpretar os casos amorosos da audiência. Além disso, enfatiza a existência de vantagens e desníveis que atravessam a perspectiva das apresentadoras, colocando-as em lugares sociais particulares que influenciam seus enquadramentos.

A reflexão teórica acerca do formato *podcast* nos permite assinalar algumas particularidades desse meio que influenciam na análise realizada. Na ausência de imagens e da palavra escrita, se destacam nas interações as interjeições, as entonações, as risadas, as pausas, as formulações de frases, a escolha das palavras. Esses aspectos impactam na construção de sentido para a audiência e nos permitiram observar as particularidades das falas de cada uma das apresentadoras.

O formato em áudio característico do *podcast* também permite às apresentadoras uma maior liberdade para expor suas opiniões e vivências pessoais com profundidade. Em vídeo publicado em seu próprio canal para divulgação do livro *Cartografia dos afetos: uma conversa sobre vivências, descobertas e os caminhos do autoamor*, Gabi Oliveira afirma que o *podcast* apresenta um conteúdo mais íntimo, distinguindo-se dos conteúdos produzidos em suas outras redes, como *YouTube* e *Instagram*⁴⁹. No mesmo vídeo, Karina destaca, conforme já falou em episódios do *Afetos*, que se sente envergonhada de aparecer em vídeo, dificuldade também compartilhada e enfatizada por Déia. Portanto, o formato *podcast* fornece uma atmosfera de maior segurança, acolhimento e intimidade para as conversas desenvolvidas no programa, de modo a proporcionar o clima descontraído de roda de amigas enfatizado pelas apresentadoras como a proposta do quadro. Tudo isso contribui para os sentidos lá construídos.

Outro aspecto relevante a ser salientado é que o recorte temporal abarcado no corpus da pesquisa (04/02/21 a 03/03/22) compreende o período da pandemia de Covid-19, quando o convívio social estava bem mais restrito devido às medidas de lockdown. Uma parte significativa das histórias selecionadas menciona diretamente esse acontecimento, dando a ver também as peculiaridades das relações naquele momento, como a influência do confinamento na forma de vivenciar os vínculos afetivo-sexuais (a expectativa do final feliz a partir do reencontro ao fim da pandemia, o sentimento de solidão acentuado pela falta de convívio social).

Consideramos oportuno destacar a forte relação entre a Comunicação e a dinâmica dos afetos, temática que dá nome ao nosso objeto de pesquisa. Devido às limitações deste trabalho,

⁴⁹ O vídeo é intitulado “Lancei um livro! Venha conhecer o *Cartografia dos Afetos!*”, e conta com a participação de Karina Vieira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MPbnoXIGr5k&ab_channel=GabiOliveira. Acesso em: 13 mar. 2023.

não nos aprofundamos sobre a discussão da noção de afeto, mas este termo designa um processo relacional de ser acometido pelo próximo e deixar-se ser afetado. As relações afetivo-sexuais aqui tematizadas são inerentemente relações comunicacionais, na medida em que envolvem uma ação conjugada de mútua afetação, de produção e negociação de sentidos. Em consonância com uma visada praxiológica da comunicação, entendemos que as representações das relações amorosas não são pré-existentes ou inerentes, mas sim construídas na prática através de uma modelagem conjunta de sentidos. Esses sentidos produzidos relacionalmente são configurados e reconfigurados de modo contínuo, sob a influência de diferentes fatores, tais como a cultura, o contexto político e social vigente, os diferentes repertórios simbólicos dos agentes em interação, as imagens historicamente disseminadas por instituições e meios de comunicação. Portanto, é na comunicação que as representações analisadas emergem, dando a ver aspectos dessa atividade conjugada de construção de um mundo comum.

Partindo dessa perspectiva, interpretamos que, para as ouvintes, o ato de escrever as suas questões amorosas para o *podcast* configura uma forma de conferir concretude a seus problemas, como se a formulação fosse uma forma de tornar esse problema real, tirando-o do âmbito do abstrato e transferindo-o para a realidade concreta. Seus dilemas deixam de ser formulações individuais e passam pelo crivo das apresentadoras e do público, ganhando uma nova dimensão. Ademais, a escrita e busca por ajuda reverberam seu arcabouço simbólico acerca de relações amorosas e abre margem para a construção de outras representações, uma vez que os agentes em interação (público e apresentadoras) se apropriam de seus relatos e constroem suas próprias leituras sobre o assunto. Da mesma forma, as representações produzidas pelas apresentadoras — da mulher independente, protagonista de sua própria história — são fruto deste diálogo com os sentidos construídos pelas ouvintes, partindo de seus relatos para propor novos referenciais sobre as relações afetivo-sexuais. A partir disso, as comunicadoras convidam as ouvintes a se portarem de outras formas em suas relações, levando para a prática um conceito emancipador de relações amorosas.

Por fim, concluímos que as representações das relações amorosas construídas no quadro *Afetos Te Ajuda* apresentam contribuições para se pensar como noções hegemônicas sobre o amor flertam e negociam com concepções que partem de outros referenciais, já que o modelo de amor romântico, amplamente atrelado às estruturas de poder vigentes, interage com outros modelos de caráter mais emancipatório, em consonância com demandas contemporâneas, resultando em uma terceira construção simbólica. Consideramos que a interação entre esses diferentes modelos de amor nas práticas sociais é um aspecto profícuo a ser aprofundado por outras pesquisas.

Nosso percurso suscitou novas perguntas, como: de que maneira os diálogos sobre as relações afetivo-sexuais encampados na internet mobilizam os públicos? Como a temática tem sido explorada e ressignificada em outras plataformas digitais, para além do *podcast*? De que maneira esse tema tem sido apropriado e monetizado por produtores(as) de conteúdo? O que isso indica sobre as demandas do público? Estas são possibilidades de pesquisas a serem desenvolvidas posteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/62/72>. Acesso em: 16 fev. 2023.

AZEVEDO, Lidia Michelle Damasceno. **Beleza como negócio: a construção econômica e tecnológica das influenciadoras digitais negras**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

BARROS, Zelinda dos Santos. Representações do pensamento social acerca do casamento inter-racial. In: **Enfoques On-line: Revista Eletrônica dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia**. - V.7, n.1 (Março, 2008). - Rio de Janeiro: PPGSA, 2008.

BERRY, Richard. Podcasting: considering the evolution of the medium and its association with the word 'radio'. **Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media**, v. 14, n. 1, p. 7-22, 2016. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/74368966.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, p. 13-32, 3 jul. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

CAMPOS, Cristiane Cardoso. **Anastácias sem máscaras: beleza negra e antirracismo no youtube brasil**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Organização Ashoka Empreendedores Sociais. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano. 2003. p. 49-58.

CARVALHO, Elen Taline Silva de. **Mulheres negras na construção de autodefinições: uma análise de suas escritas para o Blogueiras Negras**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

CARVALHO, Mayra Bernardes Medeiros de. **Esse boom é nosso?: Discursos sobre a transição capilar na publicidade de cosméticos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CASALI, Caroline; SOUZA, Camila Pilla de Azevedo e. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 20, n. 1, p. 52-65, jan./jun. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/17272>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CASTRO, Fabiana Leonel de. **Negras jovens feministas: sexualidade, imagens e vivências**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva. Etarismo e promoção do ageless na publicidade contemporânea. In: ANAIS DO 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2022, Imperatriz. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas, Galoá, 2022. Disponível em:

<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/etarismo-e-promocao-do-ageless-na-publicidade-contemporanea?lang=pt-br#>. Acesso em: 04 abr. 2023.

CASTRO, Gisela. *Podcasting* e consumo cultural. **E-Compós**, v. 4, p.1-18, 2005. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/53>>. Acesso em: 4 jun. 2022.

CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. **Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Porto, Porto, 2021.

CLEMENTE, Flávia da Silva. **Novas manifestações de racismo e sexismo contra mulheres negras e contradiscursos das ativistas digitais negras**. 2019. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

COÊLHO, Tamires; CORRÊA, Laura Guimarães. Normas e valores. In: FRANÇA, Vera; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (org.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação**. Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2014, p. 119-122.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 171- 188, 2002. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

CRUZ, Agnes Sofia Guimarães. **Dados e narrativas sobre a violência contra mulheres negras: uma análise da cobertura noticiosa da Folha de São Paulo e do conteúdo produzido pelo portal Geledés**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2018.

DIAS, Sonia Maria Barbosa. **O papel da internet para as redes de organizações não-governamentais: o caso da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

FORMIGA, Glêides Simone de Figueiredo. **No rastro de dores: trajetórias de vida e registros de superação em narrativas de mulheres negras com experiência de relações afetivo-sexuais com outras mulheres.** 2015. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2015.

FRANÇA, Vera et al. Enquadramento. *In*: FRANÇA, Vera; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (org.). **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação.** Belo Horizonte: PPGCom UFMG, 2014, p. 82-85.

FRANÇA, Vera. Representações, mediações e práticas comunicativas. *In*: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Idéias & Letras, 2004, p. 13-25.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOMES, Maria Lúcia Adriana Silva. **Narrativas de mulheres negras no Youtube.** 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) - Fundação Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2020.

GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". *In*: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Rio Janeiro: Zahar, 2020. 375 p.

HALL, Stuart. O papel da representação. *In*: HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Apicuri, 2016. p. 31-75.

HOOKS, bell. O olhar opositor: mulheres negras espectadoras. *In*: HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Editora Elefante, 2019, p. 182-203.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. Vivendo de amor. **Portal Geledés**, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Dulcilei da Conceição. **#Conectadas: o feminismo negro nas redes sociais.** 2020. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal do ABC, São Bernardo, 2020.

LIMA, Lunalva de Oliveira Mendes. **A repercussão e o impacto de narrativas contraintuitivas na subjetividade da audiência de influenciadoras digitais negras brasileiras.** 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2018.

- LOPES, Dailza Araújo. **Ciberativismo como estratégia política**: um estudo sobre grupos de mulheres negras crespas e cacheadas no facebook e em Salvador. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- MACEDO, Ana Cláudia Beserra. **Colonialidade da sexualidade**: uma análise comparada e colaborativa sobre violência em relações lésbicas em Bogotá, Brasília e Cidade do México. 2020. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- MAIA, Camila Pereira. **Corpo e estética corporal**: o papel das páginas do Facebook no empoderamento de mulheres negras. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- NÃO INVIABILIZE. **Não Inviabilize**, c2023. Página inicial. Disponível em: <https://naoinviabilize.com.br/>. Acesso em: 03 mar. 2023.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual**: possibilidades nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.
- NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(3): 609-627, setembro-dezembro/2007.
- NJERI, Aza. Amor: um Ato Político-Poético. *In*: SANTO, Franciele Monique Scopet dos; CORRÊA, Diogo Silva. **Ética e Filosofia**: gênero, raça e diversidade cultural. Porto Alegre: Editora Fi, 2020, p. 43-74.
- NOGUERA, Renato. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.
- NÚÑEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. **ClimaCom – Diante dos Negacionismos** [online], Campinas, ano 8, n. 21, nov. 2021. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2021/12/GENI.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f...., negra para trabalhar”**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. **Dengos e zangas das mulheres-moringa**: vivências afetivo-sexuais de mulheres negras. 2019. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Quando falamos de amor: vivências afetivas na produção de intelectuais negras. *In*: CONGRESSO EPISTEMOLOGIAS DO SUL, 2, 2017, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos** [...]. Foz do Iguaçu: UNILA, p. 254-262, 2018. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/aeces/article/view/699/622>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

PEREIRA, Evelyn Santos. **Pedagogias culturais de contestação e empoderamento de mulheres negras**: um estudo sobre o canal Afros e Afins do Youtube. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2020.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Para além da emissão sonora**: as interações no podcasting. **Intexto: revista do mestrado da comunicação UFRGS**, Porto Alegre, v. 2, n. 12, p. 1-23, jul./dez., 2005. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26568>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIOS, Flávia; FREITAS, Viviane Gonçalves. Nzinga Informativo: Redes comunicativas e organizacionais na formação do feminismo negro brasileiro. **Cadernos Adenauer**, Berlim, ano XIX, n. 1, v. 1, p. 25-45, 2018.

ROCHA, Diogo Tognolo. **Para além de uma dúvida razoável**: Serial e a busca da verdade. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, v.10, 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384446117_ARQUIVO_CristianoRodrigues.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 34, p. 1-54, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/i/2021.n34/>. Acesso em 20 mar. 2023.

RODRIGUES, Laís Modelli. **Blogs coletivos feministas**: um estudo sobre o feminismo brasileiro na era das redes sociais na internet. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2016.

ROJAS, Angelina. 2015. El amor y las fúrias: reflexiones em torno al amor, el maltrato y la violencia en el seno de las relaciones de pareja lesbiana. **Revista Punto Género**, nº 5, pp. 85-108.

SANTOS, Ana Carolina Moraes dos. **Grana preta**: por um afroempreendedorismo sustentável na internet. 2021. Dissertação (Mestrado em Mídia e Tecnologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2021.

SILVA, Amanda Raquel da. **A cor das relações**: corpo, idade e afetividade na experiência de mulheres negras em um bairro de Natal/RN. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SILVA, Pâmela Guimarães da. **De Lélia Gonzalez a Marielle Franco**: mulheres negras e seus processos comunicacionais interseccionais de resistência. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SILVA, Thaís Pereira da. **Construções identitárias & TICs: o caso do blog “Blogueiras Negras”**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SIMÕES, Paula Guimarães. **Mulheres Apaixonadas e outras histórias: amor, telenovela e vida social**. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2007.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

TEDX TALKS. **Precisamos falar mais sobre afetos**. YouTube, 28 de outubro de 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ryUuVrCOeWs&ab_channel=TEDxTalks. Acesso em: 03 abr. 2023.

YOSHIMOTO, Eduardo. **Das ondas do rádio à teia da rede: podcast Café Brasil**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Franca, Franca, 2014.

YOU'VE GOT TO LEARN. Intérprete: Nina Simone. Compositora: Nina Simone. *In: I Put A Spell On You*. Intérprete: Nina Simone. [S.l.]: Philips Records, 1965. 1 CD, faixa 11.

Podcasts analisados

Karen e Patrícia

PODCAST AFETOS: Afetos te Ajuda part. Não Inviabilize #102. [Locução de]: Déia Freitas, Gabi Oliveira, Karina Vieira. [S.l.], Spotify, 01 jul. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6HkyiekETIbWPable2M0n1>. Acesso em: 03 abr. 2023.

Laura

PODCAST AFETOS: Afetos te Ajuda part. Não Inviabilize - Afetos #119. [Locução de]: Déia Freitas, Gabi Oliveira, Karina Vieira. [S.l.], Spotify, 28 out. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4p6g02hSfN5JdFRMgFju1q?si=88885acc6d1b4bcd>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Joana

PODCAST AFETOS: Afetos te Ajuda part. Não Inviabilize - Afetos #81. [Locução de]: Déia Freitas, Gabi Oliveira, Karina Vieira. [S.l.], Spotify, 04 fev. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1KwMLmc3Qv9JnVAGlo3ype>. Acesso em: 03 abr. 2023.

Jéssica e Sofia

PODCAST AFETOS: Afetos te Ajuda part. Não Inviabilize parte 4 - Afetos #93. [Locução de]: Déia Freitas, Gabi Oliveira, Karina Vieira. [S.l.], Spotify, 29 abr. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2Mg49diumpvR04Utxjj3fu>. Acesso em: 03 abr. 2023.

ANEXO A - Mapeamento dos episódios do quadro Afetos te Ajuda (4 de fevereiro de 2021 a 3 de março de 2022)

Título	Data de publicação	Descrição	Duração	Fala sobre relacionamentos afetivo-sexuais?
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZ E - AFETOS #81	4 de fev. 2021	<p>O encontro mais aguardado da nossa podsfera aconteceu! AFETOS e Não Inviabilize juntos na estréia do quadro: AFETOS te ajuda.</p> <p>Contamos 2 histórias das ouvintes e junto com a nossa convidada especial Déia Freitas, demos os nossos pitacos.</p> <p>A primeira história é de uma seguidora que quer namorar. A outra de uma seguidora que enfrentou questões com a obesidade e agora está com dificuldades para deixar de ser virgem.</p> <p>Dá o play.</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #81 do AFETOS.</p> <p>Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do Telegram: t.me/AFETOSpodcast para continuarmos essa conversa.</p>	47m 18s	Sim
AFETOS TE AJUDA PART 2 - AFETOS #85	4 de mar. 2021	<p>AFETOS te ajuda está de volta e contando 3 histórias.</p> <p>"O que fazer quando você é a pessoa tóxica do relacionamento?", "Meu trisal se desfez e me sinto preterida, como reagir?" e "Passei pela transição capilar, estou sofrendo racismo e não sei como agir".</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #85 do AFETOS.</p> <p>Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do</p>	34m 58s	Em partes

		Telegram: t.me/AFETOSpodcast para continuarmos essa conversa.		
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZ E part 3 - AFETOS #89	1 de abr. 2021	<p>AFETOS te ajuda está de volta agora com a presença fixa da Não Inviabilize!</p> <p>As histórias de hoje são: "E quando a gente tem vergonha de se expor nas redes?" e "Como melhorar a péssima convivência entre a minha família e eu?".</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #89 do AFETOS.</p> <p>Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do Telegram: t.me/AFETOSpodcast para continuarmos essa conversa.</p>	47m 32s	Não
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZ E PARTE 4 - AFETOS #93	29 de abr. 2021	<p>AFETOS te ajuda + Não Inviabilize dando pitacos sobre duas histórias: "Terminei e me arrependi, fui bloqueada em todas as redes, o que fazer?" e "Entrei em um relacionamento abusivo e me afastei de todos os meus amigos, sei que fiz errado e quero retomar essas amizades, é possível?".</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #93 do AFETOS.</p> <p>Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do Telegram: t.me/AFETOSpodcast para continuarmos essa conversa.</p>	30m 57s	Sim
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZ E - AFETOS #98	3 de jun. 2021	<p>AFETOS te ajuda + Não Inviabilize dando pitacos sobre duas histórias:</p> <p>"Sofri racismo no trabalho, como (re)agir?" e "Vocês já falharam com uma grande amiga?".</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #98 do AFETOS.</p> <p>Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do Telegram: t.me/AFETOSpodcast para</p>	39m 38s	Não

		continuarmos essa conversa.		
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #102	1 de jul. 2021	<p>AFETOS te ajuda + Não Inviabilize dando nossos pitacos sobre duas histórias:</p> <p>"O que vem depois do não?" e "Eu sou mola e meu namorado é âncora, como fazer dar certo?".</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #102 do AFETOS.</p> <p>Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do Telegram: t.me/AFETOSpodcast para continuarmos essa conversa.</p>	31m 31s	Sim
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #106	29 de jul. 2021	<p>AFETOS te ajuda + Não Inviabilize dando nosso pitacos sobre duas histórias:</p> <p>"Nunca me relacionei amorosamente com alguém, como começar?" E "Como podem naturalizar que nós não somos dignas de afeto?".</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #106 do AFETOS.</p> <p>Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do Telegram: t.me/AFETOSpodcast para continuarmos essa conversa.</p>	41m 54s	Sim
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #110	26 de ago. 2021	<p>AFETOS te ajuda + Não Inviabilize dando nossos pitacos sobre duas histórias:</p> <p>"Desconfio do meu marido e vou colocar uma escuta no carro dele" e "Voltei pro meu ex e se antes era a namorada, agora sou a outra".</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #110 do AFETOS.</p> <p>Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do Telegram: t.me/AFETOSpodcast para continuarmos essa conversa.</p>	31m 28s	Sim

AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZ E - AFETOS #115	30 de set. 2021	<p>AFETOS te ajuda + Não Inviabilize dando os nossos pitacos sobre duas histórias bem diferentes sobre convivência familiar, conflitos, dependências e solidão: "Meu namorado sustenta a família dele e isso está gerando conflitos entre a gente" e "Pelo bem da minha saúde mental preciso sair de casa, mas não consigo".</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #115 do AFETOS. Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do Telegram: t.me/AFETOSpodcast para continuarmos essa conversa.</p>	31m 26s	Em partes (1/2)
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZ E - AFETOS #119	28 de out. 2021	<p>AFETOS te ajuda + Não Inviabilize dando os nossos pitacos sobre duas histórias de relacionamentos romântico: "Meu declarei, não fui correspondida e me sinto vulnerável, o que fazer?" e "Fiquei com um cara do APP, foi ótimo mas depois ele mudou, porque?".</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #119 do AFETOS.</p> <p>Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do Telegram: t.me/AFETOSpodcast para continuarmos essa conversa.</p>	34m 07s	Sim
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZ E - AFETOS #123	29 de nov. 2021	<p>AFETOS te ajuda + Não Inviabilize dando os nossos pitacos sobre duas histórias de racismo em relacionamentos interracialis: "Meu companheiro fez um comentário racista pra mim, isso é imperdoável?" E "Meus sogros são racistas comigo e com a minha filha, mas meu marido me apoia, o que devo fazer?"</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #123 do AFETOS.</p> <p>Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do Telegram: t.me/AFETOSpodcast para continuarmos essa conversa.</p>	28m 37s	Sim

<p>AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZ E - AFETOS #132</p>	<p>3 de mar. 2022</p>	<p>AFETOS te ajuda + Não Inviabilize dando os nossos pitacos sobre duas histórias de relacionamentos: Uma sobre um relacionamento abusivo com violências físicas e psicológicas (3:55) e outra sobre um relacionamento entre pessoas de idades bem diferentes (23:29).</p> <p>Seja bem vinda(o) ao episódio #132 do AFETOS.</p> <p>Nós, Gabi Oliveira e Karina Vieira, te esperamos no Instagram: @Afetospodcast; no Twitter: @PAfetos e no Grupo do Telegram: t.me/AFETOSpodcast para continuarmos essa conversa.</p>	<p>32m 38s</p>	<p>Sim</p>
---	-----------------------	--	----------------	------------

ANEXO B - Mapeamento temático dos episódios de *Afetos te Ajuda*

Título	Data de publicação	Palavras-chave	O episódio tematiza relações amorosas com centralidade?
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #81	4 de fev. 2021	História 1: Relacionamento incerto; mulher quer namorar; incompatibilidade de objetivos História 2: Sexo, perder a virgindade; mulher mais velha; mulher gorda; mulher negra	Sim
AFETOS TE AJUDA PART 2 - AFETOS #85	4 de mar. 2021	História 1: Término de relacionamento; relacionamento tóxico; questões familiares; rompimento de padrões História 2: Trisal; relacionamento aberto; término de relacionamento; preterimento História 3: Transição capilar; racismo; como se defender?	Em partes (2/3)
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE part 3 - AFETOS #89	1 de abr. 2021	História 1: Vergonha de se expor nas redes sociais; medo de exposição; vergonha de divulgar o que ama fazer nas redes História 2: Questões familiares; má convivência familiar; relação mãe-filha	Não
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE PARTE 4 - AFETOS #93	29 de abr. 2021	História 1: Término de relacionamento; bloqueada após término; sentimento de abandono; quer voltar o relacionamento; mulher negra; rejeição História 2: Amizades; relacionamento abusivo; término de relacionamento; quer fazer amizades	Sim
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #98	3 de jun. 2021	História 1: Racismo no trabalho História 2: Amizades; término de amizade; traição de amizade	Não

AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #102	1 de jul. 2021	História 1: Interesse em uma menina; recebeu um não; sensação de preterimento; mulher negra; rejeição História 2: Namorado negativo; namorado inseguro; casal com incompatibilidade de objetivos	Sim
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #106	29 de jul. 2021	História 1: Mulher de 25 anos nunca namorou; vontade de iniciar um relacionamento; insegurança; sentimento de incompletude na vida amorosa História 2: Mulher negra; falta de afeto; preterimento; questiona se está sendo usada ou amada em diferentes relações; solidão da mulher negra; passou a se priorizar; terapia	Em partes (a segunda história também se aplica a relações familiares e de amizade)
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #110	26 de ago. 2021	História 1: Suspeita de traição; casamento; desconfiança; escuta espiã; honestidade no relacionamento História 2: Término de relacionamento; traição; reaproximação com o ex; envolvimento com homem casado	Sim
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #115	30 de set. 2021	História 1: Vontade de casar; questões familiares; marido é provedor da família; relacionamento e finanças História 2: relação mãe-filha; dependência emocional; dependência financeira; senso de responsabilidade; questões familiares	Em partes (1/2)
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #119	28 de out. 2021	História 1: Apaixonada pelo amigo; ele só quer amizade; vulnerabilidade; sentimento sem reciprocidade; declaração de amor; amor não correspondido; rejeição História 2: App de relacionamento; relação casual; cara se afasta da moça; expectativas; ficante se afasta;	Sim

		quebra de expectativas; alinhamento de expectativas; silêncio	
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #123	29 de nov. 2021	História 1: Relação inter-racial; racismo; perdão História 2: Relação inter-racial; racismo; questões familiares	Sim
AFETOS TE AJUDA PART. NÃO INVIABILIZE - AFETOS #132	3 de mar. 2022	História 1: Relacionamento abusivo; agressão; término de relacionamento; violência; amor de adolescência História 2: Namoro com diferença de idade; questões familiares; insegurança	Sim